ZARGUEIDA,
DESCOBRIMENTO

DA

ILHA DA MADEIRA,
POEMA HEROICO,

DEDICADO

AO

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

CONDE DE VILLA VERDE

Grão Cruz da Ordem de S. Tiago, Cavalleiro da Ordem do Tozão de Ouro, do Conselho de Estado do PRINCIPE REGENTE *N. S. Ministro assistente ao Despacho do Gabinete de S. A. R., Seu Gentil Homem da Camara, Presidente da Real Junta do Commercio, &c., &c., &c.*

POR SEU AUTHOR

FRANCISCO DE PAULA MEDINA E VASCONCELLOS.

LISBOA. M. DCCCVI.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

DEDICATORIA.

EXCELSO VILLA VERDE, a Ti, que espalhas
Da Tua Protecção sombras amenas
Sobre aquelles, que estimas, e agazalhas,

A Ti que prezas das fiéis Camenas
O grato doce Canto alti-canoro,
E que és dos Vates o Exemplar Mecenas,

Nas Aras do Respeito humilde imploro
Te dignes de acceitar estes meus Cantos,
Em honra d'hum Heróe, que firme adoro

Sua Gloria immortal, seus Feitos Santos
Tentei eternizar em culto metro
Sem presumir de mim talentos tantos;

'E com voz costumada a humilde plectro
O meu Heróe cantei em tuba d'ouro
Sem que a Arte me desse o Delio Sceptro.

Confiou-me benigna o seu thesouro,
He verdade, SENHOR, a Natureza
Mas não me póz na frente o Sacro Louro.

Mil vezes desmaiei na grande Empreza,
Lançando minhas vistas receosas
Sobre a do Assumpto sem igual Grandeza:

E a não ser eu por vozes poderosas
D'outro Heróe tantas vezes animado (*)
Não cantára por certo Acções Pasmosas.

Foi

(*) *O Excellentissimo D. José Manoel da Camara, que no anno de 1802. era Governador, e Capttão General da Ilha da Madeira, minha Patria, foi quem, despertando meu Estro adormecido, me animou per muitas vezes a embocar a Tuba.*

Foi delle, em fim, que pela mão guiado
Entrei na Sacra Selva da Poezia,
Onde o Grande Camões foi coroado;

Tanto enredada a achei, tanto sombria,
Que, a não ser sua Luz brilhante, e clara,
No Laberyntho seu me perderia.

Oh! maravilha mais, que todas, rara!
Oh! milagre do Ceo mais, que Divino!
Feliz o Vate, a quem Camões ampara,

Ao Preceito faltei do Venozino, (*)
Tomei sobre meus hombros carga immensa,
Quando quasi sem forças me imagino:

Mas a quem fiz, Senhor, eu nisto offensa?
Appareça o Juiz, que julgue o crime,
Póde ser, que a favor saia a Sentença.

A punir-me talvez ninguem se anime,
Vendo a causa porque me dei ao pezo
D'hum fardo, que o maior Engenho opprime.

Tal-

(*) *Sumioe materiam vestris, &c., &c., &c.*

Horac. Art. Poet.

Talvez, talvez que então de culpa illézo
Me acclamem pelo mundo, conhecendo
Ser Lei da Gratidão, que adoro, e prézo.

Diz Horacio, que cahe n'hum vicio horrendo
Aquelle, que, sem arte, quer ousado
Fugir ao proprio vicio: (*) (assim o entendo:)

Mas como eu não fiz mais do que obrigado
Da Santa Gratidão, a quem respeito,
Cantar Heroico Assumpto não cantado,

Se cahido tiver n'algum defeito
Castigo não mereço, porque tenho
Sómente Natureza, e não Preceito.

He difficil do Assumpto o Desempenho:
Qnando he Grande a Materia, que se trata,
Pouco vale, sem arte, haver engenho.

» Mil vezes cahe quem se não precata:
» Qnem a tudo o, que cuida, solta a penna,
» Muitas cousas enfeixa, poucas ata. » (**)

Mas

(*) *In vitium ducit*, &c. Horac. Art. Poet.

(**) *São de Bernardes*, *Carta X.*

Mas já basta, SENHOR, mude-se a Scena;
Digno he de compaixão, e de piedade
Aquelle, que a si proprio se condemna.

Benigno me perdoa a liberdade,
Que tomo de offertar-te o meu Poema,
Despido de belleza, e magestade.

Se o acceitas, farás com que eu não tema,
Que corra pelo mundo affoitamente,
Antes nisso terei vaidade extrema.

TEU GRANDE NOME estampa-lhe na frente;
Só assim posso ter inda a ventura
De ser ditoso, e de viver contente:

» E se Tua Clara Luz, que a nevoa escura
» Dos bons Engenhos vai alevantando,
» E do Pindo lhes mostra a mór altura,

» Me for por esta Selva lumiando,
» Onde Amor me metteo alta, e sombria,
» Por onde vou a medo caminhando,

» In-

» Inda espero, que vejas algum dia
» Com novo louvor teu mais doce Canto,
» Porque tendo tão certa, e fiel Guia,
» Não he muito de mim prometter tanto. (*)

Beija as Mãos de V. Excellencia

O seu mais humilde subdito,

Francisco de Paula Medina, e Vasconcellos.

(*) *Bernardes Carta II.*

PROLOGO.

EMprehender hum Poema Epico no Seculo XIX., em que as Luzes, e os Exemplos são tão capazes de intimidar, como de esclarecer, fôra sempre huma grande animozidade, ainda quando este se não ordenasse, e compozesse no curto espaço de quatro mezes. Deve-se porém este Milagre á Gratidão, e á Justiça. Animado, e suggerido pelo Espirito Energico, e Patriotico do Ex.mo D. José Manoel da Camara, em 1802. Governador, e Capitão General da Ilha da Madeira, minha Patria, entrei nesta Grande Empreza mais, para lhe dar satisfação, e prazer, do que por fiar de minhas forças tão difficil desempenho. Nestas circumstancias o consultei como Quintilio, e logo que a Paz desceo sobre a Europa me lancei nos braços das Musas, que até alli me bafejavão mais com os favores da Natureza, do que com os dispendios da Arte; e entrando então nos Bosques da Ilha, procurei nos desvios do povoado profundar o meu Assumpto, soltando as azas á minha Imaginação. Conheço que me atrevi a muito, e tambem conheço que falto

ao judicioso Preceito do Divino Horacio, que muito abertamente nos diz : *Carmen reprehendite , quod non multa dies , & multa litura coercuit , atque prefectum decies non castigavit ad unguem* : e em outra parte : *nonumque prematur in annum , &c.* porém revele o Púplico Respeitavel o Vôo da Ousadia , pela esperança , que me fica de que nas suas reflecções acharei depois mais fundamento , para corrigir o meu Poema , e talvez melhorallo , illustrando-o tambem com algumas Notas , que melhor disponhão a sua Inteligencia , se merecer reimprimir-se. Os versos que se encontrão cedilhados são pela maior parte do Immortal Camões , do Regular Gabriel Pereira de Castro , do nosso Pindaro Portuguez Elpino Nonacriense , e do Insigne Bocage.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

SONETO.

A Ti, Vate sem par, cujo Estro inflamma
Do Numen Patareo o Sol fulgente,
A ti, Grande Bocage, cuja Frente
De Sacros Louros Delfica se enrama,

Cumpre o levar o meu Poema á chamma
Da tua Sábia Critica Prudente
Ninguem mais do que tu independente
Lhe póde grangear perpétua fama.

Segue tu pois da Sã Justiça o trilho;
Castiga os Cantos meus; dá-lhes belleza;
A' tua Correcção he que os humilho:

Sejamos Immortaes na Redondeza;
Tu dando ao meu Poema eterno brilho,
E eu só porque tentei tão Grande Empreza.

Medina.

Resposta ao Soneto antecedente.

SONETO.

De Zargo o Heroico ardor, que luz na Fama
Cantas em metro altisono, e fervente:
Nautica Lusa Gloria em seu Oriente
Por ti, qual no Zenith, esparge a flamma.

Do misero Machim, da triste Dama
Choras o infausto amor tão docemente,
Que o Tronco o sabe, que o Rochedo o sente,
Que a Terra geme... e que fará quem ama!

A, que de Homero a par no Elysio avulta,
Sombra do Grão Camões Alta, e Divina,
Crê que falla em teus sons: attende, exulta;

A face para ti, sorrindo, inclina,
E ao teu Canto Vivaz, que o Tempo insulta,
Gráo, não longe do seu, já lá destina.

Bocage.

ZARGUEIDA.

CANTO PRIMEIRO

ARGUMENTO.

FAzem Concilio os Deoses Soberanos
Sobre qual seja a Terra florecente,
Que por gloria immortal dos Lusitanos
Fosse a placida Escala do Oriente:
Baccho approva de Jupiter os planos,
Desce ao mar em favor da Lusa Gente,
E depois de assistir-lhe transformado,
He pelo Rei dos Mares hospedado.

I.

AGora, que mordendo o ferreo freio,
Prêza a Guerra vomita infernaes iras,
E que da Santa Paz no fertil seio,
Patria minha feliz, Leda respiras:
Agora, que, sem susto, e sem receio,
Aos meigos braços do Prazer te atiras,
E que já livre de desgraças tantas
A pampinosa frente ao ar levantas.

II.

Pelas mimosas mãos da Singeleza
Cingida a testa de Apollinea Rama,
Bem, qual outro Camões, entro na Empreza
De em metro eternizar Primeiro Gama:
Se a Arte for propicia á Natureza,
Darei hum novo Canto á voz da Fama;
Do Teu Descobridor para memoria,
Farei resuscitar o Nome, e a Gloria.

III.

Em quanto geme prêza a brutal Guerra,
O' tu, Singela Candida Verdade,
Vem lá dos Altos Ceos á baixa Terra
Revestir-me da tua Divindade:
A fraqueza, o temor de mim desterra;
Dá-me do Gráo Camões a magestade;
Se me tiras do languido lethargo
Serei Novo Camões, meu Gama o Zargo.

IV.

Não te intimide o ver seu Grande Nome
Já de Seculos tres curvado ao pezo;
O Tempo tragador não o consome,
Ainda de seus golpes vive illeso:
E pois que o Genio meu manda, que tome
A Tuba de oiro, em Delia Chamma acceso
Só de ti, Sacra Diva, necessito;
Dá nova força a meu sublime grito.

V.

Ajuda-me a dizer como a Madeira
Se descobrio aos olhos dos Mundanos,
Para ser dentre as Ilhas a Primeira,
Que désse maior gloria aos Lusitanos:
Sim, recita-me a historia verdadeira
Dos valorosos Feitos mais que humanos
D'Aquelle Inclito Heroe d'Alta Grandeza
No valor, nas acções, na fortaleza.

VI.

Ah! que eu já sinto, sim, ah! que eu já sinto
A tua Divinal Doce Influencia!
Idéas mil em vasto labyrintho
Nova fórma me dão, e nova essencia!
Que tanto baste, ó Deosa, não consinto;
Desce lá dessa Olympica Eminencia,
E, porque o Canto meu aos Astros suba;
Ajuda-me a embocar sonoro a tuba.

VII.

Rasgando nuvens de fulgente prata
A Sacrosanta Diva me apparece!...
Seu Divino Esplendor eis me arrebata,
Me transporta, me anima, e fortalece!...
Já sobre mim solicita desata
Raios de Luz, que a mente me esclarece!...
Salve, Numen Fiel; com furor santo
Ao Som da Tuba o Grande Zargo Canto.

VIII.

E Vós, Excelso Principe Regente,
Que Empunhais Soberano o Luso Sceptrò;
Ouvi, Ouvi meu Canto alti-cadente
Em grandiloquo estilo, em culto metro:
Se até Vós não chegárão felizmente
Os sons canoros de meu brando plectro,
Cheguem da Tuba os sons; talvez que eu seja
Algum dia por Vós digno de inveja.

IX.

Reinava em Portugal João Primeiro,
Aquelle Grande Heroe d'Alta Memoria,
Aquelle Pai da Patria Justiceiro,
De quem falla submissa a Lusa Historia:
Ainda deste Impavido Guerreiro,
A Quem propicia foi sempre a Victoria,
Longe de Ceuta aonde se escondia
Zalá-Bençalá pávido tremia.

X.

O Infante Henrique, Santo Heroe Famoso,
De Quem inda se adorão as Proezas,
Constante, Sabio, Justo, e Valoroso
Meditava grandissimas Emprezas:
De amontoar Conquistas Cobiçoso,
Indo apôs de arriscadas incertezas,
Por vias pelos Lusos nunca abertas,
Tentava não tentadas Descobertas.

XI.

XI.

Quando Jupiter lá no Ethereo Assento,
Os Deoses em Concilio congregando,
Faz de todos Sagrado Ajuntamento,
A todos seus lugares destinando:
Nos volumes do Sacro Pensamento
O Fulminante Numen folheando,
Tendo então posto em boa ordem tudo,
Ficou por longo espaço Quedo, e Mudo.

XII.

Estava alli sentado o Deos Tonante
Sobre hum Throno de Estrellas Refulgente;
Tinha na Dextra a Lança Penetrante,
E na Sinistra o Raio Sempre Ardente:
Corôa de purissimo diamante
Lhe circulava Augusta a Sacra Frente;
E huma Faxa da cor do mar salgado
Lhe pendia do esquerdo ao dextro Lado.

XIII.

Mais brilhante, que nunca a todo o Mundo
O Estellifero Olympo se mostrava;
Quanto alli póde haver de mais jucundo,
Naquelle fausto dia alli se achava:
Tudo em silencio esteve o mais profundo,
Entretanto que Jupiter pensava;
Mas depois treme o Polo Cristallino
Da Altisonante Vóz ao som Divino.

XIV.

XIV.

Deoses do Olympo, Deoses Soberanos,
Sem Nosso Patrocinio, certamente
Náo poderáõ os miseros humanos
Tentar altas Emprezas felizmente:
Entrando do Futuro nos Arcanos,
Vejo estar destinado á Lusa Gente
O demandar nos seculos futuros
Do Reino de Memnon os climas duros.

XV.

Por immutaveis Leis de Justos Fados
Valorosos Heroes de Nação Lusa
Estáo, ha longos tempos, destinados
A Emprezas, que audaz animo recusa:
„ Por mares nunca dantes navegados „
Em curvas quilhas, de que o vento abusa,
Vencendo p'rigos com audacia estranha,
As Terras tocaraõ, que o Ganges banha.

XVI.

Esta Illustre Nação, que se tem feito
Grande no Nome, Celebre na Fama,
Verá da Aurora o Cristallino Leito,
Que abrilhanta do Sol nascente a chamma:
A p'rigos mil, a guerras mil sujeito
Para esta Empreza se destina hum Gama,
Hum Heroe, que nos seculos vindouros
No Ganges colherá palmas, e louros.

XVII.

Deixando as margens do Ceruleo Téjo
Em cavos Lenhos, que amedrentem mares,
Iráõ com elle apôs do seu Desejo
Pacheco Illustre, Almeidas Singulares:
Hiráõ com elle, e com prazer sobejo
Da Hydaspea Região buscando os Lares,
Heroes, em quem poder não tenha a Morte,
,, Albuquerque Terrivel, Castro Forte. ,,

XVIII.

Mas para que esta Empreza assás temivel
Pareça aos Lusos menos arriscada,
E porque lhes não seja tão sensivel
Navegação tão ardua, e dilatada;
Ilha Grande appareça, que aprazivel
Por Nobres Portuguezes habitada,
Em serena bahia, em porto amigo
Lhes possa dar refresco, e doce abrigo.

XIX.

Em grossos nevoeiros escondida
Dentre Atlanticas ondas se levanta
Fertil Ilha, que d'arvores vestida
Inda ha pouco pizára humana planta:
Sua frondosa coma ao ar erguida
Dos Planetas a Luz nunca abrilhanta;
He tão densa, e pezada a nevoa crassa;
Que hum só raio do Sol nunca a traspassa.

XX.

Assim lá desde a creação do Mundo
Aos olhos dos Mortaes occulta existe,
Bem como nas entranhas do Profundo,
Pois que entre nuvens horridas persiste;
Ainda que hum successo sem segundo
Já nella aconteceo trágico, e triste,
Com tudo inda as Nações não sabem della,
A pezar de ser grande, amena, e bella.

XXI.

Quero pois que pertença ao Luso Sceptro
Tão Gentil Ilha das Nações não vista;
Da negra Escuridão no seio tetro
Ah! não consentirei que mais persista:
Luso Heroe, que inda hum dia em culto metro
Decantado será, quero que invista
Ao Negrume Avernal, que dentro encerra
A dentre as Ilhas mais fecunda Terra.

XXII.

O Illustre Zargo, o Capitão Preclaro,
Que em quilha undante as ondas senhorea,
E que intrepido apôs do Mouro ignaro
Fixando a mira nelle o mar voltea;
Aquelle Invicto Heroe de esforço raro,
Que Henrique Liberal tanto aprecea,
Será Quem cedo por maior grandeza
De a descobrir ao Mundo tente a empreza.

XXIII.

Nella então lá nos Seculos futuros
Acharaõ as Nações meiga hospedagem :
Seus ares salutiferos, e puros
Bafejados serão de doce aragem :
D'alli, d'alli seus Lenhos mais seguros,
Mais contentes, rendendo-lhe homenagem,
Soltando as vélas concavas ao vento
Iráõ prenhes sulcando o salso argento.

XXIV.

Fallou Jupiter Alto desta sorte,
E os Deoses, co' as cabeças acenando,
De immenso gosto em subito transporte
Parecem o seu voto ir approvando :
Dentre a dos Numes Divinal Cohorte,
O Thyrsigero Deos, a fronte alçando,
Coroada de pampanos virentes,
Estas vozes soltou dulci-cadentes.

XXV.

He justo que appareça essa Grande Ilha
Esse ameno Torrão, inculto, e novo,
Para que como Rara Maravilha
Pertença ao Luso Sceptro, ao Luso Povo :
Que esse, que o vasto mar ousado trilha,
Seja o Descobridor, tambem approvo,
Porque Hum tão Grande Heroe, tão bom Guerreiro
Deve só nesta Acção ser o Primeiro.

XXVI.

Porém se acaso, ó Jupiter, mereço,
Que me concedas ineffavel graça,
Submisso desde já te rogo, e peço
Grande Mercê, que espero se me faça:
Eu farei, que Esse Heroe de tanto preço,
Sem que tema os assaltos da Desgraça,
Veja da Fértil Ilha a face bella,
Com tanto que me dès dominio nella.

XXVII.

Eu quero ser a Sacra Divindade,
Que tal Ilha proteja, e favoreça;
Consente, que a Thyrsigera Deidade
Dos Lusos em soccorro á Terra desça:
E se a Tua Divina Magestade
Quer que essa Terra aos Lusos appareça,
Permitte-me, que eu possa alli contente
Hospedar Carinhoso a Forte Gente.

XXVIII.

De tão Sublime Graça em recompensa
Farei, que a Terra alli fertil produza
De saborosos vinhos cópia immensa,
Que mais int'resse dem á Nação Lusa:
Farei, que dissipada a nevoa densa,
Em que sempre téqui jazeo confusa,
A todas as Nações mostre viçosa
A verdejante frente pampinosa.

XXIX.

Farei, que huma Nação forte, e Guerreira,
Cujo Poder ha de assombrar os mares,
Mostrando-se-lhe Amiga Verdadeira
Vá sempre visitar seus ricos Lares:
Farei, que essa Nação seja a Primeira,
Que, levando seus vinhos singulares,
Vá levando tambem, ondas abrindo,
(Se he possivel) seu Nome além do Indo.

XXX.

Farei, que as Nações todas Europeas
Amantes de seus vinhos, e seus frutos,
Cheas de admiração, de prazer cheas
Lhe costumem render fieis tributos:
Se forem demandar Terras alheas
Paizes mais crueis, Povos mais brutos,
Farei, que estes submissos, e contentes
Adorem Producções tão Excellentes.

XXXI.

Que appareça, farei, na Sacra Meza
Dos Deoses, em que tu, Jove, presides,
O mais fino Licor, que a Natureza
Extrahir póde de pampineas vides:
Tu, vendo com prazer sua pureza,
Póde ser, que a liballo te convides;
E que fazendo aos Numes companhia
Desprezes a balsamica Ambrosia.

XXXII.

Se esta Graça, que peço, me permittes,
Farei quanto te digo, e te prometto;
Contra mim, Caro Pai, ah! não te irrites;
Em nada desmereço o teu affecto:
Para que mais os Lusos felicites
Qual Numen Soberano em tudo Recto,
Que dar-lhes fama, e gloria em fim pertende,
A's minhas Justas Supplicas attende.

XXXIII.

Disse o Numen Leneo; e d'improviso
Perante o Grande Jupiter prostrado
Inclina o rosto rubicundo, e lizo
Sobre os degráos do Throno abrilhantado:
Jupiter olha com subtil sorriso,
E Cheio então de Paternal Agrado
Soltando a Voz Suave, e Lisongeira
A Baccho respondeo desta maneira.

XXXIV.

Ergue-te, ó Filho meu; quanto desejas
Não te nego, antes tudo te concedo;
Justo he, que favoreças, que protejas
Nação, que tanto prézo Amante, e Ledo:
Seu Numen Tutelar, quero, que sejas;
Os meus Poderes Divinaes te cedo;
Vai pois fazer a próspera ventura
De quem for habitar Ilha tão pura.

XXXV.

XXXV.

Fallou assim ; e os Deoses, approvando
Tudo, quanto alli Jupiter dissera,
Ficárão longo tempo murmurando,
Bem como quando hum pouco o mar se altera:
Ouvio-se então susurro doce, e brando
Semelhante ao dos Bosques de Cithera,
Quando Zephyro alli com Cloris falla,
E a ramagem das Arvores embala.

XXXVI.

Para beijar a Dextra ao Pai Tonante
Pela Graça de novo concedida
De Nisa o Numen com gentil semblante
Ergue a fronte de pámpanos cingida:
Sóbe os degráos do Throno Coruscante,
E com mostra d'huma Alma agradecida,
Sem á maior ventura ter inveja,
Curvando-se ante Jove a Máo lhe beja.

XXXVII.

Descendo então do Throno Astri-formado,
Brilhavão-lhe nos olhos, e no rosto
Satisfaçáo, prazer, meiguice, agrado,
E a viva cor do rubicundo mosto:
Sobre os Labios d'hum puro nacarado
Ferviáo Risos, respirando gosto;
E meneando o Thyrso brandamente
Tres vezes para Jove inclina a frente.

XXXVIII.

Eis delle em torno os Deoses se juntárão
A dar-lhe os parabens desta ventura;
Mutuamente alli todos se abraçárão;
Com mostras de amizade, e de ternura:
Mas logo que estas honras se acabárão,
Dos Deoses Cada qual então procura,
Fazendo a Jove humilde acatamento,
Recolher-se a seu fulgido Apozento.

XXXIX.

Depois disto, Confuso, passeando
Pelo Lacteo Caminho, Solitario
Parava Baccho alli de quando em quando,
Como quem fica em acto imaginario:
Com madureza hum pouco então pensando,
Eis vio, que lhe seria assás contrario
O Destino dos Fados Soberanos,
Favoravel aos Povos Lusitanos.

XL.

Que perderia aquella immortal fama,
Que entre os Indicos Povos alcançára,
Se hum dia lá chegasse o forte Gama,
De quem Jupiter Alto lhe fallára.
Nisto vindo-lhe á mente infida trama,
Para a empreza seu animo prepara,
Em segredo dizendo só comsigo:
O Gama tem em mim hum Inimigo.

XLI.

Da Grande Ilha, em que vou com meigo afago
Por meu gosto hospedar os Portuguezes,
Farei que o Gama sinta duro estrago
Do Mar exposto aos horridos revezes:
Farei, que elle vá vêr o Estygio Lago,
Porque tenho jurado tantas vezes
De ser contrario áquelle, que imprudente
Tentar bater ás Portas do Oriente.

XLII.

O Macedonio Rei, Gloria de Marte,
Invicto Filho de Filippe Invicto
Já fez troar do Mundo em muita parte
Da Sua Augusta voz o horrendo grito:
Subjugou por valor, por força, e arte
Do Imperio de Memnon Povo infinito;
Tentando como Impavido Guerreiro,
Submetter a seu jugo o Mundo inteiro.

XLIII.

Elle foi quem alli ao Povo adusto
Da Clara Região, que he do Sol Berço,
Fez vêr segunda vez a face ao susto
A' custa do seu sangue então disperso:
Pertendeo, pertendeo meu Nome augusto
Do Esquecimento pôr no pó submerso,
Mas não pode (a pezar de viva guerra)
Roubar-me a gloria, o Nome, a fama, a Terra.

XLIV.

XLIV.

E hei de agora soffrer, que do Occidente
Váo as fortes façanhas Portuguezas
Da memoria brutal da inculta gente
Riscar as minhas Inclitas Proezas?
Ah! náo consentirei, que no Oriente
De Lusos Pinhos no mais alto prezas
Tremolem as Bandeiras, cujas Quinas
Ameaçáo terríficas ruinas.

XLV.

Em quanto isto no Olympo acontecia,
O forte Zargo Illustre Lusitano
Em forte Lenho bellico fendia
As cristallinas ondas do Oceano:
Do Algarve o mar intrepido corria
Em cata do Hespanhol, e do Africano,
Nações, com que o seu Rei João Primeiro,
Combatia com animo guerreiro.

XLVI.

Era Zargo de Célebre Ascendencia
Heroe, Neto de Heroes, e de Heroe Filho,
De quem fazia estima, e confidencia
O Infante, que do Pai seguia o trilho:
Sua Honra, Valor, Zelo, e Prudencia
Lhe deráo ás Acções táo claro brilho,
Que a pezar de ser já Grande em Nobreza;
Por ellas veio a ser Nobre em Grandeza.

XLVII.

De Tangere no Cerco foi Soldado
De tamanho poder, forças tamanhas,
Que mil vezes do Infante ao Dextro Lado
Fez inauditas célebres façanhas:
De invicta espada, e de valor armado
De quantos Mouros vio as vís entranhas,
Proezas, porque Henrique Justiceiro
O Titulo lhe deo de Cavalleiro!

XLVIII.

Fez outras immortaes Heroicidades
Bem Dignas todas de immortal memoria,
Conhecidas purissimas verdades,
De que falla sem pejo a Lusa Historia:
Em quanto houverem neste mundo idades,
Deve ser immortal a sua Gloria,
Porque Este Heroe, que canto em metro culto,
Inda morto merece o humano culto.

XLIX.

Cortava as ondas do Oceano hum dia
O Sublime Varão, Zargo Famoso,
Que por ordem d'Henrique perseguia
Sobre os mares o Mouro cavilloso:
Eis apparece hum Lenho, que fendia
Crespas vagas do Pego Salitroso,
E o Luso Capitão com força rara
Para o fatal Combate se prepara.

L.

De Zargo a voz, que d'improviso sôa
Dos Lusos cada qual manda a seu posto;
Qualquer delles alli não corre, vôa,
Tão grande he seu valor, tal he seu gosto:
Para o Lenho, que avista, inclina a prôa
O Heroe, que tudo tem Sabio disposto;
E d'igneo ferro concavo-redondo
Manda logo soltar sulfureo estrondo.

LI.

Incendiada a massa sulfurina,
Trôa o rouco trovão de Marte horrendo,
E a bala, que se avança repentina,
Os ares sibilantes vai fendendo:
Ameaçando horrifica ruina,
O ferreo globo horrisono gemendo,
Diz ao Lenho inimigo, que ligeira
Solte aos ares a trémula Bandeira.

LII.

Constrangida da voz da ferrea bala
Sobe aos ares Bandeira Castelhana,
E o Destemido Zargo, vendo içalla,
Manda içar a Bandeira Lusitana:
Eis de Marte o trovão de novo estala,
Annunciando guerra á Gente Hispana;
Mas como ella a Bandeira frouxa arria,
Cala-se a Forte Lusa Artilheria.

LIII.

Rendido o curvo Pinho á Gente Lusa,
Valentes Portuguezes destemidos,
Cujo valor audacias não recusa,
Vão abordar os miseros vencidos:
Dentre elles todos nem hum só se escusa
De abordar pusillanimes rendidos;
Já cheios de prazer pela victoria
Arrojão-se aos bateis ebrios de gloria.

LIV.

Abordada sem susto a fraca preza,
No número dos timidos captivos
Hum Piloto de célebre agudeza
Se achava alli por célebres motivos:
Parece, que lhe dera a Natureza
Idéas claras, pensamentos vivos,
Para a Gloria augmentar de Zargo Illustre
A Seu Nome Immortal dando mais Lustre.

LV.

De João de Morales (este o Nome
Do famoso Piloto prisioneiro)
Ordena o Cauto Zargo, que se tome
Conhecimento firme, e verdadeiro:
O Tempo tudo gasta, rala, e come,
(Disse Zargo Magnanimo Guerreiro)
Mas não póde gastar o odio ufano,
Que eu tenho contra o Bravo Castelhano.

LVI.

Ouvindo as expressões do Grande Zargo,
Morales se intimida, e se entristece;
E o rosto seu banhando em pranto amargo,
A' Dôr sanhuda succumbir parece:
D'improviso em Lethifero Lethargo
O misero Morales desfalece;
E de raiva em tyrannico transporte
Mil vezes tenta vêr a face á Morte.

LVII.

Já de Cynthia Formosa as Luzes bellas
Sobre o plano dos mares se esparzião,
E do alto Olympo as nitidas Estrellas
No brilhante das ondas reluzião;
O Triste, pondo então seus olhos nellas,
Julgando alli, que do seu mal se rião,
Contra o Ceo, contra os Astros, contra os mares,
Estas vozes soltou do peito aos ares:

LVIII.

O' Ceo, Tyranno Ceo, que mal te ha feito
Hum vivente infeliz, que em nada offende
O Venerando Divinal Preceito,
Que a Doce Jugo nos sujeita, e rende?
Se eu hei de viver sempre deste geito,
Se o meu Cruel Destino isto pertende,
Rouba-me antes a vida; que eu não prézo
A desgraças viver atado, e prêzo.

LIX.

Malignos Astros, Astros Despiedados,
Que entornais sobre mim influxos tristes,
Se tinheis de comigo ser malvados,
Morresse eu, logo que nascer me vistes:
E vós, ó Crueis Mares, empolados,
Dizei, porque razão não me engulistes
A vez primeira, em que intentei buscar-vos,
A vez primeira, em que intentei sulcar-vos?

LX.

Maldito seja aquelle, que primeiro
Vossas ondas sulcou em fragil Lenho
Apôs do vil Int'resse aventureiro,
Sem temer o seu misero despenho:
Se em cavo pinho undivago veleiro
Se não sulcasse o mar, por certo tenho,
Que, á Cubiça Avernal tomando as redias,
Evitára a Razão tantas Tragedias.

LXI.

Calou-se então o misero Rendido,
E passado da mágoa, que o ferira,
Mal supportando a dôr, desfalecido
Ao breado convéz o corpo atira:
Alli por longo espaço sem sentido
Convulsivo, e frenetico delira;
Mas depois de algum tempo, a si tornando,
Só suspiros ao peito hia arrancando.

LXII.

Não falta alli quem dentre os Portuguezes
O Confuso Morales animasse,
Supplicando-lhe em fim por muitas vezes,
Que não se désse á Dôr, que socegasse:
A fortuna, que tens, ah! não desprezes,
(Disse hum delles beijando-lhe na face)
O Illustre Capitão, de que és captivo,
He Nobre, Virtuoso, e Compassivo.

LXIII.

Amante do seu Rei, fiel Vassallo
Aborrece as Nações, que cavillosas
Fazem o seu prazer, o seu regalo
Em tecer-lhe traições industriosas:
Mas este Luso Heroe (sem dolo fallo)
Sabe prezar as Almas Virtuosas,
Ou sejão ellas de Nações Amigas,
Ou sejão ellas de Nações Imigas.

LXIV.

Huma vez que elle encontre em ti Virtudes,
Tens nelle hum Protector, porque odiados
São sómente por elle os vicios rudes
De infames Corações, Peitos damnados:
D'hoje em diante cumprirá, que estudes
Os meios de alcançar os seus agrados,
Sabe pois, que este Heroe ficou ha pouco,
Por saber quem tu és, de prazer Louco.

LXV.

Socega em fim, teu animo socega,
(Permitte que esta súpplica te faça)
Huma grande Ventura, quando chega,
Vem quasi sempre apôs d'huma Desgraça:
Ao Candido Prazer tua alma entrega,
Não temas de máo Fado ímpia ameaça,
Porque a par deste Capitão Famoso
Hás de inda ser de todo Venturoso.

LXVI.

Desta sorte a Morales animava
Baccho, que então tomando a fórma humana
D'hum dos Lusos, que alli se não achava,
Favorecia a Gente Lusitana:
Ao Forte Capitão, que descançava,
Procura o Nizeo Deos; na mente ufana
Em agradavel Sonho lhe figura
Grande Ilha descobrir fertil, e pura.

LXVII.

Tendo tudo assim feito o Deos de Niza
Sem dar-se a conhecer ao Lusitano,
Subitamente então se diviniza,
Tomando o antigo gesto Soberano:
Neptuno na fulgente Concha liza
Recebe Carinhoso o Deos Thebano,
E apenas he na concha recebido,
Tritão emboca o buzio retorcido.

LXVIII.

A's vozes do maritimo Instrumento
Acodem as Nereidas em cardume:
Lacteos peitos, abrindo o salso argento,
Ateão da Lascivia o vivo lume:
De escamosos Delfins de centos cento
Em honra de Lieo, e do seu Nume,
As prateadas caudas entrelaça,
E cheio de prazer a concha abraça.

LXIX.

Marinhos Monstros de estatura informe
Ligados á Carroça Neptunina
Com viva rapidez, força disforme
Nadavão pela liquida Campina:
Toda a Côrte do Mar, que então já dorme,
A's vozes da Tritonica Buzina
Desperta, e do seu Rei no seguimento
Vai pollo no seu humido Aposento.

LXX.

Tendo na esquerda o lucido Tridente,
E dando a Dextra ao Numen Pampinoso,
Por escadas de pórfido luzente
Sóbe com toda a Côrte o Nume Undoso:
Em magnifica Sala refulgente
D'hum Soberbo Palacio Magestoso
Entrando, de prazer o Deos de Niza,
Parece, que alli mais se diviniza.

LXXI.

Era o Rico Palacio construido
De Crystal transparente, e jaspeado;
D'hum auri-verde marmore pulido
Era o seu pavimento fabricado:
O Tecto todo em roda guarnecido
Estava d'hum lindissimo brocado,
Donde pendiáo com lustroso mimo
Festões de flores de ceruleo limo.

LXXII.

Com magestoso esplendido apparato
A Regia Sala Augusta se offerece:
Baccho de admiração quasi insensato,
Ficando immovel, té de si se esquece:
Mais precioso, mais brilhante ornato
No Olympo raras vezes apparece;
Tudo respira alli pompa, e belleza,
Tudo respira alli mimo, e riqueza.

LXXIII.

Nitido Lustre de grandeza immensa,
Que do alto tecto fulgido pendia,
Cuja graça mimosa se não pensa,
A vastissima Sala esclarecia:
Estava a grande Máquina suspensa
Por tres cadêas de ouro; e parecia,
Pelo seu brilho, e chamma incendiada,
Ser toda de carbunculos formada.

LXXIV.

LXXIV.

Sobre degráos de marmore brilhante
O Throno de Neptuno estava posto;
„ Doutra pedra mais clara que o diamante „
Todo elle parecia ser composto:
Tudo era alli gentil, tudo elegante;
Em tudo se encontrava mimo, e gosto;
He alli que este Rei com gloria summa
Aos seus Vassallos legislar costuma.

LXXV.

Apenas Baccho vio a Regia Sala,
De assombro fica sem saber que faça;
E Neptuno, depois de bem mostralla,
Com elle a outra súbito se passa:
A segunda á primeira não iguala
Na grandeza, e valor; mas tem mais graça;
Pois, quanto póde haver de ameno, e grato,
Alli se encontra com mimoso ornato.

LXXVI.

Virentes ramos de auri-verdes plantas
Os lados todos desta Sala ornavão;
As recendentes flores erão tantas,
Que aromaticas tudo embalsamavão:
Das Filhas de Nereo (não direi quantas)
Entretidas alli muitas estavão
Em tecer de fragrantes flores bellas
Lindos festões, lindissimas capellas.

LXXVII.

Quatro brilhantes Urnas reluzentes,
Que de ricos festões de flores se ornão,
Sobre altos pedestaes auri-fulgentes
Da fresca Sala os angulos adornão:
De puras aguas limpidas correntes
Em grandes Madrepérolas entornão,
Que com doce murmurio grato, e brando
Os ouvidos estão lisonjeando.

LXXVIII.

Seguio-se então Banquete sumptuoso
De muita, sem igual, delicadeza:
Tudo o mais exquisito, e saboroso
A Baccho appareceo na Lauta Meza:
Manjar junto a manjar delicioso,
Gratos frutos no gosto, e na belleza,
De mistura co' a rubida ambrozía
Formavão delicada symmetria.

LXXIX.

Tres Ninfas de prestante formosura
A' meza aos Deoses com prazer servião;
Seus cabellos em conchas de mistura
Sobre os collos de jaspe lhes cahião:
Os lacteos globos seus de neve pura
A cada instante mágicos tremião,
E acordando dos Deoses os Desejos,
Famintos lhes pedião doces bejos.

LXXX.

Entretanto que os Numes váo ceando,
Algumas das Nereidas Carinhosas
Em honra de Lieo estáo cantando
Mellifluas endeixas sonorosas:
Humas suaves citharas tocando,
Outras tecendo danças graciosas,
Os Deoses entretem durante a cêa
Em cousas, com que Baccho se recrêa.

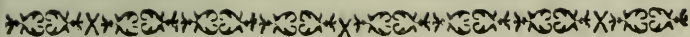
LXXXI.

Acabado o Banquete, o Deos dos Mares
Ao Deos de Niza falla desta sorte:
He tempo, Amigo, he tempo de te dares
D'hum Somno doce ao magico transporte:
He tempo, Amigo, sim, de descançares,
E descance tambem a minha Côrte:
Disse: e depois de graves comprimentos
Buscáo seus destinados Aposentos.

LXXXII.

Em quanto Baccho de prazer confuso
He pelo Rei dos Mares hospedado,
Em aprazivel sonho o Varáo Luso
O Pensamento seu tinha enredado:
Morales, da razáo cobrando o uso,
Começa a respirar mais socegado;
E desde entáo solicito medita
Fazer de Zargo a gloria, e a sua dita.

Fim do Canto Primeiro.

CAN-

CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO.

DO Algarve a Terra, que a distancia encobre,
Se avista com prazer, e ingente gloria;
Ao Luso Capitão Inclito, e Nobre
Conta Morales de Machim a Historia:
Diz-lhe, que he justo, que o valor se dobre,
Porque fique Immortal sua memoria;
Tentando aquella grande Descoberta
Da fertil Ilha, flórida, e deserta.

I.

JÁ de Titan os Raios Scintillantes
Esparzindo huma luz serena, e pura,
Sobre o crystal das ondas rutilantes
Brincavão com mimosa travessura;
Nisto sôão dos Lusos Navegantes
Altas vozes com vivas de mistura,
Que despertando Zargo, lhe annuncião
Ser Terra o que inda mal ao longe vião.

II.

Salta ao convéz o Capitão Contente,
E conhecendo bem do Algarve a costa,
He Terra, (disse) he Terra certamen e
Aquella sombra, que no mar se encosta:
O Promontorio he de S Vicente,
Onde a Villa de Sagres está posta,
Villa, que o Grande Henrique edificára
Para alli cultivar Sciencia Rara.

III.

He d'alli, que lançando sobre os mares
Suas vistas, subtis, pesquizadoras,
Tenta Descobrimentos singulares,
E tenta Emprezas mil conquistadoras:
He d'alli que entre Estudos Exemplares
De sublimes idéas brilhadoras
Tem dado á Nação Lusa tanta idéa,
Que por ella já mares senhorea.

IV.

Assim do Sabio Infante, Sabio em tudo
Fallava Zargo Illustre; e reanimado
Pelo Seu Gesto, eis que Elle fica mudo,
Morales apparece ante Elle ousado:
Senhor, (lhe diz) eu tenho feito estudo
De merecer hum dia o teu agrado;
Ah! presta-me attenção ao que te digo,
Ainda que Hespanhol, sou teu Amigo.

V.

V.

Saberás que dos Mouros fui Captivo,
(Nação brutal, inculta, e fraudulenta)
E que entre elles afflicto ha tempos vivo
De martyrios em horrida tormenta:
Quasi sempre sombrio, e pensativo
Entre Monstros Crueis de côr cinzenta
Existi, té que hum dia... (oh! triste dia!)
Senti quanto a Desgraça em fim podia.

VI.

De miseros Captivos rodeado
Inglezes de Nação, que alli chegárão,
Hum successo infeliz me foi narrado,
A cuja narração Mouros chorárão:
O Caso mais fatal, mais desastrado,
Com vivas expressões alli contárão;
Caso, que causa horror á Natureza,
E o mais triste, que vio a Redondeza.

VII.

Mas se elle por hum lado he triste, e feio,
Por outro póde ser bem glorioso;
Quanto de horrendo tem, ó Zargo, creio,
Que tambem póde ter de proveitoso:
D'algum modo, Senhor, eu me glorcio
De narrar-te este Caso lastimoso,
Pois esta Narração, posto que dura,
Póde dar-te mais gloria, e a mim ventura.

VIII.

VIII.

Na Famosa Inglaterra (assim dizia
Hum dos Captivos, de que fui cercado)
Hum Nobre Cavalleiro Inglez havia,
Que Roberto Machim era chamado:
No gesto, e na figura parecia
Hum Narciso, hum Adonis namorado;
Parece, que o dotára a Natureza
De tudo, quanto he graça, e gentileza.

IX.

Quiz a sua Ventura, que elle visse
Anna de Harfet, Ingleza bem nascida,
E por ella de Amor logo sentisse
Da Paixão a sua alma combatida:
Quiz a sua Ventura descobrisse
Encantos, que dão morte, e que dão vida;...
Ah! que eu não posso ao vivo aqui pintallos,
Mas póde, quem quizer, imaginallos.

X.

Tinha Harfet aureas tranças reluzentes,
Que em ondas sobre os hombros lhe pendião,
Tinha hum rosto gentil, onde excellentes
Mimosas lindas graças se esparzião:
Tinha faces de neve transparentes,
Em que sanguineas rosas florecião,
Tinha huns olhos crueis por matadores,
E Labios, que a rubim roubárão cores.

XI.

Tinha hum Corpo gentil, meneio airoso,
Viveza natural, mimo, e doçura,
Hum modo affavel, sempre gracioso,
E huma alma sempre terna, meiga, e pura:
Eis de Harfet o Retrato Precioso;
Quem não vio inda Harfet, veja a pintura;
Porque o mais, que ella tinha, e não descrevo,
Perfeito julgo, mas pintar não devo.

XII.

O Filho de Diône, que não cessa
De ardiloso intentar novas conquistas,
Para ferir Machim sagaz se apressa,
E ás armas corre de Machim bemquistas:
Para a Empreza Cupido, sem que as peça;
Por settas escolheo de Harfet as vistas,
E dos olhos de Harfet fazendo os tiros,
Solta Machim ternissimos suspiros.

XIII.

Namorado Machim de Harfet Divina,
Quiz unir-se com ella em doce laço,
Porém, quando a fazello se destina,
Nos Parentes de Harfet acha embaraço:
A amorosa Paixão, que ambos domina,
Lhes dá valor, e lhes franquea o passo,
E em fuga postos os Fiéis Amantes
Deixão da Patria os Lares inconstantes.

XIV.

Já corta o crespo mar a quilha undosa,
Que no seu ventre occulta os dois consortes;
Já fica atrás Bristol, donde animosa
Foge Harfet, sem temer prigos, e mortes:
Machim, vendo a seu lado a amante Esposa,
De prazer entre magicos transportes
Pegando-lhe na mão, para beijalla,
Nella os labios imprime, e assim lhe falla:

XV.

Meu Bem, meu Doce Bem, a Natureza
Empenhou-se em formar Esse Composto
De mimos, perfeições, graças, belleza,
Por fazer me feliz, por dar-me gosto:
Agora que de Amor és Pura Preza,
E que prezo a teu lado me tens posto,
Armados sempre de constancia rara
Amem-se os Corações, que Amor ligára.

XVI.

Já distantes dos nossos Inimigos,
Que a tão doce União se oppunhão feros,
Ainda que sujeitos a perigos
Não temamos seus animos severos:
Invoquemos os Deoses por Amigos
Por meio de fiéis votos sinceros;
Inda que sem Piloto se navega,
Tem bom Piloto, quem ao Ceo se entrega.

XVII.

Os nossos ternos candidos Amores
Ha de o Ceo prosperar, pois que são puros;
Não se temão da Sorte os desfavores,
Tendo os Deoses por nós vamos seguros:
Se da Procella os rabidos horrores
Nos assaltarem horridos, e duros,
Devemos ter nos Deoses confiança,
Porque atrás da Tormenta vem Bonança.

XVIII.

Ouvindo as expressões do terno Amante,
Se julga a Linda Harfet mais que ditosa,
E com vivo prazer, meigo semblante
Deste modo responde carinhosa:
Ainda que mulher, sei ser constante,
Sei arrostar trabalhos animosa;
Quando Amor se reveste de pureza,
Costuma tirar forças da fraqueza.

XIX.

Nestes, e outros colloquios entretidos
Hião os dois Amantes namorados,
E em doce liga por Amor unidos
Os vi por muitas vezes abraçados:
Que meiguices, que mimos repetidos!
Que affagos ternos, que fiéis agrados!
„ Melhor he exprimentallo, que julgallo,
„ Mas julgue-o quem não póde exprimentallo.

XX.

Vinha a Noite sombria, e somnolenta
Hum pouco triste negrejando os ares,
Quando apôs della horrifica Tormenta
Desaba sobre o Lenho, e sobre os mares:
Parece o Ceo que sobre nós rebenta,
Desentranhando raios a milhares,
A cuja luz o mar mostra as entranhas,
Transformando-se em turgidas montanhas.

XXI.

Raivosos Aquilões, Euros membrudos
Combatem entre si em viva guerra,
E com força Avernal Tufões sanhudos
Pertendem confundir Ceos, Mar, e Terra:
Mostrão-se ambos os Polos carrancudos,
O Arctico Glacial horrido berra,
O Antarctico tambem, como de inveja,
Não berra, mas horrisono troveja.

XXII.

Nisto os ternos Amantes se assustárão,
E enfiados do medo, que os assalta,
Ternamente abraçados desmaiárão,
Porque de todo o animo lhes falta:
Porém logo que a si ambos tornárão,
Machim anima Harfet, e ao convéz salta;
Donde vendo a Procella horrenda, e forte,
Pondo os olhos nos Ceos, diz desta sorte:

XXIII.

O' tu, Cujo Poder abala, e move
A Mole immensa do Universo inteiro,
O' tu, Supremo Deos, Supremo Jove,
Dos miseros Mortaes Pai Justiceiro:
Se não queres, Senhor, que hoje Harfet prove
O veneno da Morte, te requeiro,
Que por altos effeitos de Piedade
Abonances a fera Tempestade.

XXIV.

Harfet, a Linda Harfet, que tu creaste,
Para vir a fazer minha ventura,
Harfet, a Linda Harfet, a quem dotaste
Hum puro Coração, huma alma pura,
Gelada está de susto, e tanto baste,
Para em fim merecer tua ternura;
Ah! não me roubes, não, a minha Bella;
Deoses do Olympo, intercedei por ella.

XXV.

Assim dizia, quando lhe disserão,
Que a triste Harfet o seu Machim chamava,
E apenas esta nova lhe trouxerão,
Não corria Machim, Machim voava:
Neste momento os ventos se exasperão,
E o Lenho, que entre as ondas estalava,
Dá de lado, e parece, que procura
Nas entranhas do mar a sepultura.

XXVI.

XXVI.

Rôtas as vélas, miseros pedaços
Ondeão pelos ares sibilantes,
E de frio pavor entre embaraços
Tremião os confusos Navegantes:
Machim, que tinha Harfet entre seus braços,
Com meigas expressões dulci-tocantes
Confiado no Ceo consola, anima
A quem mais do que a propria vida estima.

XXVII.

Entregue á discrição de ondas, e ventos
Por alguns dias paira a quilha undosa,
Té que veio ordenar os Elementos
Huma Noite serena, e bonarçosa:
Sobre o crystal dos mares somnolentos
Brilha de Phebe a chamma luminosa,
E os Astros, que em ser lucidos se apurão,
Nos espelhos das ondas se figurão.

XXVIII.

Alegres por nos vermos em bonança,
E já livres do naufrago perigo,
Veio então soccorrer-nos a Esperança
De encontrarmos ainda porto amigo:
Já mais contente Harfet alli descança
Nos braços de Machim; e em seu jazigo
Procura cada qual affadigado
Dar ao corpo o repouso suspirado.

XXIX.

Era já alto dia, quando hum nosso
Companheiro fiel de cima berra,
Dizendo assim com subito alvoroço,
Alviçaras, Amigos, terra, terra:
Inda que eu queira, aqui pintar não posso
O prazer vivo, que entre nós se encerra:
Que scena para nós doce, e risonha,
Depois de huma procella tão medonha!

XXX.

Aos ecos desta voz, que alegre sôa,
Despertão os Amantes, que dormião,
E a todos nós chegando a nova boa,
Huns acordavão, outros já surgião:
Machim correndo então de popa á proa,
Nos olhos, e nos gestos se lhe vião
Vivas demonstrações do prazer forte,
Que a Alma sente em divinal transporte.

XXXI.

Apparece, e bem perto, coroada
De nuvens huma Terra florecente,
E aonde ella fazia huma enseada,
Mandou ferro lançar Machim Contente:
Saibamos se esta Terra he habitada
(Disse Machim) de Feras, ou de gente:
Quem acaba de naufraga fadiga,
Deseja ter descanço em Terra amiga.

XXXII.

Não acabava quando os marinheiros
Já dentro no batel se aparelhavão
Para buscar magnanimos ligeiros
A Terra, porque tanto suspiravão:
Afoito quiz eu ser hum dos primeiros,
Que para a dura empreza se aprestavão,
E armados todos nós nos despedimos
De Machim, e de Harfet, e nos partimos.

XXXIII.

Sem muito custo á Terra em fim chegamos;
E vendo-a toda chea de arvoredo,
Entre todos primeiro consultamos
Se se devia entrar naquelle enredo:
Por votos, em que todos concordamos,
Animosos, sem vêr a face ao Medo,
Onde sahia ao mar huma Ribeira
Desembarcou a Gente Aventureira.

XXXIV.

Embrenhados por arvores sombrias
Descobrimos d'hum lado, e d'outro lado
Muitos frutos agrestes, fontes frias,
E hum clima puro, ameno, e temperado:
Levantadas incultas serranias
Cobertas de Arvoredo apinhoado
Mais distantes as frentes escondiáo
Entre nuvens pezadas, que as cobriáo.

XXXV.

Nem pizadas humanas, nem ferinas
Encontrámos alli : ricos presentes
De agrestes frutos, aguas crystallinas
Quizemos a Machim levar Contentes:
Fende o batel as ondas Neptuninas
Carregado de frutos differentes
Na fórma, e no sabor, até que chega
Ao Lenho, em que Machim a Amor se entrega.

XXXVI.

Ouvindo a narração da descoberta,
Que fizemos, Harfet a Machim pede,
Que a deixe em Terra, ainda que deserta,
Dois dias descançar; e Machim céde:
Valem-se ambos então da nossa offerta,
Para hum pouco abrandar a ardente sede,
E entrando no batel, sem medo a p'rigos,
A Terra buscão com fiéis Amigos.

XXXVII.

Eu fui hum dos que em sua companhia
Dois dias felizmente alli vivêrão :
Mas ah! que o corpo meu todo se esfria
Ao lembrar-me do fim, que os dois tiverão!...
Por Lei fatal da Sua Sorte Impía...
Ambos... infelizmente... alli morrêrão :
Mais não posso dizer, porque a Dor fera
Me parte o Coração, e mo lacera.

XXXVIII.

Calou-se o Prisioneiro, e suffocado
Soluçando algum tempo esteve afflicto,
E de saudade em lagrimas banhado
Desta sorte começa em alto grito:
Porém ah! que este Caso desastrado,
Caso triste, e fatal, Caso inaudito
Devo em fim repetir: fique esta Historia
Por tragica dos homens na memoria.

XXXIX.

Pensem agora as Almas, que sensiveis
A's desgraças dos miseros humanos
Vão vêr hum dos successos mais horriveis,
Que tem acontecido entre os mundanos:
Talvez que então conheção quão terriveis
São para os homens da Desgraça os danos,
E que desta inimiga ao golpe rude
Tambem succumbe a Candida Virtude.

XL.

Dois dias docemente se passárão
Na Terra inculta, mas amena, e bella,
Onde os ternos Amantes descançárão
Das fadigas da horrifica Procella:
Grande Tronco, que os annos escavárão,
Enorme Tronco, que encontramos nella,
Foi nossa habitação; alli gostosos
Dois dias se passárão venturosos.

XLI.

Nisto nova borrasca embravecida
Parece, que arrazar o mundo intenta,
A Noi e mais medonha, e desabrida
Aos nossos tristes olhos se apresenta!
A Terra, em negras sombras envolvida,
Parece, que o seu pezo não sustenta:
E o mar contra os calhãos em dura guerra
Quer sanhudo engulir calhãos, e Terra!

XLII.

Abrigados do Tronco cavernoso
Passámos toda a noite, ao Ceo rogando,
Que nos trouxesse hum dia bonançoso,
Hum mar tranquillo, hum vento doce, e brando:
Mas não nos escutou o Ceo Piedoso;
Mil desgraças fataes ameaçando,
Succede á Noite hum dia em tudo horrendo,
Hum dia o mais fatal, o mais tremendo.

XLIII.

Aos nossos olhos já não apparece
O Lenho, que ficára fundeado;
Aqui hum, alli outro á praia desce,
Para vêr se teria naufragado:
Desanimada Harfet eis desfalece
Nos braços de Machim desanimado,
Que homem não era já, pois mudo, e quedo
Era hum penedo junto de hum penedo. } (*)

XLIV.

(*) Imitação de Camões.

XLIV.

Afflictos, descontentes, pensativos
Viemos procurar os dois Amantes,
Por dar-lhes neste lance compassivos
De Amizade, e de Amor provas bastantes:
Sinaes não tinhão de que estavão vivos;
As cores dos seus lívidos semblantes
Em muda linguagem nos dizião,
Que os Consortes fiéis não existião.

XLV.

Oh! que Scena d'horror!... a Natureza
Sobre a Terra estendeo, só por não vêlla,
Nuvem de estupendissima grandeza
Em partes negra, em partes amarella!
Tão grande nunca vio a Redondeza!
Sim a Terra gemeo co' o pezo della!...
E nós em suas sombras envolvidos
Andámos huns co' os outros confundidos.

XLVI.

Caro Machim, (gritei) já não existes?
Harfet, Querida Harfet, já estás morta?
Porque á Dor tão depressa succumbistes?
Mas nisto a mortal Dor a voz me corta:
Volvendo os olhos languidos, e tristes,
Talvez porque esta voz viva os conforta,
Despertão os Amantes malfadados
Estreitamente alli inda abraçados.

XLVII.

Aonde estás, Harfet? (Machim gritava)
Aonde estás, Machim? (Harfet dizia)
Nem Machim via Harfet, que a si ligava,
Nem Harfet a Machim, que a si unia:
Machim entre seus braços apertava
Aquella, que procura, e que não via;
E Harfet tinha em seus braços ternamente
Aquelle, que procura, e que não sente.

XLVIII.

Desta sorte dois dias mais corrêrão,
Sem que a misera Harfet a Machim visse;
Assim os Sacros Deoses o quizerão,
Para que mais a morte não sentisse:
Porém quando de todo falecêrão
Seus alentos vitaes, apenas disse:
Adeos, Caro Machim, as Nossas Almas
Na Gloria colherão da Gloria as palmas.

XLIX.

A' triste voz da Linda Harfet, que expira;
Fica immovel Machim como hum rochedo:
Nem ao menos o misero respira;
Era a Imagem do lívido Segredo:
Oh! quem scena tão triste nunca vira!
Seus olhos espantados mettem medo!
Parece, que de susto os troncos tremem!
Parece, que de susto as pedras gemem!

L.

Cheio eu mesmo de sustos penetrantes
Cerrando os olhos meus cheguei-me a hum tronco,
E encostando a Cabeça alguns instantes,
Estive immovel, qual penha co bronco:
Occupado de idéas vacillantes
Ouvi hum grito á imitação d'hum ronco,
E dando hum pulo donde estava posto,
Olhei, e vi Machim co' a máo no rosto.

LI.

Machim, triste Machim, náo desanimes,
Náo te entregues á Dor, (lhe disse eu logo)
Por ora náo convém que te lastimes,
Attende, Amigo, a meu pungente rogo:
Os excessos de Amor tambem sáo crimes,
Se contra nós ateáo vivo fogo;
Quem a excessos a vida arrisca, e rende,
Irrita os Justos Ceos, os Ceos offende.

LII.

A tua Cara Harfet da Dor na guerra
Ha pouco deo ao Ceo o que era delle,
E deixando na Terra o que he da Terra,
Parece, que a tal dor náo te compelle:
A tristeza fatal de ti desterra;
A amargura cruel de ti repelle;
E deixa o mais ao Ceo, que vigilante
Velará sobre nós d'hoje em diante.

LIII.

Mal acabei, o triste, alçando a frente,
Fixa os olhos em mim, estende os braços;
E equilibrando o corpo fracamente,
Tremulo apressa fraquejantes passos:
Ao encontro lhe saio diligente;
Alli se dão ternissimos abraços;
E mostrando-me hum ar de agradecido,
Desta sorte fallou, dando hum gemido:

LIV.

Teu saudavel conselho te agradeço,
Bem quizera abraçallo, mas não posso;
Em vão ao Justo Ceo constancia peço,
Em vão meu mal com lagrimas adoço:
Harfet... mimosa Harfet, (eu desfaleço!...)
Quanto he duro, e cruel o Fado nosso!
Ah! quem diria, Amigo, que tão cedo
Havia de acabar de Amor o enredo?

LV.

A minha Linda Harfet já não existe...
E devo eu existir?... que desventura!
Só huma Alma de bronze he que resiste
De igual separação á força dura:
Se os Ceos se irritão de me vêr tão triste,
Se se offendem de excessos de ternura,
Resuscitem Harfet, a minha Bella,
E deixem-me viver aqui com ella.

LVI.

Nestes mesmos Desertos montuosos,
Sem gozarmos de humana convivencia,
Nossos dias farão deliciosos
O puro Amor, a candida Innocencia:
Mas ah! que os meus desejos fervcrosos
Protegidos não são da Providencia!
Harfet não torna a si, porque em bonança
Já nos Elyseos plácidos descança.

LVII.

Agora pois, Amaveis Companheiros,
(Disse a todos Machim banhado em pranto)
Devemos dar os cultos derradeiros
A quem por meu amor padeceo tanto:
Ajudai-me hoje, Amigos Verdadeiros,
A cumprir hum dever, que he justo, e santo;
Encerre-se em piedosa sepultura
O Thesouro, que foi da Formosura.

LVIII.

Nada mais Machim disse; e destinando
Hum lugar, para o Tumulo, sombrio,
Vai com tremulos passos caminhando
Enredado em confuso tresvario:
Limpava o triste alli de quando em quando
O rosto, que ensopava hum suor frio,
E aos gemidos, que solta das entranhas,
Parece, que estremecem as montanhas.

LIX.

Aberta a Sepultura, o Terno Amante
Armado de hum valor religioso,
Posto que sempre afflicto, e delirante,
Se apressa para o Culto Luctuoso:
Ainda que de forças fraquejante
O cadaver de Harfet sempre mimoso
Toma nos braços seus, e contra o peito
O aperta em tristes lagrimas desfeito.

LX.

De Machim todos nós no seguimento,
Vertendo amargas lagrimas a mares,
Chegámos ao funereo Monumento,
Que ladeavão lugubres Pezares:
Fizerão-se de Harfet no Enterramento
Religiosas honras exemplares,
E sobre a Campa dura se levanta
D'hum Sublime Madeiro huma Cruz Santa.

LXI.

De alguns ramos de funebre Cypreste
Carregados do seu amargo fruto
Machim a Sepultura adorna, e veste,
Das honras funeráes proprio tributo:
Do manto da Tristeza se reveste,
Porque não tinha alli mais prompto luto;
E no pé do Crucigero Madeiro
Por Epitaphio pôz este Letreiro: „

LXII.

Jaz aqui, ó Mortaes, Harfet Divina,
Que por amar Machim a má Ventura
Perseguio atéqui sempre ferina,
E aqui mesmo lhe deo a sepultura:
Se por lance de Sorte mais benigna
Inda habitardes esta Terra dura,
Hum Templo erguei aqui Sacro, e Decente,
Para Digno Louvor do Omnipotente.

LXIII.

Vinha a Noite fatal, mas socegada,
Em mais grosseiras nuvens envolvendo
'A Terra já de nuvens carregada,
Quando estava Machim isto escrevendo:
A Inscripção Sepulchral assim gravada
Foi-se entre mudas sombras escondendo;
E o misero Machim á Noite fria
A fallar desta sorte principia:

LXIV.

Veste-te, ó Noite, veste-te de luto,
E espalha sobre mim trevas escuras,
Que a Dôr abafem, com que triste luto
Entalado entre feras Amarguras:
Em quanto minhas lagrimas tributo
Da minha Cara Harfet ás cinzas puras,
Para que minhas lagrimas não visse,
Quizera, que do Dia a Luz fugisse.

LXV.

LXV.

Agora em negras sombras envolvido
Posso affouto soltar queixas aos ares;
Qual trovão vai soar o meu gemido,
Fugindo ás garras d'infernaes Pezares:
Da minha voz o horrisono estampido
Vai troar nestes horridos Lugares;
Da Dôr nas Lides, em que afflicto gemo,
Vou fallar contra a Morte, que não temo.

LXVI.

Faminta Morte, Aborto despiedado
Da sempre avara tétrica voragem,
Inda o teu ferro agudo, e esfomeado
Não está farto de fazer carnagem?
Esse teu voraz animo danado
Dize, Monstro cruel, Monstro selvagem,
Inda faminto está de ajuntar ossos,
E Cadaveres mil em montões grossos?

LXVII.

Ah! cruel, ah! cruel, se hoje podéra
No teu Imperio entrar, Leão sanhudo
Em mil pedaços miseros fizera
O teu Corpo, o teu Throno, Sceptro, e tudo:
Co' a tua propria fouce te fendêra
O negro peito vil, maligno, e rudo,
O Infame Coração delle arrancára,
E depois de mordello, o devorára.

LXVIII.

Que sacrilego golpe desfechaste!
Que immatura colheita, (oh! Ceos!) fizeste!
Em que tristeza lugubre deixaste
A Machim côr do funebre Cypreste!
Nunca hum táo ímpio tiro disparaste,
Nem crueza táo barbara exerceste:
Da tua voraz fouce ao golpe rude
Succumbíráo Belleza, e Sá Virtude.

LXIX.

Ai de mim que no centro do meu peito
Sinto o meu Coraçáo lascar-se ao meio!
A quanto o Homem ha de estar sujeito!...
Tirai-me, ó Ceos, deste enredado enleio:
Acaso nasce o homem sempre affeito
Mais a tormentos vis, do que ao Recreio?
Podem mais os Desgostos, que os Prazeres?...
Maldita a Sorte dos humanos Seres.

LXX.

Mas onde me arrebatas, Dôr Cruenta?
Em que abysmo me lanças pavoroso?
Carrancuda voragem me apresenta
Aberto o fatal seio tormentoso!
E queres-me abysmar, ó Dôr Violenta,
Naquelle horrivel Cahos espantoso,
Naquelle horrivel Cahos esfaimado,
Que milhóes de Mortaes tem devorado?

LXXI.

LXXI.

Os juizos da Sacra Divindade,
Que o Universo tirou das máos ao Nada,
Sáo arcanos, que a fraca Humanidade
Náo deve investigar por Lei Sagrada:
Do Artifice Divino a Magestade
Náo deve ser dos homens profanada;
Tudo quanto acontece neste mundo,
Sáo destinos d'hum Deos Sabio, e Profundo.

LXXII.

Quanto falsarios sáo os bens da vida!
Se nos dáo de prazer algum momento,
Mil momentos nos dáo da Dôr na lida,
Em que cança o mais forte soffrimento:
Ah! minha Doce Harfet, Harfet Querida,
Do seio deste escuro Monumento
Acceita, por penhor da fé mais pura,
Os meus ais com meus prantos de mistura.

LXXIII.

Náo temas, que Machim roube á Lembrança
Por hum breve momento a Imagem tua;
Onde a tua Alma placida descança,
Cedo irá descançar tambem a sua:
Vem, ó Morte Cruel, vem, sem tardança,
Ensopar em meu sangue a fouce crua;
Ah! vem tu, antes que de Dôr gelado
Fique o sangue nas veias estagnado.

LXXIV.

LXXIV.

Se o Destino não quiz ser-nos propicio
Ainda mesmo nesta Terra inculta ;
Se por fazer fatal o nosso exicio
Se mostrou contra nós a Sorte Estulta ;
Dá-me de compaixão hum claro indicio,
O' Morte avara , misero sepulta
O meu Corpo no tumulo , que encerra
Aquella , que acabou da Dôr na guerra.

LXXV.

E vós , Amigos meus , buscai constantes
Huma sorte melhor , que a minha sorte ;
Ide alegres viver de mim distantes ,
Em quanto espero aqui , que venha a Morte :
Não poderáõ correr muitos instantes ,
Em que o fio da vida me não corte
Aquella , que inda tem a fouce tinta
No sangue d'huma Flôr em flôr extinta.

LXXVI.

Compassivos deixai neste Deserto
Hum triste consumir mirrados dias
Deste sombrio Tumulo bem perto ,
Sustentando-se em negras agonias :
Meu rosto aqui de pallidez coberto
Da minha Amada sobre as cinzas frias
Goteje embora amargurado pranto ,
Sem que vos cause horror , tristeza , espanto.

LXXVII.

LXXVII.

Ide em paz, ide em paz buscar ventura,
(Esta graça por ultimo vos peço)
Que eu aqui junto desta sepultura
Espero o fim da vida, que aborreço:
Já que por dura Lei da Sorte dura
Premiado não foi de Amor o Excesso,
Unida com a de Harfet, e no seu gremio
Minha Alma alcançará da Gloria o premio.

LXXVIII.

Suffocou-se Machim; e a face unindo
Ao frio Mausoléo, á Dôr se rende,
E os montes com soluços aluindo,
O fragil corpo sobre a campa estende:
Assim se foi a noite consumindo,
E o triste tanto á Dôr se liga, e prende,
Que ao quinto dia, sem dizer mais nada,
Pôz termo ás penas da vital jornada.

LXXIX.

Desta sorte acabou Machim, que amára
Mais do que a propria vida Harfet mimosa,
E sua Alma, que á della Amor ligára,
A corpórea prizão quebrou saudosa:
Oh! Constancia de affecto em tudo rara!
Oh! Excessos d'huma Alma virtuosa!
Pela Desgraça Amor foi combatido,
Pela Desgraça Amor ficou vencido.

LXXX.

LXXX.

Alli co' a Linda Harfet foi sepultado
O misero Machim por nós, que afflitos
De vêr este Successo desgraçado
De horror soltámos formidaveis gritos:
Depois do seu cadaver enterrado,
Depois de honras, e cultos infinitos,
N'hum Cedro, que cobria a fatal campa,
Este Epitaphio lugubre se estampa:

LXXXI.

Jaz tambem deste tumulo no seio
O Misero Machim, que a dura Morte,
A' sua fera Dôr tomando o freio,
Quiz unir com a misera Consorte:
Pouco tempo viveo de Amor no enleio;
Achou sempre contraria em tudo a Sorte,
Até que sobre as azas da Saudade
Foi viver com Harfet na Eternidade.

LXXXII.

Alguns dias depois alli passámos
Sempre envoltos no manto da Tristeza,
E, em quanto alli vivemos, pranteámos
O Caso triste, Horror da Natureza:
Sobre o nosso destino consultámos;
E então, tentando huma arriscada empreza,
Por fugir de tão funebres Lugares,
Quizemos entregar a vida aos mares.

LXXXIII.

Lançando ás ondas o batel pequeno,
Que nos tinha ficado sobre a praia,
Qualquer de nós com animo sereno,
Para a vida perder no mar se ensaia:
Já parece fugir-nos o Terreno,
Por nós deixado, mas nenhum desmaia;
E a poucos sulcos da nadante Quilha,
Entre as ondas se some a fertil Ilha.

LXXXIV.

Poucos dias andámos vagueando
Sobre mares pacificos, e puros,
Na Piedade dos Deoses confiando,
Porque assim navegassemos seguros:
Tranquillos doces Zephyros soprando
Trazem da Barbaria aos Climas duros
O boiante batel, que temerario
Se expôz ás furias do Oceano vario.

LXXXV.

Finalmente aqui somos Prisioneiros;
Porém ah! que ventura agora tenho
De achar aqui aquelles Companheiros,
Que perdidos julguei no undoso lenho!
De Successos fataes, mas verdadeiros,
Eis aqui fidelissimo desenho;
Pois he proprio de todo o desgraçado
Contar trabalhos, porque tem passado.

LXXXVI.

Tal foi a narração da mesta historia
De Machim, e de Harfet: este Captivo
Imprimio-ma toda na memoria
Com termos, de que tinha o cunho vivo:
Agora pois que tenho a ingente gloria
De achar em ti hum Numen Compassivo,
A Morales, Senhor, permitte a graça
De que huma grande súpplica te faça.

LXXVII.

Vamos, vamos tentar a augusta empreza
De descobrir aquella inculta Terra,
Onde dizem, que a Madre Natureza
Mimosas producções próvida encerra:
Longe de nós a timida fraqueza,
Redóbre-se o valor, que a ti se afferra,
A fim de que inda hum dia, ó Zargo, seja
Tua Gloria Immortal digna de inveja.

LXXXVIII.

Finalizou Morales, quando Zargo
Estava de o ouvir de assombro cheio;
Sua Alma como em languido Lethargo
Longo espaço jazeo da Dôr no seio:
Mas vendo então, que o lenho a panno largo
Crespas ondas do mar fendia ao meio,
D'improviso se furta áquelle enredo,
E assim rompe as prizões ao seu segredo.

LXXXIX.

Co' a triste Narração, que me fizeste
D'hum Caso de Desgraças mil tecido
Tanto de pasmo, e dôr minha Alma encheste,
Que longo tempo estive sem sentido:
Tudo, quanto, ó Morales, me disseste
Com vivas expressões, inda duvido,
Que possa acontecer; porém, se he certo,
A Ilha deve estar d'Africa perto.

XC.

Justo he, que ao Grande Henrique se dê parte
De quanto como Amigo me tens dito;
O Infante quer por genio, e quer por arte
Fazer soar da Lusa Gloria o grito:
Este Heróe ha de justo premiar-te,
Ha de ter em te ouvir gosto infinito,
E podes desde já ter a certeza
De que iremos tentar tão alta Empreza.

XCI.

Ah! se eu vejo, ó Morales, realizado
Hum sonho, que inda ha pouco deleitoso
Me teve entre delicias embrenhado,
Dentre os Lusos serei o mais ditoso:
Eu sonhei, que, fendendo o mar salgado
Lá do Atlantico Pego Salitroso,
Grande Ilha descobri gentil, e pura,
Coberta de frondosa vestidura.

XCII.

XCII.

Que sonho para mim tão lisonjeiro!
Parto amavel da prenhe Fantasia,
Ah! se tu inda fosses verdadeiro,
Quão feliz minha sorte então seria!
Morales, tu não és já prisioneiro;
E's Vassallo da Lusa Monarchia;
Sim vamos procurar o Sabio Henrique,
Porque mais minha Gloria qualifique.

XCIII.

Dizendo assim do cavo Lenho entrega
O Commando ao Piloto Castelhano,
Que ao fresco forte vento, que refega,
Mandou logo soltar todo o mais panno:
Em demanda de Lagos já navega
O velifero Pinho Lusitano,
Em quanto Zargo Illustre assás Contente
Mil planos giza na fecunda mente.

XCIV.

O' Honras, apôs quem, cruzando os mares,
Corria o meu Heróe, quanto Ligeiras
Voais então da minha Patria aos Lares,
Para hospedar a Zargo Lisongeiras!
Aqui á Sua Gloria erguendo altares,
Com inveja das Gentes Estrangeiras,
Coroastes o Heróe, que alegre canto,
Tornando-o Digno d'immortal espanto.

Fim do Canto Segundo.

CANTO TERCEIRO.

ARGUMENTO.

NEptuno para honrar o Deos Thebano
Chama ao Paço as Maritimas Deidades;
O Thyrsigero Deos do Gama em dano
Pede a Neptuno auxilio, e tempestades:
Vaticina Protheo do Deos Silvano
A vingança, as perfidias, as maldades;
E Lieo, contra Pan enfurecido,
He pelo undoso Numen divertido.

I.

JÁ dos Astros o Nitido Gigante,
Lucida Tocha do Sidereo Assento,
Espalhava huma luz loura, e brilhante;
Que esclarecia o Liquido Elemento;
Quando ordena a Tritão Neptuno Undante,
Que toque o seu maritimo Instrumento,
Convocando a seu Paço Magestoso
As Deidades do Pego Salitroso.

II.

Eis o Ceruleo horrisono Trombeta
Emboca o buzio retorcido, e feio,
E mais ligeiro, que a volatil setta,
Deo sobre os mares rapido passeio:
Tinha Tritão a pelle semi-preta
Do informe Corpo nú quasi até meio,
E dalli para baixo estava ornado
D'hum musgo semi-verde, e avermelhado.

III.

Sobre escamosos hombros lhe pendião
Huns limos verdes, outros amarellos,
Que prenhes d'agoa sórdidos fingião
Ser deste Monstro os rispidos cabellos:
Seus olhos asquerosos se escondião
Em duas grutas concavas; de vêllos
Não se jactão as salsas Divindades,
Tão fundas são as negras Cavidades.

IV.

Sustentava Tritão, Monstro tremendo,
" O buzio atroador nas mãos calosas, "
E delle ao som estrepitoso, e horrendo
Troavão as Campinas marulhosas:
Já de todas as partes vem correndo
As humidas Deidades pressurosas,
E ornadas todas de prestante gala
Já pizão de Neptuno a Regia Sala.

V.

V.

Estando junta a Côrte Neptunina,
Sóbe o Monarca ao Throno adiamantado,
E a máo dando ao Thyrsigero Divina
Beija-lhe a face, e o senta ao Dextro Lado:
Depois pondo a Coroa Crystallina,
E empunhando o seu Sceptro triplicado
A todos, quantos lhe faziáo Côrte,
Em honra de Lieo diz desta sorte:

VI.

Divindades do mádido Elemento,
Este, que vedes, Numen Pampinoso
He Baccho, aquelle Deos, que tem assento
Entre os Deoses do Olympo Luminoso:
Finalmente sabei, que he meu intento,
Que em dia táo feliz, táo venturoso,
Beijeis a Dextra, que aureo Thyrso move,
A Dextra ao Filho do Supremo Jove.

VII.

Apenas isto disse o Rei dos Mares,
Pela escada do Throno Refulgente
As Divindades váo subindo a pares,
Para beijar a máo Thyrsi-virente:
Baccho, vendo estas honras singulares,
Desarreiga do peito a voz cadente,
E á Regia Côrte, que suspensa fica,
Desta maneira o seu prazer explica:

VIII.

Eu sou Filho de Jupiter Sagrado,
Mas entre os Deoses da Celeste Côrte
Não fui inda atéqui tão venerado,
Nem passei por tão magico transporte:
Que enchente de prazer divinizado
Me alaga o coração! Divina Cohorte
De inexhaustas Delicias me arrebata,
E sobre mim mil extasis desata!

IX.

Agora pois, que a Prospera Ventura
Quiz, que eu viesse ao Reino Neptunino,
Onde com tanto amor, tanta ternura
Me hospéda o Vosso Rei mais que Benigno;
Hum pouco me escutai; vou com lizura
Declarar-vos a quanto me destino;
E tu, Supremo Deos do inquieto Argento,
O quanto vou dizer, escuta attento:

X.

Dois dias ha que Jove congregára
Os Deoses todos da Sublime Esfera,
Só porque n'alta mente projectára
Honrar a Nação Lusa, a quem prospéra:
Disse então, que por Lei dos Fados rara
Dos Fados, contra quem nada se altera,
Estavão Varões Lusos destinados
A Mares contrastar, não contrastados.

XI.

Que das margens do Téjo iria hum Gama
Com muitos Heróes mais, fendendo os mares,
Intrepidos apôs d'inclita Fama
Vêr inda hum dia do Oriente os Lares;
Que alli mesmo, onde Phebo accende a chama,
Por sublimes façanhas singulares
Se farião temer d'hum modo novo
Pelo tostado semi-fusco Povo.

XII.

Disse mais, que porque esta grande Empreza
Lhes parecesse menos arriscada,
Queria fosse a Gente Portugueza
Em grande Ilha aprazivel hospedada:
Que do que alli a Madre Natureza
Produzisse, seria refrescada,
Para que mais affouta, e mais Contente
Buscasse as ricas Terras do Oriente.

XIII.

Disse mais, que seria descoberta
A gentil Ilha por hum Zargo Illustre,
Que inda por esta acção de gloria certa
Daria ao Nome seu mais vivo Lustre:
E que esta Empreza, que o valor desperta,
Por fazello Immortal, não quer se frustre,
Pois que tinha d'ha muito projectado
Tornállo Digno d'inda ser cantado.

XIV.

Ouvindo esta proposta ao Deos Tonante,
Que os Deoses todos juntos approvárão,
Do Throno Augusto seu me puz diante
E attentos alli todos me escutárão:
Pedi então ao Numen fulminante
Com súpplicas humildes, que o tocárão,
Me désse da Grande Ilha o Torrão largo,
Que eu nelle hospedaria o Nobre Zargo.

XV.

Assim mo concedeo Jove Supremo,
Fez-me da fertil Ilha a Divindade,
Mas ah! quanto receio, ah! quanto temo
Vêr eclipsada a minha Magestade!
Entre suspeitas mil vacillo, e tremo,
Parte-me o coração ímpia Anciadade
Por vêr que hão de ir Illustres Lusitanos
Abrir as Portas do Oriente ufanos.

XVI.

Alli, onde o meu Nome he respeitado
Pelos Indicos Povos, que submissos
Me adorão por seu Idolo Sagrado,
Sem que nos cultos meus sejão remissos:
Alli, onde fui sempre venerado
Por Povos brutos, e na côr mistiços,
Hei de soffrer, que hum dia ó forte Gama
Me roube o culto, a gloria, o Nome, a Fama?

XVII.

Alli, onde por célebres façanhas;
Bem dignas todas de immortal memoria,
Offusquei por Cidades, e Montanhas,
Do Grego Rei a chamejante Gloria;
Alli, onde fiz vêr acções tamanhas,
Que não cabem nas paginas da Historia,
Hei de soffrer que os Lusos as occultem,
E abaixo inda do Lethes as sepultem?

XVIII.

As palmas, que eu colhi no Hydaspe, e o Ganges,
E que estão novamente recrescidas,
Pelos dos Lusos bellicos alfanges
Hão de ser cerceadas, e colhidas?
O' tu, Supremo Rei, que a terra abranges
Com cérulas prizões entumescidas,
Quando o Gama intentar a Empreza estulta,
Teu poder, teu auxilio me faculta.

XIX.

Quero então que o teu Reino revoltoso
Se mostre contra os Ceos em viva guerra,
As ondas arrojando procelloso
(Se he possivel) mais altas do que a Terra:
Eu quero vêr do Gama o lenho undoso
Já naufrago saltar de serra a serra,
Até que co' a mais Frota de mistura
Entre as ondas encontre a sepultura.

XX.

Do teu Reino nas fundas Cavidades
Encerra desde já, Numen Potente,
(Como em dura prizão) as Tempestades,
Que hão de contrarias ser á avara Gente:
E vós todas, Ceruleas Divindades,
Assanhai-as cruéis constantemente,
Para que mais bravosas, e violentas
Desentranhem terrificas tormentas.

XXI.

Ao Rei, que prende em ásperas cadêas
Os Euros, Aquilões, Austros, e Notos,
Direi, que aos Ventos solte as prizões feas,
A Ventos na braveza ainda ignotos:
Se a Sorte prosperar minhas idéas,
A Climas do Occidente tão remotos,
Sem que seja de todo destroçada,
Não poderá chegar a Lusa Armada.

XXII.

Nas Portas do Oriente está de guarda
O negro Adamastor, Gigante Informe,
Cuja pállida côr, terrena, e parda
O faz temivel, monstruoso, e enorme:
A' lerta sempre está, e sempre aguarda
Com igneos olhos, com rancor disforme
Para bravo investir qualquer humano,
Que por alli quizer passar insano.

XXIII.

Se o Gama for com tudo protegido
Por algum Numen, que me seja opposto,
Chegando alli de sustos combatido,
O esforço perderá, e a côr do rosto:
Póde ser, que então, vendo ao ar erguido
O Gigante na fórma descomposto,
Se intimide, e dê costas ao Oriente,
Buscando os Horizontes do Occidente.

XXIV.

Mas se este Heróe, vencendo ímpias tormentas,
E o disforme enormissimo Gigante,
Escapando-lhe ás garras famulentas,
Passar do Promontorio inda adiante;
Farei, que nas dos Mouros fraudulentas
Em Moçambique acabe o Heróe Pujante,
Cahindo infelizmente nas ciladas,
Que por mim lhe estaraõ alli tramadas.

XXV.

E se acaso inda assim, vencendo enganos,
E vencendo traições, que armar pertendo,
Escapar com seus fortes Lusitanos,
E for segunda vez o mar fendendo;
Tecer-lhe-hei dentre os mais perversos danos
O dano mais fatal, e mais tremendo;
Sagaz Piloto na apparencia Amigo
Lhe dará dos seus crimes o castigo.

XXVI.

Com estas precauções tão bem pensadas
Talvez possa evitar os ímpios danos,
Que nas Indicas Terras dilatadas
Irão fazer os fortes Lusitanos:
Talvez que escapem minhas Leis Sagradas
Da vil profanação desses Tyrannos,
A quem destinão Fados inconstantes
Grandes venturas, sólidas, prestantes.

XXVII.

Isto dizendo; os Numes Neptuninos,
Entre si longo tempo murmurando,
Parecião estar contra os Destinos
Com sacrilegas vozes blasfemando:
O Deos então dos Mares Crystallinos,
Das prizões do Silencio a voz soltando,
Sem que do rogo de Lieo se esqueça,
Principia a fallar, e assim se expressa:

XXVIII.

Que póde o Filho do Tonante Jove
Pedir, ou desejar, que eu lhe não faça?
Se queres, Thyoneo, que isto te prove,
Pede outra nova, e mais sublime graça:
O Rei dos Mares, que o Tridente move,
Quando quer, té penedos despedaça;
E a tanto ás vezes rabido se affoita,
Que até co' as ondas terra, e Ceos açoita.

XXIX.

Sim: deixa a meu cuidado o grão castigo
Das, que querem fazer-te, vis affrontas;
Neptuno he Tio teu, he teu Amigo,
Por tal o conta já, se inda o não contas:
Prometto maltratar teu Inimigo;
Horrendas Tempestades tenho prontas
Encerradas em Carceres profundos
Capazes de arrazar milhões de mundos.

XXX.

Se dos antros escuros, em que jazem,
Forem todas a hum tempo desprendidas,
Os mesmos altos Ceos talvez arrazem,
Se o quizerem fazer embravecidas:
Nas prizões, em que estão sanhudas, fazem
Desordens tão fataes, tão desabridas,
Que mil vezes rompendo os quicios duros
Tentão sahir dos Carceres escuros.

XXXI.

Mas eu, que tenho alli por sentinellas
Informes Monstros hórridos em tudo
Capazes de aterrar a todas ellas
Com hum só braço seu forte, e membrudo:
Não receio, que, tendo estas cautélas,
Possão fazer estrago iniquo, e rudo,
Sem que as mandem sahir das prizões feas,
E lhes tirem as rigidas cadêas.

XXXII.

Descança, Thyoneo, serás vingado;
Eu farei, que esse Heróe, que se destina
A sulcar o meu Campo náo sulcado,
Encontre a sua misera ruina:
Temerario, náo vê que a Lei do Fado
Sobre o Numen dos Mares não domina,
E que nenhum mortal por mais valente
Tem entrado o meu Reino impunemente!

XXXIII.

Ah! socega, Lieo, por minha conta
Deixa o punir as pérfidas injurias;
Sem castigo não fique a tua affronta,
Respeite o Gama de Neptuno as Furias:
Da tua parte dolos mil lhe apronta,
Trabalhos, afflicções, penas, penurias,
Para que, vendo a Sorte táo contraria,
Desmaie nessa Empreza temeraria.

XXXIV.

Pelas agoas da Estyge somnolentas
Te juro, que esse Heróe, por ti temido,
Ha de ver-se entre horrificas tormentas
Por assanhadas ondas combatido:
E se da Morte ás garras truculentas
Escapar de algum Numen protegido,
Irá cahir nas garras execrandas
De brutas Feras Indicas, nefandas.

XXXV.

Mais não disse: e Lieo, por dar indicio
Da sua gratidão, com ar afavel,
Reconhecendo o ingente beneficio,
Baixa a fronte com modo respeitavel:
Tudo alli pareceo ser-lhe propicio,
Já não teme o rigor da Sorte instavel,
Porque em auxilio seu não duvidoso
Tem as Deidades do Elemento undoso.

XXXVI.

Estavão inda os Deoses assentados
Em bancos de crystal, como he costume,
,, As Deosas em riquissimos estrados ,,
Logo abaixo do Throno do seu Nume:
Quando o Profeta, que perscruta os Fados,
E do Futuro lê no grão volume,
O silencio rompendo, em que jazia,
Começa desta sorte a Profecia:

XXXVII.

Tu dizes, ó Thyrsigera Deidade,
Que por graça de Jupiter honrosa
Vas ser agora a Sacra Divindade
Déssa Grande Ilha, fertil, e frondosa:
Eu bem sei que a Tonante Magestade
He Grande, Justa, Recta, Poderosa,
Porém temo, que Pan, o Deos Caprino,
Se opponha desta vez ao teu Destino.

XXXVIII.

Este Numen por ti com seus Silvanos
Já foi lançado fóra do Oriente,
Onde viveo com elles longos annos,
Como Deos Tutelar da inculta Gente:
Ainda contra ti odios insanos
Conserva no seu peito vivamente,
Ainda resentido desta affronta
De rancor cheio co' a vingança conta.

XXXIX.

Das Indicas Florestas desterrado
Por ti, que então lhe armaste dura guerra,
Correo Pan a buscar seu gazalhado
Nos verdes bosques dessa Nova Terra:
Alli de hirsutos Satyros cercado
Em grande gruta horrifica se encerra;
He alli que o seu Novo Imperio estende,
He nestes Bosques, que ficar pertende.

XL.

A Gruta, em que elle habita, assás profunda,
No centro está d'hum Bosque alli medonho,
Que em corpolentos cedros tanto abunda,
Quanto tem de copado, e de tristonho:
Assombra a triste Cavidade immunda
Hum Negrume Avernal sempre enfadonho,
Tão cerrado, tão lugubre, tão feio,
Que nunca deixa perscrutar-lhe o seio.

XLI.

D'hum lado, e doutro lado estão rochedos
Pendurados alli de immensa altura,
Cobertos de Silvestres arvoredos,
Que espalhão huma sombra sempre escura:
Alli por entre desiguaes penedos
Em grossos borbulhões limpida, e pura,
Tombando d'alto cahe da gruta perto
Agoa sempre em confuso desconcerto.

XLII.

O Semicapro Deos alli vagando
Por valles, e por montes infinitos
Conduz sempre apôs si lascivo bando
De cornigeros Satyros auritos:
Ora montes descendo, ora trepando,
No mar os olhos seus tem sempre fitos,
Com temor de que alguem ainda o prive
Do socego, em que alli Contente vive.

XLIII.

Vive o Numen Caprino acompanhado
De montanhezas Dryades lascivas,
Que no centro do Bosque emmaranhado
Andão sempre em corêas mil festivas:
Muitas dellas d'hum lado, e doutro lado
Fogem alli dos Satyros esquivas,
Mas da Lascivia as chamas ateando,
„ Se deixão ir dos galgos alcançando. „

XLIV.

XLIV.

Muitas dellas em banhos de agoa pura
Lavar se deixão nas mais moles séstas,
Em quanto dentre a tremula verdura
Erguem os Faunos as bicorneas testas:
Tal ha, que, vendo tanta formosura,
Salta dentre as frondiferas florestas,
E surprendellas vai, porque não tarde
„ A matar n'agoa o fogo, que nelle arde. „

XLV.

Entre tantas delicias Pan vivendo
Com os seus torpes Satyros biformes,
Que lhas roubem está sempre temendo,
Armado alli de precauções disformes:
Ha de, ó Numen Thyrsigero, em te vendo
Cruel tecer-te então traições enormes,
Ha de, sim, com seus Satyros crinitos
Tecer-te Insano dolos infinitos.

XLVI.

Este bicórneo Deos monti-vagante
Conserva contra ti hum odio antigo,
E quando alli chegares petulante,
Te negará na inculta Terra abrigo:
Convém pois, ó Lieo, que neste instante
Contes com este pérfido Inimigo,
Que abrazado em rancor, ardendo em furia,
Não quererá soffrer segunda injuria.

XLVII.

He tempo ainda, he tempo de cederes
Da empreza, a que de novo te destinas;
Deixa, que Pan alli goste os prazeres
Dos seus bosques, seus montes, e campinas:
Não lhe queiras roubar os seus poderes;
Vê, que de novo hum Nùmen amofinas,
E que inda póde ser, que elle irritado
Procure meios de se vêr vingado.

XLVIII.

Mal acabou Protheo, de Niza o Nume
Abrazado em furor, em ira ardendo,
Flamejando dos olhos vivo lume,
Solta do peito a voz, assim dizendo:
Se o caprí-pedo Pan zombar presume
Do Deos, Filho de Jupiter Tremendo,
Engana-se, porque eu, por vêr-me pago,
Farei, que elle então sinta duro estrago.

XLIX.

Que direito tem Pan á Terra inculta,
De que Jove meu Pai, me fez a graça?
Já que este Deos monti-vago me insulta,
Sinta pois sua misera desgraça:
Saberás, ó Neptuno, o que resulta
Da minha sem igual forte ameaça;
Da Deidade Corni-gera Caprina
Verás cedo a tristissima ruina.

L.

Este Numen Lascivo em fundas Brenhas
Seu Imperio fundar sómente deve,
Onde cobertas traga as hirtas grenhas
De chuveiros brumaes, de fria neve:
Dentre escarpadas rochas, altas penhas
Nem lhe cumpre sahir por tempo breve,
Pois póde accommetter pelas Florestas
As engraçadas Dryades honestas.

LI.

Em quanto a gentil Ilha inhabitada
Esteve, pode Pan existir nella,
Porém logo que seja povoada,
Póde o Bicorneo Deos deixar-se della:
Quando não eu farei, que incendiada
Seja hum dia a grande Ilha amena, e bella,
Só porque a viva chama a Pan incite
A buscar outros Bosques, em que habite.

LII.

Por Jupiter, meu Pai, protesto, e juro,
Que se Pan se oppozer aos meus intentos,
O estrago sentirá mais ímpio, e duro,
Que se vio atéqui: de pensamentos
Não, não mudo, ó Protheo; quanto asseguro,
Contra Pan em brevissimos momentos
Verás executado, se com tudo
Este Deos se oppozer a mim sanhudo.

LIII.

LIII.

Té farei, que essa Mão, que os Astros move,
Sepulte nas profundas cavidades
Do negro Reino do Tartareo Jove
A Pan, e as mais Cornigeras Deidades:
Té farei, que este Numen alli prove
Por castigo das pérfidas maldades
Tormentos Infernaes, bem como Ticio
Está pagando da Lascivia o Vicio.

LIV.

Ah! perdôa, Neptuno, se excedido
Tenho aos limites d'hum Dever Sagrado;
Eu sei quanto respeito te he devido,
Mas eu estou por Furias assanhado:
Hum Numen, que se vè d'outro offendido,
Razão tem de dar mostras de enfadado,
E muito mais Lieo, a quem offende
Hum Deos, a quem nenhum culto se rende.

LV.

Apenas isto disse, então se cala,
Supprimindo no peito a voz queixosa,
Donde de quando em quando afflicto exhala
Respiração convulsa, e dolorosa:
Rancor faminto o coração lhe rala;
Do rosto a côr se torna luminosa;
E os olhos, scintillando vivo lume,
Espalhão labaredas em cardume.

LVI.

LVI.

Neptuno por domar de Baccho as iras
Faz sinal ás flucti-vagas Donzellas
Para que aos sons das concertadas Lyras
Unão as vozes magicas, e bellas:
Com sendaes recamados de safiras
Estavão adornadas todas ellas,
E com fios de pérolas brilhantes
Ornavão as Cabeças elegantes.

LVII.

Nisto sôão das Lyras brandamente
Os delicados sons, que a Baccho encantão,
E as formosas Nereidas docemente
As puras vozes músicas levantão:
Em honra de Lieo em tom cadente
Engraçadas Canções sonoras cantão,
Com que Baccho de gosto transportado
Troca o vivo furor em terno agrado.

LVIII.

Para mais encantar Lieo, cantárão
A Invenção do Licor, que anima os peitos;
Depois com vivas vozes entoárão
Os, que elle fez na India, Heroicos Feitos:
Inda acima dos Astros levantárão
Seu Nectar, e seu Nome ao Mundo acceitos,
Rematando o Louvor, como he costume,
Em tres vezes baixar frentes ao Nume.

LIX.

Nas de crystal abobadas lustrosas
Longo tempo soárão os accentos
Das mellifluas vozes sonorosas,
E dos suaves doces Instrumentos:
Que divinas Canções harmoniosas!
Que bem desempenhados pensamentos!
Nunca atélli Nereidas tentadoras
Se mostrárão tão célebres Cantoras.

LX.

O Filho de Semele em doce enredo
Do seu rancor, e até de si se esquece,
Mostrando apenas no semblante ledo
Hum riso affavel, que prazer parece:
Neptuno então rompendo o seu segredo
De novo a Baccho este elogio tece:
Estas honras, Lieo, te são devidas,
E a bem poucos por mim são concedidas.

LXI.

Rogo-te pois, que inda que seja hum dia,
Te dignes de ficar aqui comigo;
Eu prometto fazer-te companhia,
Até essa Grande Ilha irei comtigo:
E se Pan com culpavel ousadia
Te pertender negar na Terra abrigo,
Para tão grande ultraje castigares
A teu lado terás o Rei dos Mares.

LXII.

Assim disse: e do Throno Crystallino
Segunda vez a Baccho a dextra dando,
Com hum ar carinhoso, mas divino
Da Sala ao pavimento foi baixando:
As Deidades do Reino Neptunino,
Sororos vivas com prazer soltando
Em louvor do Pampineo Deos Thebano,
Seguem o Seu Monarca Soberano.

LXIII.

Por muitas Regias Salas discorrendo,
Seguidos da Maritima Assemblea
Váo Neptuno, e Lieo, que entáo vai vendo
Bellezas, com que todo se glorea:
Nos aureos quicios com fragor rangendo
Eburnea porta se abre, e patentea
Magnifico Jardim, que attençáo pede,
E áquelle das Hespérides náo cede.

LXIV.

Os longos altos muros, que o cercaváo,
Eráo todos d'hum jaspe prateado;
Dois grandes Monstros hórridos guardaváo
Este Jardim d'hum lado, e doutro lado:
Aos mesmos Deoses, quando nelle entraváo,
Por Neptuninas Leis era vedado
O colher qualquer flor, ou qualquer fruto,
Sem que cahissem n'hum commisso bruto.

LXV.

Sobre grossas columnas auri-puras
Ornavão o Jardim maravilhoso
Diversas emblematicas Figuras
Fabricadas de marmore lustroso :
Por entre as sempre flóridas verduras
Ostentavão hum quadro precioso
Tão sublime, tão magico, tão bello,
Que parece encantar quem chega a vêllo.

LXVI.

D'hum lado se estão vendo de mãos dadas
Em triplice Corea encantadora
As ternas Companheiras engraçadas
Da Formosa Dione tentadora :
De grinaldas de rozas coroadas,
Mimo, que lhes fizera a casta Flora,
Alli figurão em mimoso amplexo
Do desvelado Amor o estreito nexo.

LXVII.

Alli se vê tambem posto defronte
O Filho de Liriope vaidoso,
No puro espelho de sonora fonte
Admirando o semblante seu formoso:
Pouco distante está de erguido monte
No seio, que apparece cavernoso,
A Ninfa convertida em penha dura
Pela Narcissea esquiva Formosura.

LXVIII.

Doutro lado se avista convertido
Em cornigero cervo desgraçado
O Filho de Aristêo, porque atrevido
Diana vê no banho prateado:
Do crime da Lascivia assim punido
He pelos proprios cáes dilacerado,
Entretanto que a Deosa das florestas
Se banha entre Hamadryades honestas.

LXIX.

Alli se vê tambem do lado opposto
A Diva, que do Espumeo Mar nascêra,
Em cujos niveos braços está posto
O Menino, que até nos Ceos impera:
Na dextra face do mimoso rosto
Da sempre Bella Deosa de Cithera
Os labios seus o terno Filho imprime,
Mostrando que a ternura não he crime.

LXX.

Neptuno então, com Baccho passeando,
Lhe mostra as producções, que a Natureza
Alli tambem cultiva, e que admirando
Vai Lieo com subtil delicadeza:
Acha alli, mil perfumes exhalando,
Raras flores na graça, e na belleza,
Acha frutos de rara formosura,
E plantas de frondosa vestidura.

LXXI.

Depois de lhe mostrar as excellentes
Bellezas naturaes, que a Baccho enleáo,
Passa a mostrar-lhe os campos transparentes;
Que os gados escami-geros vagueáo:
Campinas, valles, montes differentes
Co' as Divindades humidas rodeáo,
Té que váo dar nas grutas cavernosas,
Que habitáo Tempestades procellosas.

LXXII.

Bem como nos ergastulos immundos,
Em que Feras os Principes encerráo,
Leões sanhudos, Ursos furibundos
D'hum lado fremem, d'outro lado berráo;
Assim tambem nos carceres profundos
As Tempestades, que ás prizões se afferráo,
E a cujo movimento os mares tremem,
D'hum lado berráo, d'outro lado fremem.

LXXIII.

Nas grutas, em que Hippótades grilhôa
Os assanhados revoltosos ventos,
Hum táo medonho estrépito náo sôa,
Nem se escutáo fragores táo violentos:
Das Tempestades o motim retrôa
Das Cavernas nos antros turbulentos
Com mais forte estridor, mais infinito,
Do que o das Furias no Avernal Cocito.

LXXIV.

D'alli passa a mostrar-lhe as grutas bellas,
Em que habitão as húmidas Deidades;
Reluzião alli em todas ellas
Mil conchas de diversas qualidades:
Alfaias naturaes, graças singellas
Se encontrão nas marinhas cavidades;
Só de auriferos limos erão feitos
Os destes Numes sumptuosos Leitos.

LXXV.

Nisto a Baccho fallou desta maneira
O Maritimo Rei: Numen Thebano,
Tenho dado huma prova verdadeira
De que sou teu Amigo puro, e lhano:
Sigamos pois agora a mesma esteira;
Voltemos a meu Paço Soberano,
Onde acharás de novo (se quizeres)
Inda não vistos Divinaes Prazeres.

LXXVI.

Disse: e as salsas estradas retrilhando,
Aos Regios Paços Neptuninos chegão,
Onde a Prazeres magicos em bando
De novo os Deoses Immortaes se entregão:
Em quanto isto acontece, o mar cortando
Os Lusitanos prósperos navegão,
E Zargo lá comsigo só consulta
Meios de descobrir a Terra inculta.

Fim do Canto Terceiro.

CAN-

CANTO QUARTO.

ARGUMENTO.

DÁ fundo o Lenho Luso na enseada
De Lagos, donde Zargo, apenas chega,
Vai informar da Terra inhabitada
Ao Grande Henrique; Zargo se encarrega
Do seu Descobrimento: aos ventos dada
A quilha, o Luso Heróe ao mar se entrega;
E então conta, ao sulcar do Téjo a vêa,
A fundação da Célebre Ullyssea.

I.

NO mais alto do Olympo descançavão
Os fogosos flammi-feros Ethontes,
Que o Plaustro de Titán leves tiravão
Fugindo do Oriente aos horizontes:
Quando pouco distantes se avistavão
Do Algarve claramente os altos montes,
E Lagos offertava em porto Amigo
Ao Claro Zargo carinhoso abrigo.

II.

Enfunavão do Lenho as brancas vélas
Sonoras virações, frescas soprando,
E Morales então, por não perdêllas,
De linho as azas solta ao sopro brando:
Sem que se arme de timidas cautélas,
O Pomi-gero Algarve costeando,
De Lagos entra a plácida bahia,
Soltando aos ares vivas de alegria.

III.

O mar da tenaz ancora ferido,
Entrando pela prôa, ao convéz salta,
Que de globos de espuma guarnecido
Parece, que de pérolas se esmalta:
Do Lenho pela amarra suspendido
„ Tomão as vélas, amaina-se a verga alta, „
E porque o ferreo dente a area ferra,
Vai Zargo com Morales logo á terra.

IV.

Vamos, vamos (lhe diz) ao Sabio Henrique
Informar da Grande Ilha; e que eu pertendo,
Porque assim minha gloria immortal fique,
Tentar a Descoberta o mar fendendo:
Que porque o meu valor se justifique,
Perigos enormissimos vencendo,
Me deixe (lhe direi) tentar a Empreza,
A que me chama Heroica Fortaleza.

V.

Saberás que este Heróe assiduamente
Se embrenha em Mathematicos Estudos,
E que delles traz prenhe a Sabia Mente,
De que nascem Juizos sempre agudos:
Elle sabe prezar constantemente
Engenhos perspicazes, e não rudos;
Huma vez que te veja, e te conheça,
Verás tua ventura, e bem depressa.

VI.

Vás hoje conhecer, Quem noite, e dia
Trabalha pela Gloria Lusitana,
Desejando estender a Monarchia
Ainda além da Terra Tingitana:
Pela sua Immortal Sabedoria,
Que parece exceder a força humana,
Se tem feito Immortal; ah! vamos vêllo,
A ventura terás de conhecello.

VII.

Tu mesmo informarás o Douto Infante
Da Nova Terra inculta; e destemido,
Porque lhe dês de amor prova bastante,
Te offerece a seguir o meu partido:
Conhecendo teu animo possante,
Teu sublime valor, zelo subido,
Saberá premiar (como costuma,)
O Grande Heróe tua coragem summa.

VIII.

Assim dizia Zargo, em quanto a estrada
Pizava com Morales animoso,
Buscando a insigne Villa, que fundada
Foi pelo Inclito Infante Estudioso:
Chegando em fim á esplendida Morada
D'Henrique, Mathematico Famoso,
Por elle com carinhos desmedidos
Forão Zargo, e Morales recebidos.

IX.

Excelso Infante, (Zargo principia
Desta sorte a fallar) aqui te trago
Hum Piloto, que tudo, o que annuncia,
Requer tua attenção, meiguice, e afago:
Não quero premio de maior valia;
Com a vida arriscar me dou por pago,
Deixa Zargo, que affoito os mares sulca,
A Terra demandar, que elle te inculca.

X.

Mal acaba, Morales animado
Das vivas expressões, que Zargo anima,
Beija a Dêxtra d'Henrique Celebrado,
A Quem só pule da Virtude a Lima:
Quanto Zargo lhe tinha insinuado
Ao Santo Infante com facundia intima,
Rogando-lhe, que o deixe unido a Zargo
A terra procurar pelo mar largo.

XI.

Quando Henrique a Morales escutava,
Regia a Noite o taciturno Imperio
Das somnolentas sombras, que espalhava,
E em que envolvia o lúcido Hemisferio:
Sobre o seu Carro d'ébano trilhava
Logo abaixo do Olympo o espaço aerio,
E Cynthia como em languidos desmaios
Âpenas espargia frouxos raios.

XII.

Então o Sabio Infante, desatando
Do peito a Regia Voz, diz deste modo:
He justo, que essa Terra demandando,
Da negra Escuridão se roube ao Lodo:
Vai, Zargo, as ondas do alto mar rasgando,
Essa Empreza tentar: se o mundo todo
Podesses descobrir, com que alegria
Tuas Grandes Acções premiaria!

XIII.

Tu és Aquelle Heróe, que hoje mais prézo,
E assás Digno da Acção, que ousado intentas;
Huma Façanha tal tem tanto pezo,
Que só tu, Forte Zargo, he que a sustentas:
Do Patrio Amor nas chamas sempre accezo
De Feitos immortaes só te alimentas;
Com Morales apôs d'inclita Gloria
Vai-te Digno fazer d'alta memoria.

XIV.

XIV.

Apenas de Titán a Precursora,
Os seus aureos cabellos sacodindo,
Vier sobre os Jardins da gentil Flora
Crystallinos aljofres esparzindo;
Sobre a Quilha dos mares cortadora
Vá Zargo as salsas ondas dividindo,
Té que entre a foz do Têjo, e alli me espere,
Porque os intentos seus melhor prospere.

XV.

Beijando a Dextra Mão do Augusto Infante,
Com as Ordens por elle decretadas
Vai Zargo procurar o Pinho undante,
Retrilhando veloz ermas estradas:
Inda envolvia a Noite vigilante
A Terra em vagas sombras desmaiadas,
Quando este Heróe, chegando ao Lenho leve,
Manda tudo aprestar em tempo breve.

XVI.

Com ruidosa voz de prazer cheio
Grita, e diz: Levem ancora ligeiros,
Dem-se vélas aos ventos, porque creio,
Que a Aurora cedo mostra os seus Luzeiros.
Do cóncavo convéz posto no meio
Com vozes animava os marinheiros:
Ouvia-se ao mover do Cabrestante
A Nautica Celeuma dissonante.

XVII.

Mostrava a bella face luminosa
Da Terra, e de Titán a Clara Filha,
Quando já fresca aragem bonançosa
Movia pelo mar a curva quilha:
De Neptuno a Campina marulhosa
De novo o cavo Pinho ouzado trilha,
E co' a proa parece, que desata
Longas correntes de espumante prata.

XVIII.

As vélas enfunadas parecião
Desdenhosas zombar dos limpos ares,
Quando os raios de Febo se estendião
Na cerulea extensão dos crespos mares:
Os Nautas ao Prazer, que então sentião,
Dentro em seus Corações erguem altares,
Pedindo aos ventos, e ás propicias vélas,
Que os levem do aureo Tèjo ás margens bellas.

XIX.

Quatro giros em torno ao mundo inteiro
Tinha feito o Amador de Larissea
Quando do flavo Tèjo Lisonjeiro
Sangrava a Quilha undosa a clara vêa:
Por vêr o Illustre Capitão Guerreiro
A torreada frente ergue Ulyssea,
E abrindo os braços seus mostrar procura
Inda que ao longe a Maternal ternura.

XX.

Vem, Filho meu, (dizia) nos meus braços
Descançar das fadigas, que tiveste
De Neptuno nos liquidos espaços
Em quanto nesse Pinho o mar fendeste:
Da Maternal Ternura em doces laços,
Em que outro tempo por prazer viveste,
Vem viver algum tempo, ó Filho Amado,
Gozando em paz d'hum carinhoso agrado.

XXI.

As Tágides aqui te estão tecendo
Corôas de jasmins, myrtos, e rozas,
Para adornar-te a frente, em que pertendo
Vêr ainda Coroas mais honrosas:
O Têjo do seu Leito te está vendo
Com vistas Paternaes, vistas saudosas;
Vê como, para vêr-te, a frente altêa,
E a cabeça musgui-fera menêa!

XXII.

Vem adoçar o amargo da Saudade,
Que por ti sente o Têjo venerando;
Esqueça por hum pouco a Heroicidade,
Que a emprezas immortaes te está chamando:
Com carinhosas mostras de amizade
Te estamos, Caro Filho, convidando,
A nossos braços com prazer te lança,
Em nossos braços com prazer descança.

XXIII.

XXIII.

Eis que se cala, o Têjo, que escutava
Tudo, quanto Ulyssea proferia,
D'hum Tritão nas espaduas se firmava,
E ainda acima d'agoa a testa erguia:
Vendo-lhe a frente excelsa, que adornava
Aurea Corôa, Zargo assim dizia:
Salve, Têjo Feliz, Têjo Fecundo,
Tua Gloria a maior será do mundo.

XXIV.

Em quanto está João do Solio Augusto
Regendo as rédeas d'hum Governo Santo,
Espalhando o terror, o medo, o susto
Em Africa feroz com vivo espanto:
Henrique, o Filho Seu, Constante, Justo,
Cujo Alto Nome tu respeitas tanto,
Incansavel quer dar-te o Senhorio
De novos mundos, ó Amavel Rio.

XXV.

Deixa vir esses séculos futuros,
Que em douradas prizões trazem os dias,
Que hão de ser para ti aureos, e puros,
Tecidos pelas mãos das Alegrias:
Deixa-os sahir dos carceres escuros,
Em que os prendem do Tempo as mãos sombrias,
Então, então verás, ó Têjo Louro,
Renascer para ti a Idade de ouro.

XXVI.

XXVI.

Em quanto assim dizia, o cavo Pinho
Entrava a rica foz do Têjo ufano,
Brandamente estendendo azas de linho
Sobre o das agoas crystallino plano:
Brilha nos copos o purpureo vinho
Invenção Divinal do Deos Thebano,
Bebem os Nautas, claros vivas soão,
De Zargo em honra, com que as praias troão.

XXVII.

D'hum lado, e d'outro as Tágides brincando
Sobre as areas húmidas, colhião
As prateadas conchas, que espraiando
Offertar-lhes as ondas parecião:
D'hum lado, e d'outro as Tágides em bando
As finas vestes candidas despião,
Por se banharem nas cerúleas agoas,
Onde accendia Amor ardentes fragoas.

XXVIII.

Favonio, que então plácido respira,
Brincando apôs das Virações serenas
Do Têjo pelos Campos de Safira
Guia o Lenho, soprando-lhe as antennas:
Morales, que se espanta, e que se admira
De vêr as margens do aureo Têjo amenas,
Rompe o Silencio, e diz: Illustre Zargo,
Tira-me deste extático Letargo.

XXIX.

De quanto avisto, e que com pasmo vejo;
Nunca fiz atéqui decente idéa:
He este pois o celebrado Téjo,
Que amante beija as plantas de Ulyssea?
De doce assombro, e de prazer subejo
Cheio o meu Coração, minha Alma chea
Não podem contemplar tanta belleza!...
Oh! bem haja, bem haja a Natureza!

XXX.

He este, sim, que vês, Rio Pomposo
(Zargo responde) o Téjo decantado,
Que com arêas d'ouro precioso
Paga justo tributo ao Mar salgado:
He este o Padre Téjo Glorioso,
Pelas suas riquezas invejado:
E Aquella, que vès, Emula de Roma
D'Ulysses Immortal o Nome toma.

XXXI.

Ulysses, Esse Grego Heróe Facundo,
Ulysses, Esse Heróe d'inclita gloria,
Cujo Nome foi Célebre no mundo,
E tanto lustre deo á Grega Historia:
Depois de longos tempos vagabundo
Fazer-se digno de exemplar memoria,
Foi quem fundou a Célebre Cidade,
De que te admira a Regia Magestade.

XXXII.

Em quanto pois o Lenho docemente
Abre do Téjo as ondas aniladas,
E Ulyssea nos móstra a Augusta Frente
Cingida de mil torres levantadas:
O' Morales, escuta attentamente
Dentre as acções de Ulysses decantadas
A mais sublime acção, que a vaga Fama
Com cem trombetas pelo mundo acclama.

XXXIII.

Ulysses, Esse Heróe Industrioso,
Eloquente, Sagaz, Perito, Agudo,
Da Constante Penélope era Esposo,
Penélope, que foi Famosa em tudo:
Foi hum dos Gregos Reis, que astucioso
Por vingar Menelão, punio sanhudo
Do Adultero Troiano a torpe insania,
Incendiando a misera Dardania.

XXXIV.

Destruida de Priamo a Cidade,
E transformada em horridas Campinas,
Onde em vez de belleza, e Magestade
Só se avistavão cinzas, e ruinas:
Seguindo Agamemnon na heroicidade,
Com elle fende as ondas Neptuninas,
Quando o destinão já Fados seguros
Para erguer de Ulyssea os altos muros.

XXXV.

Em destroço fatal Troia deixando,
Atravessava o Pélago espumante,
A que deo nome eterno, e miserando
A Desgraçada Filha de Athamante:
Os Gregos Estandartes, ondeando
Aos sopros d'huma aragem respirante,
Pareciáo beijar, e com ternura,
Da infeliz Helle a triste sepultura.

XXXVI.

Viáo-se apenas os Dardaneos Muros
De fumegantes cinzas carregados,
Aquelles, que mostraváo ser seguros
Contra a furia do Tempo, e até dos Fados;
Quando a Frota dos Gregos Pinhos duros
De bandeiras, e flamulas ornados
Para Tenedo as proas inclinava,
Porque alli tomar porto desejava.

XXXVII.

D'alli, cortando o golfo tormentoso,
Deráo as Gregas Náos vélas ao vento,
Do Asiatico Mar o seio undoso
Abrindo com estranho atrevimento:
Viráo depois o Tánais sinuoso
As suas agoas dar ao salso argento,
Como que está por ordem do Destino
De guarda ás portas do alto Mar Euxino.

XXXVIII.

Acoçadas d'horrivel Tempestade
Os barbaros Ciconeos Povos virão,
A cuja vil brutal ferocidade
Enfiadas de susto então fugírão:
Em Lemnos, Singular na amenidade,
Por breve tempo placidas surgírão,
Onde co' os torpes Cyclopes trabalha
O Coxo Mestre, que na safra malha.

XXXIX.

Egêas ondas indo já fendendo,
Sobrevem contra as Náos em crua guerra
Medonho Temporal, forte, e tremendo,
Que parece abysmar mares, e Terra:
Amáras ondas naufragas bebendo,
Confusas vagão já de serra em serra,
Té que, dos altos Ceos baixando, Juno
Desperta em seu favor o Deos Neptuno.

XL.

Na Grande Ilha de Sciro então surgindo
'Aquellas Náos, que aos ventos escapárão,
O mar co' as graves ancoras ferindo,
Das naufragas fadigas descançárão:
Quietas, e pacificas dormindo
Sobre o ferro tenaz, que ao mar lançárão,
Deixão os Gregos as ceruleas Quilhas,
Para verem de Sciro as maravilhas.

XLI.

Foi alli, que em musgosa Lapa hum dia
O Fatidico Vate Neptunino
Ao Filho de Laertes, que dormia,
Fez vêr as Leis do Próvido Destino:
Disse-lhe então, que cedo fundaria
Sobre a margem d'hum Rio crystallino
Cidade Augusta, para que floreça
De novo Imperio Singular Cabeça.

XLII.

D'alli sahindo as Náos, vento sereno
O panno lhes bafeja docemente;
Dos Lotophagos deixa o Porto ameno
Ulysses, animando a Grega Gente:
Atravessa esforçado o Mar Tyrrheno,
E vence então depois com força ingente
O Pastor bruto do Sicaneo Monte,
Que hum olho tinha só na baça fronte.

XLIII.

Vence os encantos da formosa Circe,
Por quem foi com meiguices hospedado:
Do véo da Humanidade sem despir-se,
No Averno he de Anticlea aconselhado:
Despede-se da Maga, e quer partir-se;
Ella, que o tinha ternamente amado,
Fazendo sacrificio ao seu desejo,
„ Lhe ensina os mares, onde morre o Téjo. „

XLIV.

XLIV.

Fendendo o mar Tyrrheno as Náos veleiras,
Em quanto fica Circe pranteando,
Paseiadas de aragens lisonjeiras
Vírão o Tibre pelo mar entrando:
Eis sobre as tristes Náos aventureiras
Vem horrivel procella desabando;
E abrindo bocas mil, os mares bravos
Pertendem engolir os Pinhos cavos.

XLV.

Açoitados das ondas, e dos ares
Vírão de Scylla as fauces voradoras,
Que, quando sorvem ondas a milhares,
Engolem altas Quilhas nadadoras:
Vomitando em cachões mil grossos mares
De Carybdes as fauces tragadoras
Tambem vírão... (Que vista tão maldita!)
Quando huma sorve, a outra então vomita.

XLVI.

Das Sereas vencendo o doce accento
As Ilhas Estoéchades vencêrão,
E do Rhódano bravo, e turbulento
As correntes indómitas bebêrão:
Vírão Massilia do salgado argento;
Do Ibéro as agoas rapidas fendêrão;
Passárão pelo Estreito Gaditano,
Onde tremem de ouvir o Heróe Thebano.

XLVII.

A' voz de Alcides, que nos ares troa,
Estremece de susto a Grega Gente;
Nas cavernas maritimas resoa
Da Herculea voz o estrepito vehemente:
Mas dando a Ulysses huma nova boa,
Eis fende a Frota a liquida Corrente
Da Lusitana Costa, atrás deixando
O Bethis, seu tributo ao Mar pagando.

XLVIII.

Arrostando trabalhos cento a cento,
Assaltado d'horrisonas procellas,
E exposto ás furias do implacavel vento,
Que lhe tragou antennas, mastros, vélas;
Com que doce feliz contentamento,
Chegou do flavo Tégo ás margens bellas
Aquelle Invicto Heróe, Heróe Supremo
Vencedor té do proprio Polifemo!

XLIX.

Vio aqui grande Garça levantada,
Que mais veloz, que o vento, o ar abria,
E apôs della voando accelerada
Real Aguia, que altiva a perseguia:
Foi então, que elle achou realizada
De Protheo a pasmosa Profecia;
E que, lançando ao fundo o ferreo dente,
Desta sorte fallou á Argiva Gente:

L.

Aqui se acaba, Amigos, o fadario,
A que nos entregou Sorte inconstante;
Ah! não temamos do Elemento vario
O indomito furor horrisonante:
Se o Fado se mostrou téqui contrario,
Foi por provar meu animo constante;
He este o Porto, a que elle nos guiava,
A pezar do rigor da sorte brava.

LI.

Aqui devo erigir Cidade Augusta,
Porque assim determina Immovel Fado,
Ou seja justa a Lei, ou seja injusta,
Não devo resistir, inda que ousado:
A Empreza he grande, porém não me assusta;
Vou tentalla com animo esforçado:
Eia, Amigos, lancemos mãos á Empreza,
Mostre-se ao Mundo a Grega Fortaleza.

LII.

Deixando então as Nãos, que a somno solto
Dormem sobre as amarras com socego,
Em suave prazer de todo envolto
Já piza a Lusa Terra o Sabio Grego:
Pela Gloria seu animo revolto,
E de seu Esplendor ornado, e cégo
Principia a erigir fortes, e duros
Da Grã Cidade os invenciveis muros.

LIII.

Foi elle o que primeiro abrindo a terra
Para animar os Gregos, que o seguião,
Huma Cabeça humana desenterra,
A cuja vista os Gregos se arripião:
O mysterio fatal, que alli se encerra,
Então saber confusos pertendião;
A Cabeça era alli como animada,
E junto de si tinha aguda espada.

LIV.

Eripilo Agoureiro foi quem disse,
Que, onde aquella Cabeça tinha a cama,
Querião Sacros Fados se erigisse
Monarchia immortal de eterna Fama.
Outros muitos successos mais predisse,
Com que do Grego o espirito se inflamma,
E animando inda mais a Gente sua,
A erigir a Cidade continúa.

LV.

Hum dia, quando o Sol da excelsa altura
Do Olympo vivos raios espalhava,
N'huma gruta entalhada em rocha dura,
Perto do Téjo Ulysses descançava:
Huma onda apôz outra alli murmura,
E o Grego, que estas cousas contemplava,
Aos trabalhos soliciros se nega,
E aos braços de Morfeo sua alma entrega.

LVI.

Então o Padre Téjo, alçando a frente,
Que encostada tem sobre arêas d'ouro,
Sobe ao cimo da liquida corrente,
Em cujo seio encerra o seu thesouro:
D'alli Ulysses vio distinctamente,
E fallar-lhe então quiz com fausto agouro,
Eis ordena a Tritão, que o buzio toque,
Porque as Deidades humidas convoque.

LVII.

Apenas em seu Paço se ajuntárão
Os maritimos Deoses, disse o Téjo:
Eu sei, que inda ha bem pouco aqui chegárão
As Náos de Ulysses, cuja gloria invejo:
Este Famoso Herói, que os Ceos amparão
Comvosco, ó Deoses, visitar desejo;
Acompanhai-me pois, ah! vinde vello,
Vereis como he gentil, galhardo, e bello.

LVIII.

Nunca ao Téjo hum tão lucido vestido
Pendeo das aureas nitidas espaldas!
Era todo de aljofres guarnecido,
De pérolas, rubins, e de esmeraldas:
Delicado franjão de ouro tecido
Em torno lhe adornava as sôltas fraldas,
E na frente, que as brancas prateavão,
Ramagens d'ouro os ventos embalavão.

LIX.

As Deidades tambem todas traziáo
Riquissimos vestidos roçagantes,
Onde entre mil safiras reluziáo
Carbunculos, coraes, e diamantes:
Os cabellos nos hombros lhes cahiáo
Enfiados em perolas brilhantes,
E de auri-verdes limos todas ellas
Traziáo vistosissimas capellas.

LX.

Eis tremulo pizando a branda area,
O encanecido Téjo, que se arrima
A grossa verde cana, fende a vea
Da tumida corrente, e salta acima:
Dos Deoses a bellissima Assembléa
Caminhando adiante o velho anima,
Até que chega em fim á gruta fria,
Em que inda Ulysses placido dormia.

LXI.

Alli lhe diz o Téjo em voz cadente,
Que a Cidade Magnifica levante,
Para que seja o Emporio Permanente
De Riquezas, que o mundo todo espante:
Diz-lhe que será Mái da Forte Gente,
Que irá, fendendo os mares do Levante,
A enganos, e a perigos resistindo,
O Ganges demandar, o Hidaspe, e o Indo.

LXII.

Fez-lhe vêr entre as sombras dos futuros
O que tinha Protheo vaticinado,
Depois que elle erigisse os altos muros
Da Cidade, que tinha começado:
Fez-lhe vêr as acções, e os Feitos puros
Dos Lusitanos Reis: d'Henrique Amado
Tambem fez vêr os inclitos Talentos,
E que faria alguns descobrimentos.

LXIII.

A Ulysses, que dormia, então deixando,
Com os Deoses maritimos se ausenta,
Para o seu Paço o Velho venerando,
Onde em seu Throno de crystal se assenta:
Das Divindades humidas o bando
Ao Lusitano Téjo comprimenta,
E beijando-lhe a dextra se retira,
Por dar parte a Neptuno do que víra.

LXIV.

Acorda o Grego, e de prazer confuso
Repete quanto ouvio ao somno entregue;
A's ondas ajoelhou do Téjo Luso,
E da nova Cidade a estrada segue,
O valor, e a coragem pondo em uso,
A construcção magnifica prosegue;
Fabricão-se Edificios sumptuosos,
Torres, Palacios, Templos Magestosos.

LXV.

Górgoris então Rei da Lusitania
Pelas malignas Furias assanhado
Se entrega do Rancor á torpe insania
Contra o Ithaco Heróe de Jove Amado:
O que este fez á misera Dardania
Pertende o Rei em furias abrazado
Fazer á Grã Cidade, armando guerra
A Gente Argiva, que em seu seio encerra.

LXVI.

Sôa de Marte a horrisona trombeta,
Juntão-se os Lusitanos contra os Gregos,
E envoltos de vil pó em nuvem preta
Assaltão a Cidade ímpios, e cégos:
A espada mais veloz, que a leve setta,
Ulysses manejando, fundos regos
Abria nos rebeldes peitos duros,
Que tentavão montar os altos muros.

LXVII.

Vendo Górgoris fero malogradas
As suas pertenções de novo intenta
Fazer com que as Nãos Gregas abrazadas
Sejão por fim no Téjo, que as sustenta:
Quando a Noite com sombras carregadas
Cobria a Terra de huma côr cinzenta,
Vem Górgoris cruel ousadamente
Entre as Nãos atear a chama ardente.

LXVIII.

Pelas Nocturnas Sombras protegido
Atêa as chamas entre as Náos undantes;
Mas o Téjo do estrago condoido
Açoita as labaredas estalantes:
O mesmo Sacro Jove, commovido
Das súpplicas dos Gregos anhelantes,
Desprendendo dos Ceos as cataratas,
Apaga as chamas, deixa as Náos intactas.

LXIX.

Afrontado então Górgoris, a lança
Posto á testa dos seus feroz brandindo,
De novo aos muros subito se avança
De corpos mortos por degráos subindo:
Ulysses immortal, que não descança,
De novo os Inimigos investindo,
Os cercados soccorre; e vendo a guerra,
Treme o Ceo, treme o Téjo, e treme a Terra.

LXX.

Depois de mil Combates furibundos,
Em que se consumírão muitos dias,
Em negros mares de seu sangue immundos
Górgoris sepultou as ousadias:
Sua Alma foi dos horridos profundos
Vêr as Cavernas tetricas sombrias,
Em quanto ao Grego Heróe a Eterna Gloria
Cinge a frente dos Louros da Victoria.

LXXI.

Inda os Campos estavão roxeados
De lagôas de sangue, onde os seus vultos
Escondião os Corpos traspassados
Dos Gregos, e dos Lusos insepultos;
Quando Ulysses de novo aos começados
Edificios, rendendo a Pallas cultos,
Com divino furor forças applica,
Completando a Cidade Augusta, e Rica.

LXXII.

Edificada a Célebre Cidade,
E o Templo Sacro a Pallas, nelle rende
Sacrificios á Pura Divindade,
Que o protegeo na guerra, e que o defende:
Do Téjo então deixando a amenidade,
De linho as azas concavas estende,
E de Ithaca pizando o salso trilho,
Vôa a buscar Penelope, e seu Filho.

LXXIII.

Por longo tempo o Téjo então saudoso
Do Filho de Laertes, e Anticlea,
Gemer se ouvio afflicto, e doloroso
Languido posto sobre a fulva arêa:
Na dura ausencia deste Heróe Famoso
Se mostrou sentidissima Ulyssea,
E co' as do Téjo em prantos de amargura
As suas turvas lagrimas mistura.

LXXIV.

Por longo tempo as Tágides sentidas,
Arrepellando as tranças, vagueárão
Por estas praias, e de dôr feridas
A Saudade de Ulysses pranteárão:
As agoas deste Rio amortecidas
Sobre as túrbidas margens se encostárão,
E parecem alli de quando em quando
Estar da triste ausencia murmurando.

LXXV.

Desta sorte, ó Morales, foi fundada
A sempre Alti-fami-gera Ulyssea,
Cuja brilhante frente torreada
Se vê do Téjo na espelhenta vêa:
Virá tempo, em que seja respeitada
De tudo quanto o mar, e o Ceo rodea;
Contempla pois a fulgida Grandeza
D'Aquella, que das Côrtes he Princeza.

LXXVI.

Dizia Zargo assim, quando chegava
O Lenho ao porto, em que ancorar devia;
Já pouco a pouco o panno se arriava,
E a ancora bidente se movia:
Por entre cavos pinhos serpeava
O Madeiro, que ao leme obedecia;
E já de todo as virações contentes
Encolhião as azas transparentes.

LXXVII.

Tomba da prôa o ferro dentagudo,
Ferindo as mansas agoas crystallinas,
E vai descarregar seu golpe rudo
Nas húmidas arêas auri-finas:
Estava o Padre Téjo vendo tudo;
E vendo tremular as Lusas Quinas,
Alçando mais a tremula cabeça,
Com sonorosa voz assim começa:

LXXVIII.

Salve, Zargo Feliz, cujas Proézas
Hão de ser inda hum dia decantadas;
O Sacro Jovè te destina a Emprezas,
Que inda hão de ser em metro eternizadas:
Essas, que ondeão, Quinas Portuguezas
Vai fazendo no Mundo respeitadas;
Inda sulcando não sulcados mares
Has de fazellas tremular nos ares.

LXXIX.

Calou-se o Téjo: e a frente profundando,
Por entre as agoas cérulas se some,
Alegre só comsigo articulando
Do meu Inclito Heróe o Grato Nome:
Morales no convez as vozes dando,
Manda o panno ferrar; e sem que dome
Os transportes de gosto, que sentia,
Dá-se de todo á Candida Alegria.

LXXX.

Contempla da Bellissima Cidade
Os altos edificios portentosos,
E a sempre Augusta Regia Magestade
Dos seus Sagrados Templos sumptuosos:
Contempla dos bateis a immensidade,
Que vagão sobre as ondas animosos,
E as desmedidas Máquinas undantes,
Humas fundeadas, outras inda errantes.

LXXXI.

Gozando destas vistas lisonjeiras,
Que o fulgido Commercio abrilhantava,
E vendo tremular soltas Bandeiras
Diff'rentes, com que Zéfyro brincava,
Pelas Ordens d'Henrique Justiceiras
O Luso Heróe Magnanimo esperava,
Ensaiando seu animo valente
Para tentar a Descoberta Ingente.

Fim do Canto Quarto.

CAN-

CANTO QUINTO.

ARGUMENTO.

VEm Baccho de Neptuno acompanhado,
E dos Deoses Maritimos seguido
A Ilha demandar, onde assaltado
He de Pan, que se mostra resentido:
O capripedo Numen rechaçado
A' sua gruta corre espavorido;
E o Profeta da Undivaga Campina
As Producções futuras vaticina.

I.

EM luminoso Carro de Diamante
Seis vezes tinha o Sol flammi-fulgente
Sahido pelas Portas do Levante,
E entrado pelas portas do Occidente;
Quando na liza Concha fulgurante,
Com o Numen, que move aureo Tridente,
E a cujo movimento o mar se humilha,
Vinha Lieo buscar a gentil Ilha.

II.

Todos os Deoses humidos seguião
A crystallina Concha, que tiravão
Seis Cavallos maritimos, que ardião
Em chamas de furor, e relinchavão:
Já sobre as ondas rapidos surdião
Os Monstros, cujos crinos ondeavão;
E da Grande Ilha na cinzenta praia
Encalha a Concha, quando o mar se espraia.

III.

As musgosas cabeças sacodindo,
Saltão do mar os Deoses, derramando
Na arêa, pela qual se vão sumindo,
Globos de espuma, aljofres imitando:
Do Thyrso de Lieo estão cahindo
Pingos d'agoa, que o Sol crystalizando
Lhes dava tanta graça, e tal belleza,
Que imitão diamantes na pureza.

IV.

Descem da Concha os Deoses Soberanos,
E a pedregosa praia apenas pizão,
O Cornigero Deos com seus Silvanos
Correndo por entre arvores divisão:
Saltando montes rapidos, e insanos
De longe os torpes Satyros pesquizão
Quem seja aquella Gente, que adversaria
Desembarca na arêa temeraria.

V.

A Baccho pelo Thyrso conhecendo,
E a Neptuno tambem pelo Tridente,
Solta o disforme Pan hum grito horrendo
Como quem féra dôr no peito sente:
Das assanhadas furias accendendo
No igneo coração a chamma ardente,
Pondo os labios nos ásperos canudos,
Chama a Concelho os Faunos cabelludos.

VI.

Vassallos meus, (diz elle) he tempo agora
De punirmos de Baccho a aleivosia;
Aquelle, que me préza, e que me adora,
Desça á praia na minha companhia:
Lancemos Baccho desta Terra fóra,
Faça-se o que elle fez já n'algum dia;
Meu odio cresce, meu rancor não cança,
E estão pedindo bárbara vingança.

VII.

Eia, vamos, Amigos, sem receio
Assaltar quem nos fez já viva guerra;
Este Numen virá (segundo creio)
Conquistar para si mais esta Terra?
Do meu bravoso coração no seio
A Vingança Avernal seus dentes ferra;
Vamos pois castigar este Importuno,
A quem não valerá o Deos Neptuno.

VIII.

Dizendo assim, os Satyros se armárão
De pineos troncos, quaes Herculeas clavas,
E após do hirsuto Pan todos marchárão
Quaes sanhudos Leões, quaes Feras bravas:
De penedos durissimos pejárão
Coldres de Coiro á imitação de aljavas;
E já de longe revoar se vião
Mil penedos, que montes parecião.

IX.

Apenas isto vio, o Nizeo Nume
Os petulantes Satyros persegue,
E c'os Deoses Marinhos em cardume
Mais, que nunca, feroz Neptuno o segue:
Dos vivos olhos chammejando lume,
O Thyrsigero Deos á sanha entregue
Vai topar-se com Pan, que hum Cedro abraça,
Para delle fazer tremenda Massa.

X.

Eis tomando a Neptuno o Grão Tridente
O Filho de Semele denodado
Descarrega-lhe hum golpe sobre a frente,
Com que Pan fica logo atordoado:
A Tropa dos Silvanos, que ouve, e sente
O estrondo do revéz desmezurado,
Soltando ao ar de horror enormes roncos,
Timida trépa os ramalhudos troncos.

XI.

Assim (quando em Selvatica expessura
O vigilante Caçador, que aguarda
A caça, que solicito procura,
Dispara a ferrea horrisona espingarda)
Ouvindo o estrondo do trovão, que atura
A tropa juvial, lasciva, e parda
Dos Libycos Bugios graciosos
Pávida trépa os troncos ramalhosos.

XII.

He esta a punição das ousadias,
(Disse o Numen Leneo) que tens comigo:
D'hoje em diante as tuas rebeldias
Terão, Estulto Pan, pronto castigo:
Para punir-te as vís aleivosias
Terás em mim acerrimo Inimigo;
E se inda Louco disputar quizeres,
Conheceras a fundo os meus poderes.

XIII.

Sabe pois, que por Jupiter fui feito
Desta Grande Ilha a Tutelar Deidade,
E que por isso tenho já direito
De expulsar-te daqui com crueldade:
Se outra vez me faltares ao Respeito,
Que requer minha Excelsa Dignidade,
Verás então quanto em teu dano move
O Sacro Filho de Semele, e Jove.

XIV.

Vai em paz habitar com teus Silvanos
Essas montanhas ásperas, e duras,
Onde não possão ir braços humanos
Abrir as Terras, e fazer Culturas:
Aqui não tardão fortes Lusitanos,
De quem farei as prósperas venturas,
E que hão de agricultar todas as terras
Inda sendo penhascos, brenhas, serras.

XV.

Cedo verás romper da Terra o seio
O ferreo dente do robusto arado,
E o forte Agricultor d'esp'ranças cheio
Tornar o Bosque em Campo semeado:
Cedo verás por meu maior recreio
O duro Camponez de fouce armado
Podar as parras, que darão fecundos
Racimos aureos, outros rubicundos.

XVI.

Do recinto de agrestes Serranias
Não te he dado o sahir, (outra vez digo)
Vai habitar fragosas penedias,
Onde só deves ter o teu jazigo:
Se outra vez intentares rebeldias,
Sentirás dos teus crimes o castigo
E então te ensinarei, ó Deos Imbelle,
A respeitar o Filho de Semele.

XVII.

Em quanto assim se explica; o Deos Caprino
Esteve mudamente praguejando
O Seu tyranno bárbaro Destino,
E terriveis vinganças projectando:
O lúcido tridente de ouro fino
Lieo ao Salso Numen entregando,
Ah! vamos vêr (lhe diz) o quanto occulta
Dentro no seio seu a Terra inculta.

XVIII.

Então Pan, e os seus Satyros, que vírão
Ausentar-se Lieo co' as Divindades
Do mádido Elemento, se retirão
Da sua Gruta ás negras Cavidades:
D'hum Monte ao cimo os Numes se subírão,
E em quanto observão mil fertilidades,
Deste modo Protheo ao Deos de Niza
As Producções futuras profetiza.

XIX.

Por Ordem do Famoso Henrique o Zargo
Em curvo pinho (mas por via incerta,)
Fendendo do Oceano o Campo largo,
Fará cedo esta rara Descoberta:
Ha de Este Grande Heróe ter a seu cargo
O povoar a Ilha inda deserta,
Ilha, que, por ser d'árvores balseira,
O Illustre Zargo chamará Madeira.

XX.

Aquelle Valle ameno, que, talhado
Por tres grandes Ribeiras pedregosas,
Apparece de Funchos semeado,
Espalhando fragrancias deleitosas,
Será por este Heroe Funchal chamado,
E, por punir de Pan traições danosas,
Nelle se atearáõ chammas intensas,
Que háo de tragar as Arvores immensas.

XXI.

Roendo troncos, e crestando Fontes,
Sete annos vivo incendio lentamente,
Descendo aos valles, e trepando aos montes,
O Torráo deixará tostado, e quente:
Mais puros ficaráõ os horizontes
Da crassa nevoa, aqui táo permanente;
E a Terra, que inda inculta em tudo abunda,
Ficará sendo muito mais fecunda.

XXII.

Esta Terra, depois de povoada,
Tu verás pouco a pouco ir-se fazendo
A Ilha mais gentil, mais engraçada
Das que o Africo Mar está lambendo:
Tu a verás com gosto cultivada,
Deliciosos frutos promettendo,
Mostrar-se terna Mái, Mái Compassiva
Daquelle, que solicito a cultiva.

XXIII.

Na florida Estação pelas Campinas
Verás, ó Thioneo, com vistas claras
Bordadas de papoilas, e boninas,
As pullulantes trèmulas searas:
Verás aqui mil flores peregrinas;
Verás mil producções em tudo raras;
Verás brotar de Flora os gratos mimos;
E das pampineas vides os racimos.

XXIV.

Em qualquer parte abrolharáõ das terras
Agoas mais puras, que o crystal nevado,
E até dos cimos das fragosas serras
Rolaraõ, imitando ao prateado:
Sem que temão aqui do Tempo as guerras,
Daráõ as plantas fruto sazonado
Mimoso no sabor; e na grandeza
Hum prodigio será da Natureza.

XXV.

Cobertos de graminea vestidura
Estaraõ sempre os prados, e as florestas,
Onde Amores com graças de mistura
Passaráõ por prazer as molles sestas:
Sempre frondentes firmes na verdura,
Ergueráõ muitas árvores as testas,
Prometendo huma eterna Primavera
Semelhante á da flórida Cithera.

XXVI.

XXVI.

Aqui o lacteo Lirio deleitoso,
A delicada Angelica fragrante,
O nevado Jasmim, puro, e mimoso,
O florigero Mirtho verdeiante,
Aqui o rubro Cravo magestoso,
E a rózea Flor de Venus elegante
Espalharáõ suavissimos perfumes,
Bem dignos de incensar Celestes Numes.

XXVII.

Aqui agrestes flores recendentes,
Embellezando valles, montes, prados,
De vivas gratas cores differentes
Tos mostraráõ aos olhos matizados:
Nelles então verás saltar contentes
Pingues rebanhos de lanosos gados,
E tranquillos os rusticos Pastores
Dormir, sem medo a Lobos voradores.

XXVIII.

Dos Troncos pelo Fogo carcomidos
Até pullularaõ dentre rochedos,
De musgos, e de mirthos revestidos,
Pimpolhos, que seráõ inda Arvoredos:
Os Campos se háo de vêr abastecidos
De parras em frondiferos enredos,
Com que tu, Thioneo, ornar bem podes
O pampinoso Thyrso, que sacodes.

XXIX.

Os álamos aqui, aos Ceos subindo,
E os verdes odoriferos Loureiros
Aos olhos mostraráõ hum quadro lindo
Nas encostas dos íngremes Oiteiros:
Aqui daquella planta iráõ cahindo
As flores, que evaporáo gratos cheiros
Em todas as Sazões: seus pomos bellos
Seráõ côr dos do Sol aureos cabellos.

XXX.

Tambem aqui nos seculos vindouros
O Terreno será mais que fecundo
Em cafés, e algodões, ricos thesouros,
De que tanto se jacta o Novo Mundo:
Do Liberal Planeta os raios louros,
Que tudo animáo lá do Ceo rotundo,
Tornaráõ susceptivel esta Terra
De quantas Producções o Mundo encerra.

XXXI.

Aqui vêr-se-háo as árvores brotando
Em flor os frutos, que Pomona adora,
E que no ardente Estio, sazonando,
Seu terno Esposo Liberal colora:
Aqui, as brandas plumas despregando,
De Cloris o Amador, Filho da Aurora,
Co' as meigas Virações entre a verdura
Brincará com lasciva travessura.

XXXII.

Aqui não acharás Leões audaces,
Bravas Pantheras, Javalís cerdosos,
Torpes Ursos crueis, Lobos rapaces,
Nem inda mesmo Insectos venenosos:
Ah! Thyrsigero Deos, se bem pensasses
Quanto os Mortaes aqui serão ditosos
Nas frescas Estações das Primaveras,
Do Ganges, e do Hydaspe te esquecêras.

XXXIII.

Aqui verás os vagos passarinhos
Doces Cantores da Floresta amena,
Saudarem dos tremulos raminhos
A bella Aurora, candida, e serena;
Vêllos-has ordenando c'os biquinhos
Das azas, e do Corpo a crespa penna,
Em quanto pelos cumes dos Oiteiros
Balarem os lanigeros Cordeiros.

XXXIV.

Aqui verás mil grutas, entalhadas
Da Natureza pelas mãos sinceras
Em marmoreos penhascos, recamadas
De verde avenca, de torcidas heras:
Aqui verás algumas tapizadas
De branda relva: podes crer deveras,
Que não tiverão tanta graça junta
Cithera, Chypre, Paphos, e Amathunta.

XXXV.

XXXV.

Ah! quantas vezes nos recintos dellas
Sacrificios a Amor faráõ prestantes
As formosas ternissimas Donzellas
Nos meigos braços dos fiéis Amantes!
Quantas vezes tecendo-lhes capellas
Das flores mais mimosas, mais fragrantes,
Consumiráõ alli ligeiras horas
As engraçadas simplices Pastoras!

XXXVI.

Quantas vezes em rusticos passeios
Verás as Insulanas Carinhosas
Ornando Ledas os nevados seios
De verdes mirthos, de purpureas rozas!
Quantas vezes por magicos rodeios
Mais de amor, do que d'agoa, sequiosas,
As verás c'os Amantes pelos montes
Descerem a buscar sombrias fontes!

XXXVII.

Oh! que famintos beijos mutuamente
Se daráõ entre a flórida verdura,
Mergulhando de Amor a chamma ardente
Em mares de meiguice, e de ternura!
Que afagos, e carinhos docemente
Verás com ira honesta de mistura
Sobre Leitos, de relva guarnecidos,
Da Natureza pelas mãos vestidos!

XXXVIII.

No seco Estio liberal, fecundo,
Frutigera Estação a Ceres grata,
Quando em calmas arder o vasto Mundo,
A Madeira será da chamma intacta:
O seu terreno aqui faráõ jucundo
Vagos mananciaes da fluida prata,
Em que os Favonios, ensopando as azas,
Apagaráõ da Calma as vivas brazas.

XXXIX.

Aqui então d'hum lado a Loura Ceres
E doutro lado a rúbida Pomona
Em repartir faráõ os seus prazeres
Os frutos, que qualquer dellas sazona:
Aqui nas frescas noites (se quizeres)
Verás como o Cultor em paz resona
Ora junto das messes sazonadas,
Ora á sombra das árvores copadas.

XL.

Aqui verás a grata Cerejeira
Curvada ao pezo dos seus frutos bellos;
A folhósa, espinhifera Cidreira
Encostada co' os pezos amarellos:
Verás tambem a prodiga Gingeira,
Mostrando os frutos seus, que com desvelos
Imitaráõ na rara formosura
„ As Cerejas purpureas na pintura.

XLI.

De curvos ramos se veráõ pendendo
Beb'ras rôxas, e figos retorcidos,
Que, apenas a manhá vier rompendo,
Seráõ das Ninfas pelas máos colhidos:
Alli, traições humanas náo temendo,
Os mansos Tutinegros acolhidos,
Soltando as vozes com sonoro accento,
Acharáõ para si doce alimento.

XLII.

Verás pendendo d'arvores frondosas
Mil frutos differentes nos sabores,
As pêras na grandeza portentosas,
Os pêcegos raiados de mil cores:
Negrejando nas arvores folhosas
„ As amoras, que o nome tem de Amores, „
E os formosos limões, que alli perfeitos
Imitáo da Donzella os lacteos peitos.

XLIII.

Aqui floreceráõ em mata densa
As doces Canas, que o assucar geráo,
E abundaráõ por certo em cópia immensa
Bem como nas Americas prospéráo:
Da terra aqui, á producçáo propensa,
Mil frutos brotaráõ, que náo se esperáo;
Frutos náo conhecidos noutras partes,
Onde se empenháo da Cultura as Artes.

XLIV.

Aqui d'arvores taes, como os Coqueiros,
Verás pender as célebres bananas,
Que em tumidos racimos feiticeiros
A côr imitão das maduras canas:
Estes frutos ao gosto lisonjeiros
Não produzem as Terras Lusitanas,
Razão porque hão de ser muito prezados
Dos Lusos ás Delicias inclinados.

XLV.

O mimoso Ananáz aqui transposto
Florecerá com tanta galhardia,
Que ha de ter melhor fórma, cheiro, e gosto,
Que quantos o Brasil produz, e cria:
Os morangos aqui da côr do mosto
Cresceráõ, sem cultura, em terra fria,
E tão grandes, tão bons, tão saborosos,
Que hão de exceder do Mundo aos mais formosos.

XLVI.

Oh! como então contentes pelas Eiras
Marcando alegres festivaes Coreas
Saltaráõ Leves Ninfas feiticeiras
De transportes de amor, e gosto cheas!
Alli consumiráõ noites inteiras
Driades, Hamadriades, Napeas,
Ora em magicas danças entretidas,
Ora em doces Amores embebidas.

XLVII.

Na abundante Estação em que o Sol vario
He no vasto Zodiaco hospedado
Por Libra, Escorpião, e Sagittario
Com terno mimo carinhoso agrado;
Verás que aqui não falta o necessario
Sustento ao camponez, que agricultado
Tiver com grato amanho a fertil Terra,
Que no seu seio aureo thesouro encerra.

XLVIII.

Verás então a Laranjeira linda
Produzir vaidosa os pomos d'ouro,
Maiores atélli não vistos inda,
De que fará Pomona o seu thesouro:
De maçãs sazonadas copia infinda,
Colorando-se aqui d'hum vivo louro,
Pelas margens frondosas das ribeiras
Penderá das frondiferas Maceiras.

XLIX.

Verás tambem aqui romãs formosas
Com grato desalinho abrir-se ao meio,
Para mostrar ás vistas cubiçosas
Agri-doces rubins no fertil seio:
Então das curvas parras pampinosas,
Do avaro Agricultor mimo, e recreio,
Pendentes se verão lindos, e bellos
Huns cachos rôxos, outros amarellos.

L.

Verás mais de galhosos Marmeleiros
Os saudaveis frutos pendurados,
E dos folhudos altos Castanheiros
Cahirem os ouriços espinhados:
Verás mais nos ramigeros Pereiros
Em pinhas os seus pomos matizados,
E cahirem das prodigas Nogueiras
As tentadoras nozes chocalheiras.

LI.

Oh! como então solicitos, contentes
Verás os Camponezes nas vindimas
Dos sazonados frutos excellentes,
Que tu, Numen de Niza, tanto estimas!
Durante estes trabalhos innocentes
Endeixas ouvirás em doces rimas
Entoadas por simplices Cantores,
A quem o Deos de Amor mate de amores.

LII.

Na chuvosa Estação, gelada, e fria,
Em que Hippotades abre as grutas feas,
E aos ventos glaciaes, que alli prendia,
Quebra as duras asperrimas cadêas:
Não soffrerá do Inverno a tyrannia
Esta Terra feliz, que senhoreas;
Não soffrerá dos Aquiloneos Mezes
Os inclementes ásperos revezes.

LIII.

Em quanto n'outras terras mais distantes
O enregelado Inverno carrancudo
Com chuveiros brumaes, neves saltantes
Pertender inundar campos, e tudo;
Em quanto os Aquilões horrisonantes
Com impeto brutal, furor sanhudo
Pertenderem com Euro em duras guerras
Os planos mares igualar com as serras:

LIV.

Em quanto nos Paizes mais sombrios,
Que do Arctico Polo estão mais pertos,
Se encanecerem montes, prados, rios,
De niveos gêlos hórridos cobertos:
Em quanto os ares seus pezados, frios,
Fizerem nestes Climas desconcertos
Os miseros humanos retalhando,
E as mais robustas Arvores crestando:

LV.

Na singular Madeira então apenas
Verás cahir das nuvens condensadas
Mil grossas chuvas sim, porém serenas,
Beneficas, fecundas, temperadas:
O Inverno, sacodindo aqui as pennas
De aljofrados granizos carregadas,
Apenas cobrirá delles os montes,
Sem que perturbe, e que entorpeça as fontes.

LVI.

LVI.

Aqui não soprará constantemente
O Boreas Glacial, gemendo insano;
Se algum dia soprar com furia ingente,
Rápido passará sem maior dano:
Raras vezes verás turbida enchente
Despenhar-se dos montes no Oceano;
Mas quando acontecer, ó Deos de Niza,
Verás como o Torrão se fertiliza.

LVII.

Por entre agudos íngremes rochedos
Então as agoas correráõ fragosas,
Ora tombando d'huns noutros penedos,
Té se unirem co' as ondas espumosas:
Despidos ficaráõ os Arvoredos
Das suas vestimentas graciosas,
E apenas estaráõ vestidos de hera,
Té que volte a florída Primavera.

LVIII.

Raras vezes verás negro, e tristonho
O Dia amanhecer em sombra envolto;
As mais das vezes o verás risonho,
Com seu aureo cabello aos vento solto:
Raras vezes verás o mar medonho
Nos cinzentos calhãos quebrar revolto;
Mas quando o virem neste desconcerto,
Os Nautas fujão, que o naufragio he certo.

LIX.

LIX.

Raras vezes verás forte tormenta,
De rôxas nuvens abafando os ares,
Despejar do seu seio turbulenta
Tenebrosas procellas a milhares:
Do estrondoso trovão a voz violenta,
Troando sobre a Terra, e sobre os mares,
Fará soar horrisono estampido,
Mas seu estrago não será temido.

LX.

Oh! com quanto prazer na sazão fria
Verás da fertil Ilha os Moradores
Transportados da mágica Alegria
Forrarem-se de rúbidos Licores!
Dos Deoses a odorifera Ambrosia
Não terá tão balsamicos sabores,
Nem a sua cör nitida, e fulgente,
Parecerá mais viva, e transparente.

LXI.

Em fim, ó Thioneo, os Habitantes
Desta Terra, de que és a Divindade,
Co' as raras producções suprabundantes
Seraõ felices na futura idade:
D'Aves mil differentes, e elegantes
Aqui teráõ immensa quantidade;
Teráõ pingues rebanhos nas Campinas,
E mais pingues nas ondas Neptuninas.

LXII.

Por suas Producções nesta grande Ilha,
Com quem prodiga foi a Natureza,
Terá mais huma Rara Maravilha
O Mundo em toda a vasta Redondeza:
Esta do Africo Mar a melhor Filha
Será das Ilhas Lusas a Princeza,
Será das Nações todas respeitada,
Será das Nações todas invejada.

LXIII.

Estas, ó Thioneo, são as mimosas
Vindoiras Producções da Terra pura,
Em que vás hospedar as animosas
Gentes Lusas, que aqui guia a Ventura:
Estas são as Bellezas preciosas
Da Grande Ilha prestante em formosura
Lá nos remotos seculos felizes,
Em que tu talvez mais te divinizes.

LXIV.

Agora pois convém, que tambem diga
Successos, que talvez saber desejas,
Permitte sim, que os Vaticinios siga
Se acaso de escutar-me te não pejas:
Permitte (outra vez rogo) que prosiga
Os vaticinios meus, só porque vejas
Os successos, que estão por Leis dos Fados
Aos Povos da Madeira destinados.

Fim do Canto Quinto.

CANTO SEXTO.

ARGUMENTO.

PRonostica Protheo as Acções Bellas
De Zargo, e dos Illustres Descendentes:
Com vivas expressões repete Aquellas
Lá do Sexto João Sempre Excellentes:
Leva o Seu Nome ás nitidas Estrellas;
Conta muitos successos differentes,
Em que Este Excelso Principe Famoso
O Povo do Funchal fará ditoso.

I.

ATtentos os dois Numes escutando
Estavão na Cerúlea Companhia
O Profeta Protheo, que, a voz soltando;
Com divino furor assim dizia:
Não te irei, ó Lieo, profetizando
Os Successos da Lusa Monarchia,
Nem tão pouco as Acções dos Soberanos,
Que hão de reger os Povos Lusitanos.

II.

II.

Não te direi as Immortaes Proezas
Do Primeiro João d'Alta Memoria,
Esse Heróe, que das Gentes Portuguezas
Tem feito o brilho, a Perfeição, e a Gloria:
Não te direi as Inclitas Emprezas
D'Henrique, porque deixo á Lusa Historia
O memorar nos seculos futuros
Seus Feitos Divinaes, Augustos, Puros.

III.

Não te direi o quanto os Justos Fados
Destinão a favor do Heróe valente,
Que por mares ainda não sulcados
Demandará as Terras do Oriente:
São Arcanos, que aos Deoses mais Sagrados
Não devo descubrir, por Lei Prudente
D'Aquelle Numen, que as Esferas move,
O Grande, o Recto, o Omnipotente Jove.

IV.

Direi sim as Façanhas Espantosas
Do Grão Descobridor da Grã Madeira,
E dos seus Descendentes as Pasmosas
Acções Dignas da Deosa Trombeteira:
Direi as Providencias Portentosas
Da Magestade Augusta, e Justiceira
De João Sexto, o Principe Potente,
No tempo em que do Reino for Regente.

V.

Do Futuro nos turbidos volumes
Ha tempos lendo, vi Portentos claros,
Que por Leis insondaveis d'altos Numes
Háo de inda obrar estes Heróes Preclaros:
Os Portentos, que sáo, tu náo presumes;
Sáo Acções Immortaes, sáo Feitos Raros
Muitos, ó Thioneo, vou declarar-te,
Com que possas talvez lisonjear-te.

VI.

Descoberta a frondifera Madeira,
Por Graça de Joáo Primeiro o Zargo
Em premio desta Acçáo táo lisonjeira
Terá de Donatario della o cargo:
Entre este Heróe, e hum Célebre Teixeira
Se partirá da Ilha o torráo largo,
Terá Aquelle do Funchal a herança,
E estoutro de outra parte a governança.

VII.

Tambem em premio desta Acçáo prestante
Perderá Esse Heróe de Zargo o Nome,
Porque Joáo Primeiro, entáo Reinante,
O de Camara, quer, que elle só tome:
Vai tu ser (lhe dirá) d'hoje em diante
Quem do Funchal o Povo reja, e dome;
Vai ser o Protector, o Pai, o Amigo
Dos que forem alli viver comtigo.

VIII.

VIII.

Vai povoar a Terra fresca, e pura,
Que das nuvens roubaste ao negro seio;
Trata alli mais, que tudo, da cultura,
Que he d'hum Povoador todo o recreio:
Edificios erguer alli procura;
Levanta Templos de brilhante asseio,
Para que nelles rendas com decencia
Fiéis adorações á Providencia.

IX.

Vai descançar das ásperas fadigas,
Em que tu tens vivido, ha longos annos;
He justo agora que outra estrada sigas
Não juncada d'horrores, p'rigos, danos:
Serás bem cedo de Nações Amigas
Visitado nos Lares Insulanos;
Onde por meio de Exemplar Governo
Espero faças o Teu Nome Eterno.

X.

Munido pela Regia Magestade
De tão Famoso Rei, de Heróe tão Santo,
Desta Terra na Antarctica metade
Zargo Cousas fará Dignas de espanto:
Porém primeiro hum Templo erigir ha de
Sobre hum Tumulo triste, que do pranto
D'hum Célebre Machim fôra banhado,
E em que co' a sua Harfet jaz sepultado.

XI.

Levantará depois hum Templo Augusto
No seio do Funchal, e tão sublime,
Que á vista delle tremerá de susto
Qualquer perverso, que ir alli se anime:
Levantará depois a todo o custo
Outro Templo Sagrado, a que se arrime
A sua Habitação, onde Contente
Viverá longa idade felizmente.

XII.

Seguindo aqui da Humanidade a Esteira
Revestido d'hum ar religioso
Na margem de amenissima Ribeira
Fundará hum Hospicio Magestoso:
Na maior parte da feliz Madeira
Traçará Sacros Templos animoso,
Que depois de seu Pai seguindo os trilhos
Erguerão deste Heróe os Dignos Filhos.

XIII.

Fundará do Funchal a Grande Villa,
Que a ser virá depois gentil Cidade;
Fará por levantalla, e construilla
De Edificios de ingente Magestade:
Fará por adornalla, e revestilla
De esplendor, e suave amenidade;
Fará, que as duras terras se cultivem,
Fará, que as Leis da pura Fé se avivem.

XIV.

Quando a Velhice frígida, e rugosa
O encanecer, gelando-lhe as entranhas,
Fará huma façanha a mais pasmosa
De todas as mais célebres Façanhas:
Animado d'huma Alma bellicosa
Com sublime valor, forças estranhas
Hum dia arrostará, sem medo a p'rigos,
Fera invasão de bravos Inimigos.

XV.

Quaes os lanosos timidos Cordeiros,
Ouvindo o voraz Lobo estar rangendo
Os esquálidos dentes carniceiros,
Fogem velozes pávidos tremendo;
Taes estes Inimigos ventureiros,
Armado o Forte Heróe na praia vendo,
Fugiráõ pela liquida Campina,
Temendo a sua misera ruina.

XVI.

Regendo Povos com saber profundo,
Edificando Villas, e Lugares,
Este Heróe Generoso, e sem segundo
Honrará da Madeira os aureos Lares:
Preceitos dando de virtude ao Mundo,
Mais de oito Lustros todos Exemplares
Viverá felizmente, até que hum dia
Pague o justo tributo á Morte fria.

XVII.

Então os Saudosos Insulanos,
Vertendo tristes lágrimas piedosas,
A's Cinzas deste Heróe de Dôr Insanos
Renderáõ justas honras luctuosas:
As Ninfas choraráõ por longos annos
Sobre a lúgubre Campa saudosas,
Repetindo entre mágoas, e entre prantos,
O Seu Nome Immortal, seus Feitos Santos.

XVIII.

Morreo o Nosso Pai! (diráõ sentidas
Com vozes por soluços recortadas)
Morreo o Nosso Pai!... estáo perdidas
As nossas esperanças bem fundadas:
Se para o conhecer fomos nascidas,
E não para o gozar... (oh! Desgraçadas!)
Antes nunca sahissemos do fundo
Cahos do Nada, para vir ao Mundo.

XIX.

Convulsos ais ao coração roubando,
O tremulo Ancião, d'instante a instante,
E em pranto o rosto pallido banhando,
Muitas vezes dirá com voz tremante:
Foi-se o meu Bemfeitor!... quão miserando
Serei eu, justos Ceos, d'hoje em diante!
Oh! quem podéra ter hoje a ventura
De ir com elle tambem á sepultura!

XX.

A viuva infeliz co' a máo no rosto,
Ferido o coração pela Anciadade,
Em contínuo lethargico desgosto
Dirá por desafogo da saudade:
Pelos Fados estava assim disposto, ...
Oh! funesta pensão da Humanidade!
O Nosso Protector já não existe!...
Tudo a meus olhos se figura triste!...

XXI.

Até mesmo os sonoros passarinhos,
Que sempre alli cantárão sempre ledos,
Sentidos trocaráõ os Patrios ninhos
Pelos mais solitarios Arvoredos:
Até mesmos os lanosos cordeirinhos
Vagaráõ pelos cumes dos rochedos
Cheios de dôr das caras Mâis perdidos
Soltando sentidissimos balidos.

XXII.

A propria Terra, que elle povoára,
E que por seu trabalho enriquecêra,
A propria Terra, que elle agricultára,
E que entre muitas Célebre fizera;
Perdendo a natural belleza rara,
Porque tambem o seu Cultor perdêra,
Por longo tempo mostrar-se-ha sensivel
A' Saudade Cruel, á Dôr Terrivel.

XXIII.

XXIII.

As agoas correráõ, como chorando,
Humas d'altos rochedos despenhadas,
Outras, por entre relvas serpeando,
As ondas buscaráõ do mar salgadas:
Echo chorosa, lúgubre vagando
Repetirá nas grutas descarnadas
O Nome deste Heróe; e ao repetillo
As mesmas grutas tremeráõ de ouvillo.

XXIV.

Deste modo será sentida a Morte
De Zargo, cujo Nome, e cuja fama
Já mais hão de soffrer da Parca o Corte,
Da Parca dura, que os respeita, e ama:
Apôs delle a Ternissima Consorte
De virtude abrazada em viva chamma,
Mostrando-a ao Mundo por mil obras pias,
Deixando o mundo, acabará seus dias.

XXV.

Ficaráõ deste Tronco Originario
Tres florecentes Ramos: o Primeiro
Ha de ser o Segundo Donatario
Do Funchal, e tambem grão Cavalleiro:
Fazer não devo agora hum Commentario
Das acções do Segundo, e do Terceiro;
Nem das quatro Vergonteas, que formosas
Do mesmo Tronco brotaráõ viçosas.

XXVI.

Só direi que esta Illustre Descendencia
Felizmente se irá ramificando,
De famosas Acções pela excellencia
Da insigne Gloria ao Cume remontando:
Será egregia a sua Competencia;
Sublimes Dignidades occupando,
Por todo o Mundo lançará felizes
Preclaras Fecundissimas Raizes.

XXVII.

Quatro Grandes Fidalgos Lusitanos,
Por Acções, e por Sangue Esclarecidos;
Demandaráõ os Lares Insulanos,
Em bellezas, e em glorias embebidos:
Aqui háo de viver por longos annos
De Zargo ás Filhas por Amor unidos,
Desfrutando seus Claros Dotes Bellos
Cabral, Sousa, Aguiar, e Vasconcellos.

XXVIII.

Propagando-se a Prole Venturosa
Do Nobre Zargo, Heróes Famigerados
Da Lusa Corte a Gala Preciosa
Faráõ dos seus Monarcas bafejados:
Os Ramos desta Prole Numerosa
Com outros Nobres Ramos enlaçados
De Ornato serviráõ em Regio Abono
Lá na vindoura idade ao Luso Throno.

XXIX.

Destes Illustres Ramos Florecentes
De Insigne Geração por Linha Reta
Hão de então ser Preclaros Descendentes
Os Condes da Ribeira, e da Calheta:
Seguindo, como os Nobres Ascendentes,
Da Gloria a Estrada, chegarão á méta
De serem lá nos seculos futuros
Do Throno Portuguez Degráos Seguros.

XXX.

Descenderão os Inclitos Senhores
Das Ilhas (Malogradas!) por Desertas,
Aquellas, que não tendo habitadores
De matas estarão sempre cobertas:
Descenderão tambem do Reino os Móres
Claros Almotacés; Familias Certas,
Que hão de lá nesses seculos vindouros
Colher da Gloria os verdejantes Louros.

XXXI.

Destes Grandes Heróes, Ramos Frondosos
De tão Illustre Tronco, e tão Fecundo,
Hão de brotar mil Ramos Assombrosos,
Que hão de ainda assombrar a todo o Mundo:
Que Valentes Heróes, que Heróes Famosos,
Que Heróes de Engenho, e de saber profundo,
Trazendo os seus Maiores na memoria
Farão da Lusitania a insigne Gloria!

XXXII.

Que Famosos Heróes delles provindos
Faraõ da Lusitania a Grá Nobreza,
Por feitos immortaes, por feitos lindos
Memorizando a Gente Portugueza!
Que Famosos Heróes, que Heróes infindos
De táo Sublime Estirpe na Grandeza
Viráõ a ser em seculos mais puros
Do Imperio Portuguez Colóssos duros!

XXXIII.

Com estes Reaes Sousas Generosos,
Os Marquezes d'Angeja, e Marialva,
Aveiras, Tancos, Arcos venturosos,
Os Condes d'Athoguia, os Condes d'Alva,
Sublimes Val de Reis, e os Valorosos
Alornas, Cunhas, Limas, e Penalva,
Que a Patria defendêrão por seus braços,
Felices prenderaõ em doces laços.

XXXIV.

Lusitania Feliz, tu serás Leito
De parte da immortal Posteridade,
Que então nutrida da Grandeza ao peito
Bafejada será da Magestade:
Saldanhas Oliveiras, que respeito
Não devem merecer em longa idade!
Assêcas, Portugaes, e outros Saldanhas
Dos berços avezados ás façanhas!

XXXV.

Tu, Madeira, tambem serás o berço
De Parte desta Prole Prosperada,
Cuio Sangue por vêas mil disperso
A irá fazendo eterna, e dilatada:
Sem que sinta o rigor do Fado adverso,
Esta Prole feliz Ramificada
Tua Grandeza ha de fazer hum dia,
Fara, sim, tua Egregia Fidalguia.

XXXVI.

Viráõ tempos felices, tempos ledos,
Em que os Ramos dos Cameras Invitos,
Vegetando, quaes verdes arvoredos,
Espalhem Nobres Ramos Infinitos:
Háo de então florecer nestes Enredos
Bithancours, Carvalhaes, Freitas, e Britos,
Girando-lhes o sangue pelas vêas
De Esmeraldos, Orneilas, e Correas.

XXXVII.

Tambem os Acciaióles, verdejando,
Albuquerques, e Seixas, florecendo,
Iráõ Viçosos Ramos espalhando,
De Zargo a Descendencia enriquecendo:
Vasconcellos tambem, ramigerando,
Athoguias, em fim, reverdecendo,
Formaráõ com aquelles de mistura
Da Nobreza a frondifera Espessura.

XXXVIII.

Mais não direi da Grã Genealogia
D'Aquelle Grande Heróe: direi sómente
As Acções Immortaes, a Fidalguia
Dos que regerem esta Terra ingente:
Sempre fiel á Lusa Monarquia
De Zargo o Primogenito Valente
Tomando de seu Pai o Cargo, e o Nome,
Em parte o Fado quer, que a Gloria tome.

XXXIX.

Com as armas na mão Soldado Forte
Aos Mouros mostrará valor robusto,
E a cada golpe seu, que leva a Morte,
Arzila, e Ceuta tremerão de susto:
Será nos bravos Campos de Mavorte
Hum Flagello Cruel do A'frico adusto,
Pelejando com força mais que humana
Pelo augmento da Gloria Lusitana.

XL.

Imitando seu Pai em sã virtude
Este Heróe Generoso, e Veneravel
Na dura encosta d'hum rochedo rude
Fundará hum Mosteiro Respeitavel:
Sem que d'honrados sentimentos mude,
Fazendo-se por elles memoravel,
Viverá sete Lustros não completos,
Seguindo da Justiça os termos retos.

XLI.

Hum Filho deste Heróe, Filho Segundo,
Que então será Magnifico chamado,
Exemplos dando de grandeza ao Mundo,
Succederá ao Pai no Emprego Honrado:
Será na Guerra Monstro Furibundo;
Nove vezes rompendo o mar salgado,
E os Lenhos esquipando á propria custa
O Mouro açoitará d'Africa Adusta.

XLII.

Acompanhado d'hum valente Ornellas,
Seguindo o Grande Duque de Bragança,
De frio Susto as Gentes amarellas
De Azamor hão de vêllo com pujança:
Por estas, e por outras Acções Bellas,
Bem dignas todas d'immortal lembrança,
Por indulto da Regia Magestade
A Villa do Funchal será Cidade.

XLIII.

Será então, que hum Templo o mais Pomposo
De immensa altura aos ares se levante,
E que hum Grande Edificio Apparatoso
Se construa Magnifico, e brilhante:
Antes terá então Manoel Famoso
Tentado abrir as Portas do Levante,
Pondo nas mãos do forte Gama a chave
„ Deste Commettimento Grande, e Grave. „

XLIV.

XLIV.

Sinco Lustros, e mais tendo regido
Os Insulanos com amor fraterno
Do Grande Zargo o Neto Esclarecido
O Exemplo seguirá do Avô Paterno:
No seu Primeiro Filho mais Querido
Cederá por seu gosto o seu Governo,
E então ha de n'hum sitio retirado
A infallivel pensão pagar ao Fado.

XLV.

O Filho deste Heróe, seguindo os passos
De seu Illustre Pai, por muitas vezes
Ha de sulcar os liquidos espaços
Em soccorro dos fortes Portuguezes:
Sem temer Africanos ameaços,
Da Guerra exposto aos barbaros revezes
Do Duque de Bragança em companhia
Mostrará sua Heroica valentia.

XLVI.

Quasi dois Lustros viverá, regendo
Os Funchalenses Povos com ternura,
De todos elles com prazer fazendo
Os Gostos, as Delicias, a Ventura:
A' negra Morte o Espirito rendendo,
Irá seu Corpo á fria sepultura;
Porém seu Nome, e Feitos Soberanos
Respeitados serão dos Insulanos.

XLVII.

Será seu successor seu Filho Amado
Heróe, que ainda mesmo em terna idade
Fará, que o Mouro bárbaro tostado
Conheça do seu braço a potestade:
Pizando de seu Pai o trilho honrado,
Para Gloria da Lusa Magestade,
Fará, pondo em fugida o Mouro azedo,
O Gráo Cabo de Gué tremer de medo.

XLVIII.

Virá tempo, em que tenha este Heróe Claro
O Titulo de Conde; e ao mundo dando
De Singular Virtude Exemplo Raro,
Irá Feliz seu Povo governando:
Do Rico Prezador, do Pobre Amparo,
As Leis da Humanidade executando,
Mais de oito lustros viverá fazendo
A Gloria do Funchal, que irá crescendo.

XLIX.

O Filho deste Heróe por tempo breve
Succederá no Cargo, e no Condado,
Porque a Morte cruel com máos de neve
Desfechará sobre elle o golpe irado:
Nos aureos Livros, em que a Fama escreve,
Será sempre o seu Nome eternizado,
A pezar de táo cedo a desabrida
Morte cerrar-lhe o circulo da vida.

L.

Por immutaveis Leis do Fado Eterno,
(Cuja insondavel sabia Providencia
Tem sobre os homens hum Poder Superno,
Sagrada Força, Divinal Potencia)
Desta grande Ilha o célebre Governo
Andará sempre nesta Descendencia;
Longos tempos será como Foreira
Da Illustre Prole a singular Madeira.

LI.

Virá depois hum seculo Famoso
Para os pulidos Povos Insulanos
Hum seculo feliz, e o mais fastoso
De quantos prende o vinculo dos annos:
Em quanto n'hum naufragio tormentoso
De guerras, vexações, sustos, e enganos
Vagar o Mundo inteiro, a fertil Terra
Verá sempre de longe a face á Guerra.

LII.

Então Hum Ramo, Illustre Descendente (*)
Do Claro Zargo, as redeas meneando
D'hum Governo Fiel, Sábio, e Prudente,
Evitará da Guerra o mal nefando:
Fazendo a Gloria da Insulana Gente
Noite, e dia Incansavel trabalhando
Tratará da Policia, e da Cultura
Por dar de todo os Povos á Ventura.

LIII.

(*) Veja-se a Nota no fim deste Canto.

LIII.

Talhando altivo de Neptuno o dorso
Em concavos Madeiros, como Amigo
Virá então Britanico Reforço
Auxiliallos contra o Inimigo:
Mostrando alli da Gratidão o esforço,
Ha de Este Heróe na Terra dar-lhe abrigo,
Afagando a Nação Guerreira, e Forte,
Que nos Combates nunca teme a Morte.

LIV.

Elle ha de nesta Crise delicada
Designios perscrutar do Seu Regente
Na Mente revolvendo imperturbada
Os modos de salvar a Ilha, a Gente:
Acção ha de ser esta Celebrada
Na Ilha mais, que nunca, florecente,
Devendo por tal guiza, tal victoria
O Templo guarnecer d'alta Memoria.

LV.

Organizando Fábricas, fazendo
Reedificar as Regias Fortalezas,
Officinas esplendidas erguendo,
A pezo de grossissimas despezas:
Habeis Agentes Próvido elegendo
Para tão utilissimas emprezas,
Fará com que a Madeira ao ar levante
A frente mais, que nunca, então brilhante.

LVI.

Das Sciencias fará, que o Ramo cresça,
Fará com que o Commercio amortecido
Aos ares erga a túmida Cabeça,
Que a Discordia Avernal tinha abatido:
Fará, em fim, que a Ilha reverdeça,
Mostrando ao mundo aspecto mais luzido,
E, porque as Invasões de Pan evite,
Bardando as Terras, lhe porá limite.

LVII.

Fará com que se aplanem as estradas,
Abrindo montes ásperos ao meio,
Com ferreos alviões, ferreas enxadas,
Para do Int'resse Público meneio:
Fará tambem que as agoas encanadas
Venhão fertilizar da Terra o seio,
Da Terra, que atélli regada fora
Só de chuvas, ou lagrimas da Aurora.

LVIII.

Será então, que o Principe Regente,
João Sexto dos Principes Modelo,
Mostre ao Mundo Seu Animo Excellente,
E pelo Povo Seu Ardente Zelo:
Será então que o Principe Potente,
João Sexto dos Improbos Flagello,
Lance huma Vista Pura, e Lisonjeira
Sobre os Felices Povos da Madeira.

LIX.

Deste Principe Excelso o Nome Augusto
Inda acima do Olympo Crystallino
Levado deve ser, porque hum Rei Justo
Tem menos de Mortal, que de Divino:
Este Principe então a todo o custo,
Velando do Funchal sobre o Destino,
Por fazello feliz com fausto agouro,
Grande parte dar-lhe-ha do seu Thesouro.

LX.

Vendo dos Insulanos a humildade,
A Submissão ás Leis, a vassallagem,
O valor, a ternura, a lealdade,
Mostrar-lhes-ha do Amor toda a Coragem:
Mais não faria a Sacra Divindade,
Que he da Justiça a Verdadeira Imagem;
Este Principe Egregio noite, e dia,
Velará do Funchal sobre a Armonia.

LXI.

Vendo o Monstro da Guerra turbulento
Sobre as azas das Furias assanhadas
Pelo mundo voar sanguisedento,
Semeando ruinas desgraçadas;
Vendo este enorme Monstro truculento,
Não farto de vêr Terras abrazadas,
Furioso atear, cruzando os ares,
Sulfureas chammas até sobre os mares:

LXII.

Este Principe Insigne, Insigne em tudo,
Sem temer suas negras ameaças,
Porque a Virtude tem por forte Escudo,
A' Madeira fará sublimes Graças:
Entregue todo ao mais profundo Estudo
De evitar-lhe as terrificas Desgraças,
Dará mil Providencias Necessarias,
Para arrostar as Invasões Contrarias.

LXIII.

Vendo a Célebre Europa ensanguentada,
E, por ella vagando, Marte horrendo
Soprar da Guerra a chamma incendiada,
Que os montes tála, e os campos vai lambendo
Vendo a Discordia em fim desenfreada,
Por mares, e por terras discorrendo,
Apôs do Carro do Cruento Marte
Fazer rolar seu pomo em toda a parte;

LXIV.

Pertenderá co' as armas da Virtude
Este Principe Grande em tudo Egregio
Do Mundo desterrar a Peste rude,
Que contra a Paz commette hum sacrilegio:
Izento da ambição, que os máos illude,
Ha de interpôr Seu Peito Augusto, e Regio,
Fazendo, que em fugida posta a Guerra
A Paz desça dos Altos Ceos á Terra.

LXV.

LXV.

Esta será então a mór ventura
Dos Povos Funchalenses commovidos
Pelos effeitos d'huma Guerra dura,
Dignos de serem com razão temidos:
Então á Santa Paz serena, e pura,
Os Povos do Funchal agradecidos,
Ardendo alli da Gratidão na chamma,
Renderáõ cultos de memoria, e fama.

LXVI.

Que Scenas de Prazer, que amavéis scenas
Tu verás, Thycneo, assás festivas!
Que noites tão felices, tão serenas!
Que delicias, que glorias excessivas!
A Alegria verás, batendo as pennas
Por entre turmas de sonoros vivas
Levar comsigo aos Astros Sup'riores
Da Paz Santa os Altisonos Louvores.

LXVII.

Illuminada em grata simetria
Verás tambem frondifera Lameda,
Que em frescura, primor, mimo, e valia
Aquella dos Eliseos arremeda:
A Noite alli mais clara, do que o Dia,
Se ostentará vaidosa, meiga, e leda,
Convidando os pasmados Insulanos
A vêr da Paz Emblemas Soberanos.

LXVIII.

No centro della tu verás erguida
Aos limpos ares com grandeza estranha
De Louros, e de Mirthos revestida
A Apollinea Florigera Montanha:
Verás cantar os Vates á porfia
Ao som das agoas, que ella desentranha
Por entre a fenda da Pegásea pata
Imitando na côr límpida prata.

LXIX.

Alli da Paz Sagrada na Bonança
Entoaráõ os Melicos Cantores
Da Clara Regia Prole de Bragança
Os sonorosos métricos Louvores:
Do Luso Imperio á Maxima Esperança
O Funchal pelos seus Habitadores
Verás render da Gratidáo nas Aras
Cultos fiéis, Adoraçóes Preclaras.

LXX.

Tu verás o Funchal tambem Contente
Da Pura Gratidáo sobre os altares
Do seu Descobridor á Gloria Ingente
Render Solemnes cultos a milhares:
E quando decantar for docemente
Do Immortal Zargo os Feitos Exemplares
Ouvirás como grato lhe responde
Do Elysio Campo, em que aos Mortaes se esconde.

LXXI.

Verás mais Regia Praça illuminada
Em simétrico risco apparatoso,
E de Estancias Magnificas cercada
Com tablado no Centro luminoso:
Verás em cada noite destinada
Ao Publico Festejo á Paz honroso,
Alli tecerem festivaes Coreas
Destros Pastores, Candidas Napeas.

LXXII.

Tu mesmo, no teu Carro então girando
Pela vistosa Praça, amena, e linda,
O verdejante Thyrso meneando,
Festejarás da Paz a Santa vinda:
Tu mesmo vozes métricas soltando,
Vozes por ti não repetidas inda,
Farás com que o Funchal cheio de espanto
Escute Alegre o teu Celeste Canto.

LXXIII.

Hum Seculo feliz auri-formado
Virá depois ao Povo Funchalense,
Que esquecerá aquelle decantado
Do Governo Monarchico Cretense:
Hum Seculo feliz, divinizado
Tanto, quanto talvez nunca se pense,
Trará Venturas da Madeira aos Povos
Então regidos por Preceitos Novos.

LXXIV.

Verás então, Lieo, nas Insulanas
Praias gemer Neptuno ao pezo duro
Das fluctuantes Máquinas Britanas,
Que àli viráõ fazer Commercio puro:
Prenhes Quilhas verás Americanas
Desentranharem do seu ventre escuro
Mil víveres perfeitos não mesquinhos
Por se pejárem de mimosos vinhos.

LXXV.

Verás d'outras Nações Quilhas veleiras
Abrindo as azas aos propicios ventos,
Sôltas aos ares Nacionaes Bandeiras
Aqui trazerem gratos mantimentos:
Prenhes tambem do sumo das videiras,
Sumo, que dà valor, reforça alentos,
Iráõ Contentes demandar seus Lares,
E no seu seio te ergueráõ Altares.

LXXVI.

Estas são, Thyoneo, as consequencias
D'hum Governo feliz, e são aquellas
Do Grande Zargo, e suas Descendencias
As Acções Immortaes, as Acções Bellas:
Tanto podem do Fado as Providencias,
Devemos respeitallas, e temellas;
Devemos confessar que ás Leis do Fado
Só póde resistir Jove Sagrado.

Fim do Canto Sexto.

O Excellentissimo D. José Manoel da Camara, Governador, e Capitão General da Ilha da Madeira em 1802, na Qualidade de Neto dos Senhores das Ilhas Desertas fica sendo descendente do Descobridor, Heróe deste Poema.

CANTO SETIMO.

ARGUMENTO.

AGradece a Neptuno o Deos de Niza;
Neptuno busca o seu Imperio undoso;
Lieo a Lactea Via Alegre piza,
E vai fallar a Jove Poderoso:
Então Zargo Immortal, que se abaliza
Por heroico valor, fende Animoso
Os Atlanticos Mares, com espanto
Dos Lusos, té que chega ao Porto Santo.

I.

ADmirado Lieo de quanto ouvíra
Ao fluctivago Vate, em gozo torna
A, que Pan accendêra, horrivel ira,
E de excessivo júbilo se adorna:
Parece que delicias mil respira
Seu Coração, em que o Prazer se entorna;
Nas rubras lizas faces se lhe via
Andar brincando a mágica Alegria.

II.

Pensando longo espaço na abundancia
Das raras Producções da Nova Terra,
Ainda mais que Divinal Jactancia
Dentro em seu Coração Divino encerra:
Pensando das Proezas na Constancia
D'Heróes Grandes na Paz, Grandes na Guerra,
De ser a Divindade se glorea
Da Fertil Ilha de Venturas Chea.

III.

Oh! Bemaventurada neste Mundo
(Dizia Thyoneo) Aquella Gente,
A quem só rege com saber profundo
Hum Governo Benéfico, e Excellente!
Feliz o Magistrado, que Facundo
Sabe o Povo reger Justo, e Prudente!
E mil vezes Feliz o Soberano,
Que para os Povos seus he Mais que Humano!

IV.

He então, que entre os homens resplendecem
A Concordia Feliz, e a Paz Dourada;
He então, que frutigeros florecem
Os ramos da Cultura tão prezada:
Tambem os do Commercio reverdecem,
E a Boa Ordem, Dádiva Sagrada,
Dádiva Pura dos Celestes Numes
Respira nas Acções, e nos Costumes.

V.

V.

He então, que se exercem com pureza
As venerandas Leis da Piedade,
Aquellas, que gravára a Natureza
No Coração da fraca Humanidade:
He então, que se vê toda a Belleza
Da dos Mortaes devida Sociedade;
He então, que entre doces alegrias
Consomem todos docemente os dias.

VI.

Oh! mil vezes felices os Mundanos,
Que tiverem hum dia inda a ventura,
Que vão ter os meus Caros Insulanos
Lá nessa idade plácida, e futura!
O Destino dos Fados Soberanos
Adóro cheio de fiel ternura,
E, abrindo desde já Celestes ares,
Mil cultos vou render nos seus Altares.

VII.

Vai-te, Neptuno, em paz: quanto tens feito
Ao Numen do Funchal, levo em lembrança;
D hum Numen, como eu sou, no Sacro Peito
Já mais a Gratidão falece, ou cança:
E vós, ó Deoses, que tambem respeito,
E de quem prézo a Candida Alliança,
Ide em paz, que mais rápido, que o vento,
Subir me cumpre ao Luminoso Assento.

VIII.

Depois de assim fallar, Nuvem Dourada,
Descendo sobre a Terra, no seu seio
Occulta o Deos de Niza, e remontada
Nos ares forma hum lúcido rodeio:
Neptuno então na concha prateada
Aos Cavallos batendo o açoite, e o freio,
Seguido das Deidades Crystallinas
Veloz retrilha as líquidas Campinas.

IX.

Já pela Ethérea via o Deos Thebano
Glorioso caminha, até que chega
A' Presença de Jove Soberano,
Que a Pensamentos Divinaes se entrega:
Lieo, que estava de prazer Insano,
A voz do centro ao peito desapéga,
E ante o Throno de Jupiter prostrado
Começa deste modo em alto brado:

X.

Segunda vez, ó Pai, graças te rendo
Pela grande Mercê, que me fizeste,
Agora, sim, agora comprehendo
O quanto Liberal me concedeste:
A Gentil Ilha, ha poucas horas, vendo,
Aprazivel a achei, posto que agreste,
Mas espero bem cedo, que a cultura
A torne mais polida, amena, e pura.

XI.

Tu, que tudo prevês, destinas tudo,
E que do Fado ás Leis dás força ingente,
Que a hum leve aceno teu abalas Mudo
Dos Ceos, e Terra a Máquina fulgente;
Já sabes muito bem o que o Sizudo
Fado quer a favor da Lusa Gente;
Já sabes muito bem a feliz sorte
De Zargo, e sua Prole Illustre, e Forte.

XII.

Agora pois só quero a Nova Graça
De mandares, que Pan dalli se aparte,
Para que com seus Satyros não faça
Algum dano á Cultura em qualquer parte:
Deste Numen não temo impia ameaça,
Excedo-lhe em valor, em força, e arte,
Mas não quizera guerrear com elle,
Por isso mesmo que o conheço imbelle.

XIII.

Inda ha pouco, este Numen atrevido
E os seus rudes Silvanos pertendêrão
Expellir-me com modo desabrido
Da Terra, em que cruéis me accommettêrão:
Eu fui por estes Monstros investido;
Nuvens de rochas sobre mim chovêrão;
Porém soube punir n'hum só momento
Do Capripedo Deos o Atrevimento.

XIV.

XIV.

Desejo pois, ó Jupiter Sagrado,
Mais sevéra, mais rígida vingança;
Deste Numen o crime arrebatado
Riscar não posso ainda da Lembrança:
Seja Pan com seus Faunos desterrado,
E seja, Caro Pai, sem mór tardança,
Porque aprenda a não ser o temerario
Aos Deoses d'alta Corte tão contrario.

XV.

Seu crime he digno de exemplar castigo,
Perca até das montanhas o Governo;
Nem mesmo em ermas serras tenha abrigo
Hum Deos, que aos Deoses tem hum odio eterno:
Vá este Numen vil, meu Inimigo,
Os antros habitar do escuro Averno;
Ah! pune, Justo Pai, o Deos Informe,
Qual puniste da Terra a Proie Enorme.

XVI.

Mais diria Lieo, se o Grão Tonante
Não lhe atalhasse a voz, assim dizendo:
Socega, Filho meu; causa bastante
Tens para te sentir de Pan horrendo:
He grande o seu delicto, he aggravante,
Punillo d'algum modo em fim pertendo;
Porém pedir vingança tão severa
He improprio d'hum Deos da tua Esfera.

XVII.

Náo devem ser os Numes vingativos,
Devem ser Justos, porém ser Piedosos,
Para que dos Mortaes em quanto vivos
Sejão sempre huns Espelhos Luminosos:
Para tanto rigor não tens motivos;
Se eu fulminei Gigantes Orgulhosos,
Foi porque esta Infeliz Proie da Terra
Se armára contra os Ceos, pondo-lhes guerra.

XVIII.

Será punido Pan do féro insulto
Contra ti commettido; hum fogo lento
Os densos bosques do Terreno inculto
Em seu castigo tragará violento:
Advirtido será que dê mais culto
Aos Deoses cá do Sacro Firmamento,
E para que com elle não te irrites,
Lá nas montanhas lhe porei limites.

XIX.

A Máquina do Mundo Portentosa
Com Supremo Poder sómente eu rejo;
Nada me escapa á Vista Magestosa,
Tudo sei, tudo ordeno, tudo vejo:
Do Futuro penetro a tenebrosa
Cerrada Escuridão: quando desejo,
Adivinho o projecto dos humanos,
E até mesmo o dos Deoses Soberanos.

XX.

Bem podéra evitar de certo modo
Mil futuros successos: bem podéra
Fazer com que inda hum dia o mundo todo
Visse o Sacro poder de quem o impéra:
Mas da Ignorancia viveráõ no lodo
Té mesmo os Deoses da Celeste Esfera;
Conheceráõ sómente os meus Preceitos,
Náo pelas Causas, sim pelos Effeitos.

XXI.

Desta sorte fallando, o Omnipotente
Bem mostrava prever o mal futuro,
Que Baccho aparelhava á Lusa Gente,
Que fosse de Memnon ao Clima duro:
Mas Lieo, cuja inveja náo consente,
Que então penetre o Pensamento Escuro,
Náo se lembra, que Jupiter previa
O que elle contra o Gama pertendia.

XXII.

Beijando a Dextra ao Pai, Baccho projeta
Ir de Hespero ao Jardim, onde florece
A videira melhor, e a mais seleta,
Que do Mundo nas Terras apparece:
Da Presença de Jupiter, qual setta,
O Thyrsigero Deos desapparece,
E então baixando da Celeste Altura
O Jardim das Hespérides procura.

XXIII.

Entretanto no Téjo se breava
De novo o Lenho para a Nova Empreza;
A cordagem tambem se alcatroava,
E tudo com insólita presteza:
O Valoroso Zargo se esquipava
De Gente de não vista fortaleza,
E o Forte Infante, que dispunha tudo,
Em vêllo além da fóz fazia estudo.

XXIV.

Já do prompto Madeiro a toda a pressa
Os mastaréos o Contramestre acunha,
E a Companha Maritima começa
A despegar da arêa a férrea unha:
Eis o Velame aos Ventos se arremeça,
Robusto Marinheiro o Leme empunha,
E a Cortadora Prôa encanecia
As Tagitanas ondas, que fendia.

XXV.

Do Grande Henrique as Ordens recebendo,
Dando animoso a Deos aos seus Amigos,
Navega o Claro Zargo, não temendo
Do Vario Mar os hórridos Perigos:
Aos ares Ulyssea a voz erguendo
Ah! praza aos Ceos (dizia) que inimigos
Não encontres os Fados: fresca Aragem
Te sópre o panno na feliz viagem.

XXVI.

XXVI.

Praza aos Ceos que, sulcando planos mares,
Sem vêr escolhos, sem topar tormentas,
Descubras novas Terras, novos ares,
Já que d'honras, e glorias te alimentas:
Se acaso hum dia aos braços meus voltares,
Depois de conseguires o que intentas,
Com que doce prazer, e de que geito
Te cerrarei, ó Filho, contra o peito!

XXVII.

Vai-te em paz, Filho meu, Honras Lustrosas
Não se alcanção sem áspera fadiga;
Costumão ser mais altas, mais famosas,
Quando a ganhallas Amor Patrio obriga:
As Acções dos Herões são façanhosas,
Quando a vida se atrisca, e mais periga;
Pela estrada da Inercia em vão presume
Subir o Homem da Ventura ao cume.

XXVIII.

Tu estás pelos Fados elegido
Para essa Empreza, que a ti só se deve;
Tu foste dentre todos escolhido,
Porque só teu valor tanto se atreve:
O fardo deste Emprego tão subido
Para o teu Grande Esforço he Carga leve;
Ao pezo desta Acção, posto que insano,
Não succumbe hum Alcides Lusitano.

XXIX.

Em tanto que Ulyssea assim dizia,
Da praia os Lusitanos acenaváo,
E em muitas partes murmurar se ouvia
De Emprezas, a que humanos se arriscaváo:
O' Gloria vá, (d'alli hum repetia,
Em quanto muitos lúgubres choraváo)
A que abysmos conduzes essas Gentes
Roubando-as a seus miseros Parentes!

XXX.

Surda aos ecos das vozes lamentosas
Das consternadas Máis, dos Pais afflictos,
Aos brados das ternissimas Esposas,
Dos tenros Filhos a innocentes gritos;
Arrastas pelas ondas perigosas
Pais, Maridos, e Filhos infinitos
Com falsas luzes encobrindo aos olhos
Equoreas Syrtes, hórridos escolhos.

XXXI.

Para que he intentar grandes Emprezas,
Arriscando-se a Cousa mais querida,
Se o fruto das mais inclitas Proezas
Só para se colher he curta a vida?
A's cegas navegar entre incertezas,
Trilhando salsa via náo sabida,
Chamáo-lhe Ingente Gloria Soberana;
Mas ah! quanto o Mortal louco se engana!

XXXII.

XXXII.

Queira o Ceo conduzir-te, ó Quilha undante,
Sem que tópes horrisonas procellas,
A Clima deste Clima não distante,
E a Regiões pacificas, e bellas:
Hum vento sempre doce, e murmurante
Com brandos sôpros te refresque as vélas,
Para que abrindo o mádido Elemento
Vás, e voltes á Patria a salvamento.

XXXIII.

A taes vozes o Téjo, que dormindo
Estava sobre as urnas, despertando,
E a musgosa Cabeça sacodindo
Alça a frente, e vê Zargo ondas rasgando:
A voz então do peito despedindo,
Vai com saudoso pranto misturando
Estas palavras, que, fendendo os ares,
Resoão sobre a Terra, e sobre os mares.

XXXIV.

Queira o Ceo, Luso Heróe, ser-te propicio
Em quanto as ondas do alto mar fenderes,
E nunca arrostes do fatal Exicio
Os deploraveis hórridos Poderes:
Queira o Ceo, que bem cedo hum sacrificio
Venhas render nas aras dos Prazeres
Ao Primeiro João na pura offerta
Da Terra, de que vás á Descoberta.

XXXV.

Se de saudoso pranto as faces banho,
Se sinto da Saudade a vehemencia,
Se languidos suspiros desentranho,
São effeitos da tua dura ausencia:
Mas ah! meu Zargo, que prazer tamanho
Me destina do Fado a Providencia!
Vai-te em paz, que da Gloria laureado
Espero ver-te cedo, e premiado.

XXXVI.

Em quanto assim dizia, o Pinho fende,
Cheio de gloria, e de prazer sobejo,
As crystallinas agoas, que desprende
Das aureas Urnas o Sereno Téjo:
As líneas azas candidas, que estende
Incha o vento com prospero bafejo;
E a poucos sulcos já do mar em fóra
Navega a curva Quilha nadadora.

XXXVII.

Era o tempo, em que a Diva Camponeza
Entre auri-verdes messes passeava,
E por dar ás espigas mais belleza
A dourallas de todo começava:
Era o tempo, em que a Etherea Tocha acceza
No Zodiaco a Cancer visitava,
Quando Zargo na Quilha temeraria
Procurava a Grande Ilha Solitaria.

XXXVIII.

Sonoras virações, doces, e brandas,
Cujo bafejo os Nautas lisonjea,
Propicias refrescando as vélas pandas
O mar encrespão, que Neptuno enfrea:
O' Tu, que reges tudo, e tudo mandas,
(Disse Zargo com voz suave, e chea)
Lá do alto Olympo venerando escuta
D'hum Submisso Mortal a voz arguta.

XXXIX.

Não sem mysterio d'entre o pó do Nada
Tiraste a Massa do Terraqueo Mundo;
Não sem mysterio Tua Mão Sagrada
Fez este mar tão vasto, e tão profundo:
Se hoje em concava quilha aos ventos dada
As ondas talho do Oceano fundo,
He por mostrar á fraca Humanidade
Tua Sacra Suprema Potestade.

XL.

Não foi debalde, não, que tu formaste
Esta immensa extensão do Mar incerto;
Não foi debalde, não que o semeaste
De Terras, que inda não se ha descoberto:
Se o vasto Mundo para nós creaste,
He pena, que haja Mundo inda deserto;
Ah! protege-me, ó Deos, porq' eu intento
Fazer hum Immortal Descobrimento.

XLI.

Appareção as tuas Maravilhas
Aos olhos dos Mundanos: novos mares,
Novos Ceos, novas Terras, novas Ilhas,
Descubrão-se aos Mortaes, e novos ares:
Tu, que Ceo, Terra, Mar, e Inferno humilhas,
Deixa, que cedo te levante Altares
Nessa Terra Gentil, que hoje demando,
Para alli dar-te Culto venerando.

XLII.

Não consintas, que Eólo os ventos solte
Dos horrisonos Carceres escuros,
Porque os mares, que fendo, não revolte,
Levantando altas serras, altos muros:
Permitte, sim, que cedo á Patria volte,
Sem que encontre jámais perigos duros,
Dando mais huma Terra não mesquinha
Ao Lusitano Imperio, á Patria minha.

XLIII.

Já distantes dos Patrios Horizontes
Os Novos Argonautas navegavão,
Vendo apenas de Cintra os altos montes,
Que as vespertinas sombras carregavão;
Já de Febo os igniferos Ethontes
Nas Amphitríteas ondas mergulhavão
O luminoso Plaustro crystallino,
Entrando pelo Imperio Neptunino:

XLIV.

Quando aos Ceos o Grão Zargo desta sorte
Seus rogos enviava, que, subindo
Sobre as azas da voz serena, e forte,
Os mansos ares hião dividindo:
Da aguda Quilha retalhava o corte
As ondas, que espumantes vão sahindo
D'ambos os lados da ligeira Prôa,
Onde em doce murmurio a Linfa sôa.

XLV.

Seguio-se então a Noite socegada,
E mais que nunca a luminosa Esfera
De brilhantes Estrellas marchetada
No tremulo das ondas reverbéra:
Vinha mostrando a Lua prateada
A face, em que da neve a côr se esmera,
E em plaustro de crystal de luzes chêa
Os Astros visitava a Clara Dêa.

XLVI.

Enredado em sublimes pensamentos,
Em quanto o Luso Capitão descança,
Morales calculava os movimentos
Dos Astros, a que experto as vistas lança:
Fazia a cada instante apontamentos,
Para sua mais firme segurança,
E no mar da Razão lançando o prumo,
Da Bússola seguia hum certo rumo.

XLVII.

XLVII.

Já de Venus gentil o Astro brilhante,
Da muda Noite as sombras apartando,
Espalhava huma luz clara, e radiante
Sobre os mares, que o Lenho hia sulcando:
Da Culta Grande Europa já distante,
Porque lhe refrescára o vento brando,
Zargo animoso com feliz auspicio
Sómente via o Mar, e o Ceo Propicio.

XLVIII.

Os Novos Argonautas navegárão
Desta sorte alguns dias felizmente,
Até que em certa altura projectárão
Avante não passar prudentemente:
Por alguns dias sobre o mar pairárão
Em demanda da Terra florecente,
Até que hum dia pela mesma róta
Houverão vista d'huma Terra nóta.

XLIX.

Aquella (disse Zargo) Ilha frondosa,
Que vemos, e talvez vos cause espanto,
He a aprazivel Ilha milagrosa,
Que por mim foi chamada o Porto Santo:
Horrivel Tempestade tormentosa
Desabou sobre mim com furor tanto,
Que fugindo-lhe aos rábidos furores,
Alli vim escapar aos seus rigores.

L.

Devemos pois, Morales, aportalla;
Não julgues, que ella ainda está deserta,
Tem vindo Gente Lusa povoalla,
E Gente Lusa na Cultura experta:
Devemos, sim, d'alli fazer Escala,
Para tentar a nossa Descoberta,
Pois (cá segundo a minha conjectura)
A Ilha deve andar por esta altura.

LI.

He certo sim (Morales lhe responde)
Que (segundo o meu cálculo já feito)
Porque entre nuvens tétricas se esconde,
Bem póde perto estar, como suspeito:
Oh! quem podéra, Zargo, saber onde
Tão estimavel Ilha tem seu leito!
Mas não se desanime n'alta Empreza,
Longe de nós a tímida Fraqueza.

LII.

Com estranho valor, Zargo Sublime,
Tenho mil vezes encarado a Morte;
A minha Intrepidez jámais opprime
Do Cobarde Pavor o pezo forte:
Longe de mim da Timidez o crime;
Inda que encontre sempre opposta a Sorte,
O ardente sangue não regéla o Susto,
Sou Homem, tenho hum animo robusto.

LIII.

LIII.

Vamos sim, como dizes, tomar porto;
E delle, inda que sejão vezes cento,
Depois de algum refresco, e são conforto,
Daremos vélas ao propicio vento:
Sim, ó Zargo Immortal, antes eu morto,
Que perder hum tão bom Descobrimento;
Ou se ha de descobrir a Terra pura,
Ou se ha de ter no mar a sepultura.

LIV.

Quando Morales isto repetia
Com suave expressão, mas animada,
A Intrepidez na face se lhe via
Com rubra côr vivissima pintada:
O Luso Capitão tudo attendia,
E sentindo sua alma arrebatada
Pela força de tanta Heroicidade,
A Morales jurou pura Amizade.

LV.

Entretanto o fluctivago Madeiro
Busca a Terra, que Zargo descobríra,
Quando cruzando o mar Aventureiro
Do bravo Temporal fugio á ira:
Voava o cavo Pinho, e tão ligeiro
Impellido da aragem, que respira,
Que não parece alli ser Lenho grave,
Nem undivaga Quilha, mas ser Ave.

LVI.

Os ethereos espaços dividindo,
Quasi chegando á costumada méta,
Nas ondas suas luzes submergindo
Hia o Gigante Lúcido Planeta:
Quando o Madeiro cóncavo surgindo
No amigo Porto mais veloz, que a setta,
Arroja ás agoas o bidente ferro,
A cujo golpe deo Neptuno hum berro.

LVII.

As vélas d'improviso se amainárão,
Colhêrão-se as Bandeiras tremolantes,
E aquella noite alegres descançárão
Os destemidos Lusos Navegantes:
Para a empreza seus animos preparão,
Reforçando seus animos constantes,
E todos elles de Morfeo nos braços
Prender-se deixão com dourados laços.

LVIII.

Só Zargo Illustre toda a noite véla,
Ao lado de Morales calculando,
Onde estaria a fertil Ilha bella,
Que andava pelas ondas procurando:
Apenas vinha a Matutina Estrella
Dubias luzes nos ares semeando,
Apresta-se o batel, que desaferra,
E a Zargo com Morales lança em terra.

LIX.

Os Novos Argonautas recebidos
Com ternura dos Novos Insulanos
Alli se demorárão entretidos
Em fazer novos calculos, e planos:
Noite, e dia nos montes mais subidos
Faziáo pensamentos mais que humanos,
Observando huma Névoa grossa, e forte,
Que alli se vê do Porto Santo ao Norte.

LX.

Já então se dizia alli (tremendo
De susto) que, onde estava a Névoa Crassa,
Era a Garganta do Cocyto horrendo,
Que ruina aos Mundanos ameaça:
(Dizia-se) quem for o mar rompendo,
De certa altura para lá não passa,
Pois pela boca da Infernal garganta
Sahe voz horrenda, que os Mortaes espanta.

LXI.

Parece que o Trifauce alli, ladrando;
Quer investir aos tristes Navegantes,
E que as malignas Furias, vozeando,
Alli soltão mil roncos dissonantes:
Parece estar o Inferno vomitando
Medonhas nuvens mil horrisonantes,
E dellas he tão túrbido o Negrume,
Que vêr não deixa em fim Tartáreo Lume.

LXII.

Tudo isto ouvindo, Zargo mais se inflamma,
E em discretos exames continúa,
A mira tendo na prestante fama
Dos Povos Lusos, e da Gloria sua:
Ardendo de Amor Patrio em viva chamma,
Projecta desde então na nova Lua
Investir o Negrume horrendo, e feio,
Que dizem ter o Báratro no seio.

Fim do Canto Setimo.

CAN-

CANTO OITAVO.

ARGUMENTO.

NEgar na Terra abrigo á Lusa Gente
Projecta Pan, e desce ao Flegethonte,
Cuja medonha túrbida Corrente
Passa na Curva barca de Charonte:
Falla ao Dite Avernal, que attentamente
Escuta o Numen de bicórnea fronte,
E do Tártaro traz Furias ímpias,
Scyllas, Centauros, Górgones, Harpias.

I.

MUitos dias se tinhão já passado,
Depois que o torpe Deos pedi-caprino
Fôra na Terra inculta rechaçado
Pelo Sacro Lieo Thyrsi-divino;
Quando de Velhos Satyros cercado
O Numen Montanhez, Monstro ferino,
No recinto da Gruta, em que habitava,
Insano desta sorte vozeava:

II.

II.

Riscar não posso ainda da lembrança
A, que me fez Lieo, pezada offensa;
Dentro em meu Coração berra a Vingança,
Mais, e mais assanhando a Mágoa intensa:
Sinta Baccho de Pan inda a possança,
Sinta a cólera minha em tudo immensa,
E desta fertil Ilha a Gente Lusa
Fuja de Assombro, e de Pavor Confusa.

III.

Se por graça de Jupiter me coube
O dilatado Imperio das Montanhas,
E o Filho de Semele ousado soube
Roubar-me aquellas Indicas tamanhas,
Hei de inda mais soffrer, que estas me roube?
Ah! não consentirei: de Pan as sanhas
Supporte o Nizeo Deos: eia Sylvanos,
Ponha-se guerra a Baccho, e aos Lusitanos.

IV.

Em quanto desço ao Cavernoso Averno,
(Porque me cumpre assim) ficai guardando
Esta Grande Ilha; eu cedo o meu Governo
A'quelle dentre vós mais venerando:
Aos negros antros do Tartáreo Inferno
As baças Furias vou buscar em bando,
Torpes Centauros, hórridos, enormes,
Scyllas, Harpias, Górgones informes.

V.

Por todos estes Monstros soccorrido
Bem posso guerra pôr ao Mundo inteiro;
Pagarás, ó Lieo, Nume Atrevido,
A offensa, que fizeste ao Deos monteiro:
Teu vil delicto deve ser punido;
E aquelle, que tentar Aventureiro
Tocar as praias desta fertil Terra,
Hospedado será por crua Guerra.

VI.

Não acabava, quando a Noite, abrindo,
As semi-negras azas, apparece,
E no seu Carro os ares dividindo
Subitamente sobre a Terra desce:
Pan ao sombrio Coche então subindo,
Que todo grossa Nuvem ser parece,
Noite Amiga, (lhe diz em alto grito)
Leva-me ás margens do Avernal Cocyto.

VII.

Apenas isto disse, a muda Noite
Sobre os Nocturnos Animaes, que tirão
O seu Carro veloz, vibra o açoite,
Cujos estálos resoar se ouvírão:
Por mais que o Plaustro de Titán se afoite,
Suas rodas tão rápidas não gyrão;
Os ferros Fixos, fuzilando, gemem,
Os negros Monstros, relinchando, fremem.

VIII.

Já sobre o cume do Cimmerio Monte
Pousa o Carro da Noite taciturna;
Olha Pan, vê sahir quasi defronte
Túrbido Rio por sulfurea furna:
Aquelle (diz a Noite) he o Acheronte,
Que pela boca esqualida, e soturna
Com tremendo fragor, hórrida grita
O Tenebroso Tártaro vomita.

IX.

Em quanto, ó Pan, descanço em minha gruta,
Vai sulcar este Rio tormentoso,
Em cujas ondas cança a Força bruta
Do Cocytio Barqueiro ambicioso:
Olha como elle já cançado luta
Co as agoas do Acheronte pavoroso!
Desce á praia, e na barca horrenda, e fêa,
Vai afoito cortar Tartátea vêa.

X.

Suffocando no peito a voz tremenda,
Que longo espaço horrisona resôa,
Da Cimméria Montanha pela fenda
Entrando, a Noite as Trévas agrilhôa:
De vagas pardas sombras tropa horrenda
Na ausencia della todo o ar povôa;
Por entre as quaes soltando guinchos graves
As azas batem rapinantes Aves.

XI.

Era o Cimmerio Monte coroado
De sulfureos pestiferos vapores;
Pendiáo-lhe d'hum lado, e d'outro lado
Rochedos de ruina ameaçadores:
De espaço a espaço em roda era gretado;
Pelas gretas sahiáo mil fragores,
Que, imitando do Báratro o ruido,
Formaváo confusissimo estampido.

XII.

Em parte em negras Arvores se enreda
Em parte em densas matas mil se embrenha;
Quasi que em tudo o Tártaro arremeda,
Menos na fórma, e na espinhosa grenha:
Tomando o hirsuto Pan rude vereda,
Capripedo ligeiro se despenha
Do erguido cume á fralda, em que o barqueiro
Ja encalhava o concavo Madeiro.

XIII.

Era Charonte grande, alto, e membrudo,
Mas de Velho mirrado, e carcomido;
O corpo tinha em partes gadelhudo,
Em partes baço, em partes denegrido:
O semblante rugoso, e carrancudo,
De longas brancas tinha guarnecido;
Tinha hirsutos os ríspidos cabellos,
„ A boca negra, os dentes amarellos. „

XIV.

Era a Barca Avernal Betuminosa
De enormissimos lenhos fabricada;
Qualquer remo, que move a máo calosa,
Parece a Herculea massa decantada:
Era hum pinheiro o mastro, em que alterosa
Subia grossa verga desmarcada,
A que prêza a cinzenta véla rôta
Açoita os ares co' a farpada escôta.

XV.

Lança o Barqueiro a prancha sobre a praia,
Por onde róláo lúbricas serpentes;
Embarca o Deos das Brenhas, e se ensaia
Para sulcar as túrbidas correntes:
Desaferra o batel, e antes que saia,
Prende Charonte a escôta aos ralos dentes,
E os musguiferos remos meneando,
Vai pelo Avernal Rio serpeando.

XVI.

D'hum lado, e d'outro lado se divisão
Vagando pelas praias lutulentas
Pállidas sombras, que dispersas pizáo
As arêas esquálidas cinzentas:
Sombrias negras Arvores matizáo
Aqui, e alli as margens peçonhentas
E dentre ellas com vozes agoureiras
Grulháo famintas Aves Carniceiras.

XVII.

Alli gemem os Mochos á porfia
Co' as lúgubres Corujas rapinantes,
O negro Bufo guincha, e desafia
Os pardos Noitibós plum-estalantes:
Fazem huma confusa vozeria
Aves Sinistras, Serpes sibilantes,
Em quanto as vagas Sombras d'horror chêas
Tímidas calcáo hórridas arêas.

XVIII.

Corre em partes o Rio accelerado,
Formando rouco estrepitoso estrondo;
E em partes prêzo está, como estagnado,
Exhalando hum vapor sempre hediondo:
O Capripedo Numen espantado
De quanto escuta, e vê, nos olhos pondo
As máos calosas, longo espaço existe,
Roubando aos olhos hum painel táo triste.

XIX.

Passando a Barca o Rio caudaloso,
Entra na Estygia Sórdida Lagôa,
Onde já táo violento, e fragoroso
O dissonante estrépito náo sôa:
Eis que o Lago tranquillo, e bonançoso
Serena fende a pontaguda prôa
Larga os remos Charonte, e satisfeito
A vara encosta ao calejado peito.

XX.

Assim a Quilha undívaga navega
Pela túrbida Estyge, que serpêa,
Até que á margem destinada chega,
Onde encalhar costuma em branda arêa:
Charonte á praia o curvo lenho entrega,
E na vara encostando a face fêa,
A face horrenda, que o suor alaga,
Negra dextra estendendo, espera a paga.

XXI.

Os Deoses (disse Pan) estão isentos
Das pensões da Infeliz Humanidade;
Se dos Deoses não tens conhecimentos,
Aprende a conhecer a Divindade:
Hum dos de Jove Sacros Mandamentos
He respeitar dos Numes a Deidade;
Eu sou o Deos das Brenhas, e pertendo
Entrar hoje no Tártaro Tremendo.

XXII.

Em quanto fallo ao Dite, aqui me espera,
Desta praia, Charonte, não te ausentes;
Isto dizendo, sahe na praia fera,
E vai calcando os areaes ferventes:
Esta margem do Tartaro só gera
Espinhosos abrolhos pestilentes,
Entre elles grasnão com accentos torvos
Abutres, Guinchos, Gralhas, Grous, e Corvos.

XXIII.

XXIII.

Altos Montes agrestes apparecem,
Como que estão de guarda ao negro Averno;
A cada instante todos estremecem
Co' a voz, que da garganta sahe do Inferno:
As vistas monstruosas, que offerecem,
Lanção nas Almas hum pavor interno;
Graves Espectros por alli vaguêão,
E os seccos montes mais, e mais afeão.

XXIV.

Mal chega Pan do escuro Inferno á Porta,
Abre o Cerbéro a tríplice garganta,
E a trisonante Voz, que as sombras corta,
Troando horrendamente, o Averno espanta:
Eis a fronte cornigera recorta
Da opaca Entrada a Escuridão: levanta
A voz o Numen de fendida pata,
E estas palavras subito desata:

XXV.

O' vós, quem quer que sois, que estais guardando
Do Reino de Plutão a triste entrada,
Se vos póde mover meu rogo brando,
Ensinai-me do Inferno a dubia estrada:
Eu sou o Deos Sylvano, que buscando
Vou de Plutão a tétrica Morada;
Vinde guiar-me ao Paço Tenebroso
Do Negro Irmão de Jove Poderoso.

XXVI.

Apenas assim disse, Espectro horrendo
Ante o Numen Sylvano se apresenta,
O corpo gigantêo ao ar erguendo,
Que soberbo Colósso representa:
Os gázeos olhos para Pan volvendo,
Com voz, que imita a horrisona tormenta,
Vem comigo, (lhe diz) o Avernal Dite,
Que entres no Reino seu, sei que permitte.

XXVII.

Era o lugubre Espectro o Horror disforme,
Que na porta do Inferno está de guarda;
Tinha do rosto carrancudo, e enorme
As faces macilentas, a côr parda:
Este Aborto Avernal em tudo informe,
Do Deos Caprino pondo-se á vanguarda,
Rompendo as sombras co' os nervosos braços,
Para o Báratro então apressa os passos.

XXVIII.

Já se avistão as torres abrazadas
Do Plutonio Palacio ardente, e feio,
E as muralhas cruéis incendiadas,
Que o cercão, e que o prendem no seu seio:
Sobem aos ares nuvens carregadas
De sulfureo vapor, e em quanto cheio
Caminha Pan de assombro, os olhos lança
Aos Campos Infernaes, que a vista alcança.

XXIX.

Se te assombras (lhe diz o Horror) de veres
O tenebroso Tártaro infinito,
Que assombro sentirás, quando souberes
Tormentos, que ha por todo este Cocyto!
He tempo agora pois de conheceres
A punição, que tem qualquer delito;
Aqui pagão os miseros Mundanos
Os seus Crimes fataes, Crimes insanos.

XXX.

Aquelle, que tu vês, já macilento,
A cujas plantas corre o rio astuto,
He Tántalo Infeliz Sanguinolento,
A quem da mão mirrada foge o fruto:
De sede, e fome em hórrido tormento
Punido assim se vê do crime bruto
De haver com despiedada tyrannia
Feito do Filho barbara iguaria.

XXXI.

Aquellas, que tu vês, em vão roubando
Ao triste rio as verdenegras agoas,
São as Filhas de Dânao miserando,
Que assim apagão do seu crime as fragoas;
Seus peitos homicidas retalhando
Buidos gumes de aguçadas Mágoas,
Expião as traidoras ímpias mortes
Dos malfadados miseros Consortes.

XXXII.

Aquelle, cujo figado devora
Negro Abutre carnivoro faminto,
E que aos mórsos da Féra tragadora
Vêr não consegue o seu martyrio extinto;
He Ticio, que a Lascivia seductora
Lançou da Eterna Dôr no Labyrintho;
Por pertender violar Latona Bella
Entre as garras da Dôr de dôr anhela.

XXXIII.

Vês aquelle Infeliz, que em vão procura
Subir do Monte á elevação sublime,
E que pertende pôr na mór altura
O penedo falaz, que o dorso opprime;
He Sísypho Cruel, que em pena dura
Paga de roubador o torpe crime;
Lá lhe tomba o penedo!... eis vem buscallo!...
Lá torna o desgraçado a carregallo!

XXXIV.

Outros muitos, que vês em seus supplicios
Por eternos tormentos lacerados,
São os que em lodo de execrandos vicios
Vivêrão noutros tempos atolados:
Agora nos seus hórridos exicios
Expião os delictos seus malvados:
Tristes aquelles, que se atolão inda
Em vicios, sem temer a penna infinda!

XXXV.

XXXV.

Se aos antros fores do Sulfureo Inferno;
Tambem encontrarás Chéfes Insanos,
Cada qual em seu vil tormento eterno,
Tormentos infernaes, ímpios, tyrannos:
Aquelles, que fizerão do Governo
Longa Serie de males, crimes, danos,
Alli verás, e com rigor punidos,
Soltando tristes lúgubres gemidos.

XXXVI.

Encontrarás Ministros differentes
Em martyrios cruéis, perdida a Esp'rança
De haver limite ás penas inclementes,
A cuja sanha o Soffrimento cança:
Alli soffrem castigos vehementes
Os que não nivelárão a balança
Da Sagrada Justiça, que deixára
No Mundo Astrea, quando aos Ceos voára.

XXXVII.

Alli verás os ímpios Parricidas,
Os protervos, nefarios roubadôres,
Os barbaros insanos fratricidas,
Os perversos iniquos malfeitores:
Alli verás tambem os homicidas,
E da Sá Castidade os violadores,
Todos soffrendo aspérrimos tormentos,
Aluindo os Infernos com lamentos.

XXXVIII.

Sempre em teimoso gyro arrebatado
D'huma roda cruel, que nunca pára,
Ixión verás tyrannamente atado,
Pagando da Lascivia a audacia rara:
Vive a tormento eterno condenado
Porque Lascivo a nuvem abraçára,
Julgando, que abraçava Juno Bèlla,
Sentindo-se abrazar de Amor por ella.

XXXIX.

Alli verás Hypócritas malinos,
Vorazes Corvos, Cisnes na apparencia;
Verás torpes Fanáticos mofinos,
Pagando todos sua vil demencia:
Veras tambem Sacrilegos ferinos,
Flagellos da Suprema Omnipotencia,
Expiando seus pérfidos delitos
Por meio de supplicios inauditos.

XL.

Acharás os belligeros Gigantes,
Que contra os Sacros Deoses se juntárão,
E a que os raios de Jupiter pujantes
Em punição da audacia fulminárão:
Assim punidos são os Arrogantes
Sacrilegos, que contra os Ceos se armárão,
E eternamente assim serão punidos
Os Sacrilegos Crimes atrevidos.

XLI.

Assim dizia, quando em fim chegárão
A' entrada escura dos Plutonios Paços;
Alli de Pan os crinos se erriçárão
D'improviso pavor entre embaraços:
Por entre hórridas sombras penetrárão
Com dubias luzes de clarões escassos;
Mas eis que entrárão nas ardentes Casas,
Rompêrão chammas, e pizárão brazas.

XLII.

Mil vastissimas Salas discorrendo,
Chegárão de Plutão á Regia Sala,
Em que está deste Rei o Throno horrendo,
O Throno, que huma viva braza iguala:
Apparece do Inferno o Rei tremendo,
Chega-se Pan, e desprendendo a falla,
Com voz, que troa pelo Inferno dentro,
Taes palavras roubou do peito ao centro:

XLIII.

Eu sou, Tartareo Dite, o Deos Sylvano;
Sou do Mênalo a Sacra Divindade;
Pertendo guerra pôr ao Lusitano,
E á Lenêa Thyrsigera Deidade:
Tu, que és do Averno o Numen Soberano,
Tu, que és Segundo Jove em Magestade,
Attende ao Deos das Brenhas, que animoso
Implora o teu Auxilio Poderoso.

XLIV.

Depois que Thioneo me lançou fóra
Das Memnonias incultas Espessuras,
Talando os Campos, em que nasce a Aurora,
De ferro, e fogo em vivas guerras duras:
D'Ilha aprazivel, que inda habito agora,
Fui demandar as Brenhas mais escuras;
Nellas tenho vivido socegado
Dos meus Amantes Sátyros cercado.

XLV.

Agora (que eu vivia assás contente)
Quer o Numen Cruel, meu Inimigo,
Roubar-me aquella Terra florecente,
Para dar nella ao Lusitano abrigo:
Contrario quero ser á Lusa Gente,
Contrario quero ser (outra vez digo)
Ao Nizeo Deos, e áquelles Lusitanos,
Que pertendem roubar-me a Terra insanos.

XLVI.

Tantos insultos vís, tantos aggravos
Não póde supportar o Deos Caprino;
Dos homens nunca devem ser escravos
Aquelles, que tiverão Ser Divino:
Ao Nizeo Nume, e aos Lusitanos bravos
Não valerá dos Fados o Destino;
Contra todos armado em guerra viva
Mostrarei minha cólera excessiva.

XLVII.

Quero pois, ó Plutão, que em fim me ajudes
A punir hum tão barbaro delito;
Os monstros mais cruéis do Inferno rudes
Deixem por ora as margens do Cocyto:
Convém que em meu favor hoje te mudes;
Ah! muda-te em favor d'hum Deos afflito,
Sigão-me Harpias a punir injurias,
Centauros, Scyllas, Górgones, e Furias.

XLVIII.

Mais diria o Deos Pan, se a cruel Ira
Lhe não prendesse a voz no ardente peito;
Vivas chammas frenético respira,
Mostrando mais que nunca irado aspeito:
A vista a hum lado, e a outro lado atira,
Como quem d'impia Dôr sente o effeito;
E em quanto o Coração rabido freme,
O informe Corpo seu convulso treme.

XLIX.

Então com rouca voz, que tudo espanta,
Da Implacavel Prosérpina o Consorte,
Abrindo a negra sordida garganta,
Ao Cornigero Deos diz desta sorte:
Tua súpplica tem justiça tanta,
He em fim tua súpplica tão forte,
Que inda que resistir-lhe hoje quizesse,
Talvez que o mesmo Jove não podesse.

L.

Vem comigo ás Cavernas soterradas,
Em que habitão as Furias revoltosas,
Os medonhos Centauros, as malvadas
Rapinantes Harpias Monstruosas:
Vem comigo ás Cavernas habitadas
Por Górgones, e Scyllas horrorosas,
Cruéis Monstros, dos quaes posto na frente
Bem podes guerrear co' a Lusa Gente.

LI.

Dizendo assim, Plutão marcha adiante,
E o Capripedo Nume o vai seguindo,
Estrépito confuso, e dissonante,
De momento em momento hórrido ouvindo:
A negro Abysmo, sempre fumegante,
O Esposo de Prosérpina, investindo,
Por escadas de ferro abrazeado
Desceo, e desceo Pan do Horror ao lado.

LII.

Chegárão pois do Tártaro ao Recinto,
Onde do Averno os Monstros habitavão,
E onde n'hum tenebroso Labyrintho
Todos insanamente vozeavão:
As cores de expressão, com que aqui pinto
Este Lugar, que os Monstros afeiavão,
Inda que vivas são, são mortas cores
Para ao vivo pintar tantos horrores.

LIII.

Tudo era feio alli, tudo tristonho,
Tudo horrendo, cruel, tudo disforme;
O Inferno nada tem de mais medonho,
Que aquella Habitação em tudo enorme:
Hum hálito pestifero, e enfadonho
Exhala a boca d'huma gruta informe;
Ella está sempre monstros mil tragando,
Está sempre mil monstros vomitando.

LIV.

Semelhante ao Trovão, que hórrido trôa,
Dobrando os ecos, abalando o mundo,
A voz Plutonia d'improviso sôa
Nas entranhas do Tártaro profundo:
Subito em torno de Plutão revôa
De famintas Harpias bando immundo;
Juntão-se Scyllas, Górgones iradas,
Cruéis Centauros, Furias assanhadas.

LV.

Ide (lhes diz Plutão) na inculta Terra,
A que Pan vos guiar, com ira insana
Prestar-lhe auxilio na terrivel Guerra,
Que alli quer pôr á gente Lusitana:
Todos os Monstros, que o Averno encerra,
Marchem apôs de Pan em tropa ufana,
E desde agora ás suas Leis sujeitos
Executem sómente os seus preceitos.

LVI.

Mais não disse; e então Pan agradecido
A negra dextra de Plutão beijando,
Mostrava no semblante denegrido
O prazer, que o estava dominando:
Depois, do Avernal Dite despedido,
A Monstruosa Tropa commandando,
Por soterrânea fenda, que apparece,
Guiado pelo Horror afoito desce.

LVII.

Apenas Pan dalli se desenreda,
Despede-se do Horror com meigo afago,
Que lhe aponta huma insólita vereda,
Que vai direita dar no Estygio Lago:
Charonte, que d'alli se não arreda,
Inda que não espera vêr-se pago,
Tendo encalhada ainda a Barca fêa,
Dormia a somno solto sobre a arêa.

LVIII.

A' margem chega Pan da Estyge impura,
Onde Charonte tétrico dormia,
Cuja arêa se torna mais escura
Com a sombra da tropa, que a cobria:
Hum monstro grita alli, outro murmura;
E aos ecos da confusa vozeria
Despertando, o Barqueiro desencalha
A longa Quilha, em quanto a Tropa ralha.

LIX.

Embarca Pan co' as Górgones Infames,
Co' as Scyllas, e Centauros monstruosos,
E das Furias, e Harpias os Enxames
Manda fender os ares tenebrosos:
Seguem de Pan os péssimos dictames
Todos estes vís monstros horrorosos,
Já dispondo seus animos ferozes
Para combates miseros atrozes.

LX.

Já sobre a praia lúgubre cinzenta,
Que lambe o triste túrbido Acheronte,
Salta a Tropa dos Monstros truculenta,
E sóbe ao cimo do Cimmério Monte:
A' espera estava a Noite somnolenta
Do informe Numen de bicórnea fronte,
E apenas foi chegado, o carro aponta,
E sobre elle com Pan, e os Monstros monta.

LXI.

Ladeado de Furias, e de Harpias
Vôa o Carro veloz, cruzando os ares;
E semeando Nuvens, que sombrias
Abafão terras, e suffocão mares:
Eis se avistão as duras serranias,
Onde tem Pan do seu Imperio os Lares,
E apenas sobre a Terra o Carro topa,
Espalha-se por ella a Infernal Tropa.

LXII.

LXII.

Acodem logo os Sátyros biformes
A festejar de Pan a grata vinda ;
Admirão-se de vêr Monstros informes
Por elles tão Cruéis não vistos inda :
Junta a Turba dos Sátyros deformes
Dos Monstros infernaes á Turba infinda,
Parecem não poderem as Montanhas
Co' o pezo destas Máquinas tamanhas.

LXIII.

Eis aqui (disse Pan) a Terra inculta,
Em que tenho vivido, ha longos annos.
E onde inda o Deos Thyrsigero me insulta,
Mostrando-se a favor dos Lusitanos :
Punir devemos esta audacia estulta ;
Eia Monstros do Averno, eia Sylvanos,
Contra os Lusos, e Baccho estai á lerta,
Tráve-se a Guerra, que a Victoria he certa.

LXIV.

Pertence a Alecto o pesquizar sómente
Quando as ondas do salso mar rompendo
Se avizinha de nós a Lusa Gente,
Com que inda féro guerrear pertendo :
A Tisiphone cumpre, certamente,
Reger das Furias o Esquadrão tremendo,
Em quanto anda Megéra pesquizando
Se Baccho aporta aqui, o como, e quando.

LXV.

E vós, ó Cruéis Monstros, que assanhados
Podeis por certo demolir mil mundos,
Andai por estes montes espalhados
Defendendo esta Terra vagabundos:
De fortes pinhos hórridos armados,
E de ingentes penedos, furibundos
Accommettei aquelles, que tyrannos
Tentarem nesta Terra entrar insanos.

LXVI.

Vós, Filhas de Typhêo, immundas Aves
Sempre torpes, famintas, e avarentas,
Que ás mezas de Phinêo, mezas suaves,
Os Manjares roubastes famulentas;
Medonhos guinchos entre agudos graves
Soltai de quando em quando turbulentas,
Para que a Gente Lusa, amedrentada
De ouvir-vos, deixe a Terra inhabitada.

LXVII.

Em fim, Sylvanos meus, de vós espero
Memorandas façanhas singulares;
Quando não saberei punir severo
O que não defender os Nossos Lares:
Contra os Lusos Magnanimos vêr quero
Cahirem estes Montes sobre os mares;
E contra o Deos de Niza vêr quizera
Voarem montes á Celeste Esfera.

LXVIII.

Assim tudo dispunha o Deos hirsuto
Contra o Sacro Lieo, e a Gente Lusa;
Assim risca na mente estulta o Bruto
O plano informe, de que Baccho abusa:
Tudo isto estava ouvindo o Nume astuto
Filho de Jove n'huma parte escusa,
Em que as Cêpas frondiferas plantára,
Que ao Jardim das Hespérides roubára.

LXIX.

Então a Noite, rápida voando
No seu Carro veloz, a Terra deixa,
E taciturna os áres recortando,
Sobre os seus montes sombras mil desfeicha;
Em aurea Nuvem Thyoneo montando
No seu seio de súbito se feicha,
E retalhando o límpido Elemento
Piza dos Astros o Sidéreo Assento.

Fim do Canto Oitavo.

CANTO NONO.

ARGUMENTO.

INveste Zargo Impávido o Negrume
Na fluctivaga Quilha Aventureira,
Descobre a Terra, d'arvores Tapume,
A que deo logo o Nome de Madeira:
De aurea Nuvem lhe falla o Nizeo Nume,
Com doce voz Celeste, e Lisonjeira;
Manda-o surgir; e Alecto, que isto escuta,
Vôa de Pan á Cavernosa Gruta.

I.

DEspedir-se de Cancer pertendia
Dos Astros o flammifero Gigante,
Já projectando no seguinte dia
Visitar o Leão chammigerante,
Quando Zargo (inda não amanhecia)
Levanta o ferro sobre a prôa undante,
Que abrindo as azas, qual volatil Ave,
Toda se entrega á viração suave.

II.

Mostrando ao Mundo a face luminosa
Vinha a purpúrea Aurora desgrenhada
Por entre nuvens quasi côr de roza
Sacodindo a Madeixa aljofarada;
Era o tempo, em que a curva Quilha undosa
Já pelas salsas ondas alongada
Veloz buscava a Escuridão sombria,
Que ao perto mais horrenda parecia.

III.

A' medida que o Lenho hia chegando
A' negra Cerração, de susto, e medo,
Os marinheiros todos, descórando,
Se ouvião murmurar quasi em segredo:
Zargo Animoso, a todos reanimando
Com vivas expressões, aspecto ledo,
A' viração, que hum pouco se acalmava,
Com insigne valor mais panno dava.

IV.

O Pinho mareando, os Marinheiros
Quasi todos de susto amarellados
Se escutavão dizer: Aventureiros
Onde vamos, ó Ceos, ser abysmados?
O' Caminhos da Gloria Lisonjeiros,
Quanto sois perigosos, e arriscados!
Oh! mal haja, mal haja a Gloria Insana,
Apôs quem corre cega a Gente humana.

V.

A estas expressões mal proferidas
D'improviso mudou Zargo de aspeito,
E as vistas espalhando enfurecidas,
Taes palavras tirou do Heroico Peito:
Vós, que tanto prezais as vossas vidas,
Animai-vos, faltando-me ao respeito,
A proferir blasfemias, sem receio
De achar prompto castigo ao crime feio?

VI.

Rebeldes, não sabeis, que sois vassallos
D'Hum Rei, que vezes mil por vossa gloria
Em a vida arriscar fez seus regalos,
E alcançou para vós sempre a victoria?
Lembrai-vos de seus Feitos; imitallos
Devemos, pois são Dignos de Memoria;
Quem se deixa gelar do frio susto,
Não he Vassallo do meu Rei Augusto.

VII.

He a Vida d'hum Rei Aureo Thesouro,
Que devemos prezar com avareza;
E quantas vezes com infausto agouro
Ella se arrisca em perigosa empreza?
Quantas contra o Hespano, e contra o Mouro
Sempre Armado de Heroica Fortaleza
O Nosso Rei por nós tem arriscado
O Thesouro do Mundo mais prezado?

VIII.

VIII.

E sois Vassallos vós d'hum Rei, Que Invicto
Vos dá em cada Acção sublime Exemplo?...
Por certo que o não sois: Vosso delicto
Dos do mundo o mais pérfido contemplo:
Expiai vós hum crime tão maldito,
Em vosso coração erguendo hum Templo,
Em que deis puro culto mais que humano
Ao Patrio Amor, e ao Vosso Soberano.

IX.

De que serve huma vida, se he mesquinha
Para a Patria, e seu Rei? Sim, de que serve?
Não vedes, que tambem arrisco a minha,
Só porque Régias Leis humilde observe?
Se acompanhar-me aqui vos não conviñha
Com outro igual valor ao que em mim ferve,
Ficasseis entre os braços da Molleza,
Não mostrarieis, não, tanta fraqueza.

X.

Eia pois não temais os ímpios danos,
Que o Negrume Avernal vos representa;
Nunca a Fiéis Vassallos Lusitanos
A Apparencia dos P'rigos amedrenta:
E se acaso insistis no medo insanos,
Mostrando-me huma face amarellenta,
Brevemente vereis quanto ao Perigo
Excede desses crimes o Castigo.

XI.

XI.

Voltando-se depois para Morales,
Continúa, dizendo desta sorte:
Agora cumpre, que em valor me iguales,
Hum Grande Coração não teme a Morte;
Cumpre a Deos evitar os nossos males,
Porém huma Alma Grande, hum Peito forte
Não podem n'huma Empreza tão sublime
Succumbir ao Pavor, sem torpe crime.

XII.

E vós, Varões Illustres, que Animosos
Não tendes atégora descórado,
Descei aos Escaléres pressurosos,
Para que seja o Lenho rebocado:
Aires, e Gago, Lusos valorosos,
Isto a vós he sómente encarregado,
Ide pois co' os mais fortes marinheiros
Sirgando o Lenho áquelles nevoeiros.

XIII.

Apenas assim dito, os Heróes descem
Aos equoreos bateis com gosto ingente;
Como á porfia os Nautas se offerecem
Descendo pelos bórdos velozmente:
Seus animos de todo fortalecem;
Viva Zargo, (repete toda a Gente)
E estendidas as sirgas pela prôa,
Navega o Lenho docemente á tôa.

XIV.

Tinha o Monarca Lúcido do Dia
Vingado já do Olympo o Excelso Cume,
Quando o Valente Zargo dividia
As negras sombras do Infernal Negrume:
D'hum lado, e doutro horrisono se ouvia
Bramir o Mar tão fóra do costume,
Que a não ter Zargo hum animo constante,
Não passaria a curva Quilha ávante.

XV.

Manda Zargo emproar a Quilha dura
Para a parte, em que o mar mais bravo berra,
Porque enxérga por entre a névoa escura
Huns altos serros, que figurão terra:
Dos Nautas cada qual a vista apura,
Em quanto ao Susto a Intrepidez faz guerra,
E a poucos sulcos (oh! Portento raro!)
Descobrem terra, vendo o mar mais claro.

XVI.

Que transportes de gosto! que altos vivas
Se escutão retinir então nos ares!
Que transportes de gosto! que expressivas
Graças se dão a Zargo singulares!
Com mais vivo valor, forças mais vivas
Os Nautas em maritimos Cantares,
Viva Zargo, mil vezes repetindo,
As ondas vão c'os remos dividindo.

XVII.

Graças ao Grande Deos Omnipotente
(Começa Zargo então desta maneira)
Que me deixou topar co' a Terra ingente,
Que eu buscava na quilha aventureira!
A' Grande Ilha, que vemos florecente,
Desde já fique o Nome de Madeira,
Porque Terra, que entre Arvores se some,
Madeira deve em fim só ter por Nome.

XVIII.

Tinha acabado, quando o Deos Thebano,
Que a Portugueza Gente protegia,
D'Aurea Nuvem n'hum Carro Soberano
Sobre o Madeiro undivago descia:
Insigne Zargo, Illustre Lusitano,
(Sobre a Nuvem baixando, assim dizia)
Se evitar queres Avernal perigo,
Ouve as vozes de hum Numen teu Amigo.

XIX.

Apenas isto ouvio, o Varão Luso
Fixa os olhos na Nuvem aurea, e bella,
E contemplando-a hum pouco assás confuso,
Remos manda amainar, e a grande véla:
Longe de nós da Divindade o abuso;
Devemos respeitalla, em fim temella:
Dizendo assim, sobre o convéz prostrado
Ouve o Deos, que assim falla em alto brado:

XX.

Eu sou, ó Zargo, a Tutelar Deidade
Da fertil Ilha, que aportar procuras;
Desejo-te a maior prosperidade,
Que podem ter humanas Creaturas:
He por Lei da Suprema Divindade
Que alli te hão de hospedar meigas Venturas,
Mas cumpre-te evitar primeiramente
O dano, que te está quasi eminente.

XXI.

Sabe pois que o Deos Pan, o Deos Agreste,
Que habita os bosques desta Nova Terra,
Com Monstros infernaes, Tartárea Peste,
Alli te espera por fazer-te guerra:
Arma-te, ó Zargo, d'hum Poder Celeste,
Dos Nobres Lusos o pavor desterra;
E huma vez que alli fores assaltado,
Incendêa-lhe os bosques denodado.

XXII.

Assim farás os monstros vís do Averno
Fugirem para o Báratro profundo,
Estancia triste do Tormento eterno,
Do pavoroso Horror, do Pranto immundo:
Assim o manda o Deos Mais que Superno,
Para punir o Numen iracundo,
O Cornigero Numen, que Inimigo
Te pertende negar na Terra abrigo.

XXIII.

Has de nella encontrar cêpas viçosas
Em partes do Terreno transplantadas,
Já mostrando seus frutos pampinosas
Por máos da Natureza agricultadas:
Farás, que destas parras preciosas
Fiquem as terras brevemente inçadas,
Porque fação nos seculos vindouros
O Prazer das Nações, os seus Thesouros.

XXIV.

Seja pois esta a planta mais querida,
De que tratem os Incolas primeiros;
Seja a Terra de cêpas revestida
Em vez de Louros, Cedros, e Pinheiros:
A cultura das parras seja a lida
Dos que forem alli teus Companheiros;
Dizer-te nada mais me cumpre agora,
Na enseada, que vês, ó Zargo, ancora.

XXV.

Calou-se Thyoneo, só porque víra
Cruzando os ares velozmente Alecto,
Tremendo Aborto, que terror inspira,
De enormidades mil nefando Objecto:
Porque ás palavras ultimas ouvíra,
Aproximou-se ao Lenho o Monstro Infecto,
E em torno delle só tres gyros dando,
Para traz volta, os ares recortando.

XXVI.

XXVI.

Em quanto bate as plumas esta hirsuta
Negra Furia Avernal, Monstro sanhudo,
Buscando a opaca formidavel gruta
Do semicapro Numen gadelhudo;
De Zargo a Mente singular perscruta
O, quanto ouvíra, plácido, e sizudo;
E adorando em silencio a Divindade,
De tudo, quanto ouvio, se persuade.

XXVII.

Então sacando a voz do Peito ao seio,
Religiosamente assim se expressa:
O' Numen Bemfeitor, eu me glorejo
De vêr, que a minha Gloria te interessa:
Eu vou já de prazer, e valor cheio
Teus preceitos cumprir a toda a pressa,
Auxilia-me, ó Numen Bemfazejo,
Nos graves p'rigos, que vencer desejo.

XXVIII.

Sem Auxilio Supremo ninguem póde
Glorioso sahir d'arduas emprezas;
Se a Divindade aos homens não acode,
São sempre os homens da Desgraça Prêzas:
Inda que audaz humano o mundo rode,
Para Gloria alcançar pelas proezas,
Sem Auxilio do Ceo Piedoso, e Justo
Nunca verá da Gloria o rosto Augusto.

XXIX.

Embora estultamente alguns humanos
Projectem, sem favor da Divindade,
Perigos arrostar, sem temer danos
Confiados na vá Felicidade:
Inda que tarde, os miseros insanos
Conheceráõ, que a sá Prosperidade
He dádiva do Ceo, que só se alcança
Por auxilio do Ceo, não por pujança.

XXX.

Suspende a clara voz, ergue-se, e manda
O panno marear por ir ávante;
Ao brando sôpro d'huma aragem branda
Solta as azas o Passaro nadante:
Guiado pelas sirgas já demanda
A Terra, que apparece inda distante,
Da qual se vai de novo descobrindo
Novos Montes, que vão aos Ceos subindo.

XXXI.

Vendo Zargo já perto amena Praia,
Que formava huma placida Enseada,
Onde apenas o mar, quando se espraia,
A vaga mostra hum pouco encapellada;
Para alli lançar ferro então se ensaia;
E a Nautica Celeuma começada,
Colhe-se o panno, e a ancora bidente
Cahir da prôa sobre o mar se sente.

XXXII.

Porém já se mostrava duvidosa
A luz, que acompanhar costuma o Dia;
Parda Sombra vagava pressurosa,
„ Porque a Lampada Grande se escondia; „
Quando de todo surta a Quilha undosa
N'hum mar, que então apenas se movia,
Hospedada da plácida Bonança
Nos braços della plácida descança.

XXXIII.

Vendo Zargo, que tinha felizmente
Posto em parte limite a seus intentos,
Pertendeo entreter a Sua Gente
Aquella noite em mil Divertimentos
Veio o rubro Licor, puro, e Excellente
Inspirador de alegres pensamentos,
E apenas vitreas taças estão cheas,
Fervem os brindes, fervem as Coreas.

XXXIV.

Entretanto que tudo isto acontece,
A Nuvem, que escondia, aurirozada,
No seio a Thyoneo, desapparece
Velozmente cruzando a lactea estrada:
Nisto a Furia Avernal insana desce
De Pan á funda Gruta descarnada,
E com medonha voz, que a Gruta abala
Ao Semicapro Deos desta arte falla:

XXXV.

Cornigera Deidade, Hirsuto Nume,
Que impéras nestes bosques, e montanhas,
Sanhuda Raiva com buido gume
Me retalha frenetica as entranhas:
Atêa desde já da Guerra o lume,
Largue-se o freio ás indomaveis Sanhas,
As indomaveis Sanhas, que ferinas
Hão de fazer dos Lusos as ruinas.

XXXVI.

Da Grande Ilha bem perto já navega
O Lusitano Lenho aventureiro,
O Thyrsigero Deos he quem se emprega
Em conduzir o concavo Madeiro:
Como quem de amparallo se encarrega
Manda-o surgir no Porto lisonjeiro;
Mas não temas, ó Pan; quando se agastão,
Para tudo vencer as Furias bastão.

XXXVII.

Em quanto assim fallava a infernal Fera,
Estava o Deos Caprino pensativo;
Eis apparece a bárbara Megera,
Dos olhos chammejando hum fogo vivo:
Grande Pan, (diz a Furia) que se espera?
Ah! não percas o tempo fugitivo,
Para da Guerra manejar-se o açoite,
Aproveitemos a propicia Noite.

XXXVIII.

Já lá vão aos Antipodas levando
Do Sol o Carro os férvidos Ethontes:
Já semi-negras sombras vem toldando
Os altos cimos dos erguidos montes:
Já vão opácas sombras abafando
D'hum lado, e doutro os tristes horizontes;
E antes que sobre nós a Noite desça,
Disponha-se o Combate a toda a pressa.

XXXIX.

Eia (disse Tisiphone tremenda)
Disponha-se o terrifico Certame;
Para ordenar a rábida Contenda
Quero ir na testa do Cocytio Enxame:
Desta Furia Cruel á vez horrenda
Dos Monstros Avernaes a Tropa infame
Acode velozmente á Gruta fea,
Onde estulta, e frenetica vozea.

XL.

Tudo isto ouvindo triste, mudo, e quedo,
Por longo tempo esteve o Deos hirsuto,
Até que em fim, roubando-se ao segredo,
Desta sorte fallou o Informe Bruto:
Ah! não penseis, Eumenides, que ao medo
Succumbe o meu valor; se quedo escuto
Tudo, quanto dizeis, he porque penso
Do Nizeo Numen no Poder immenso.

XLI.

He Numen Filho do Supremo Jove
O Numen, que me tece ímpios enganos:
Talvez em fim que Jupiter approve
O favor, que elle présta aos Lusitanos:
Quem se intenta vingar, quem guerras move,
Prever deve primeiro infaustos danos;
O combater ás cegas he demencia,
O prever os futuros he prudencia.

XLII.

Deixemos pois, que os Lusos, sem receio,
Incautos pizem esta nova Terra,
Talvez, que do Prazer o doce enleio
Lhes occulte a traição, que aqui se encerra:
He n'hum valle de funchos todo cheio,
Que pertendo comvosco armar-lhes guerra;
He alli que eu pertendo vêr confusa
A mais que destemida Gente Lusa.

XLIII.

Talvez que os Lusitanos, que desejão
Esta Terra habitar a todo o custo,
Acoçados por nós a face vejão
Do formidavel descorado Susto:
Estultos, não se temem, não se pejão
De frentear com Pan, Numen robusto!
O' Demencia fatal, tu lhes preparas
Tragedias tristes do Furor nas aras.

XLIV.

Talvez que Thicneo valer não possa
Aos Lusitanos seus tanto prezados,
Huma vez que desabe a Tropa nossa
Sobre elles os furores seus malvados:
Talvez que não se opponha á furia vossa,
Vendo tantos mil Monstros assanhados:
E quando intente oppôr-se, talvez seja
Victima triste da Cruel Peleja.

XLV.

Emboscados em densos Arvoredos
Devemos pois (segunda vez vos digo)
Armados de pinheiros, e rochedos,
Espreitar cautelosos o Inimigo:
Quando o virmos nos magicos enredos
D'hum incauto prazer, prompto castigo
Devemos então dar-lhe ao crime feio
De tentar invadir Terreno alheio.

XLVI

Nada mais disse Pan: e as Furias baças
Em confusos violentos alaridos
Fazião feras negras ameaças
Aos Lusos em folias entretidos:
Destinando-lhes hórridas Desgraças
Os Monstros Infernaes enfurecidos
Longo tempo murmurão guinchão, mugem,
Bramão, grasnão, sibilão, fremem, rugem.

XLVII.

XLVII.

Em tanto que de Pan na Gruta Escura
Se ensaião os vís Monstros sempre insanos,
Para a chamma accender da Guerra dura
Contra os fortes Heroicos Lusitanos;
O Filho de Semele, que procura
Dos Lusos evitar os ímpios danos,
No Carro Divinal da Nuvem bella
Em guarda delles toda a noite véla.

XLVIII.

Nunca tão estrellada, e tão serena
Regeo a Noite o taciturno Imperio!
Nunca mais linda, mais brilhante scena
Appareceo no Lúcido Hemisferio!
Clara se distinguia a Terra amena,
Figurando-se bem no Espelho etherio,
E os Lusos em dulcisonos Cantares
Suspendião os Astros, Ventos, Mares.

XLIX.

Morales, cuja voz branda, e canora
A' do Thracio Cantor muito imitava,
Aos sons d'eburnea Cithara Sonora
Unindo a voz suave, assim cantava:
O' Gloria, dos Heróes Despertadora,
Apôs quem Zargo Invicto navegava,
Nesta Terra Feliz tu lhe preparas
Solemnes Cultos do Prazer nas aras.

L.

Seu Nobre Esfôrço, sua Sá Virtude
Merecem vantajosas recompensas;
Mascarada Lisonja não me illude,
Nem me enreda a Razão em nevoas densas:
Se o meu Estro não fôra hum tanto rude,
Suas Régias Acções em tudo immensas
Ao som da acorde Cithara cantára,
E aos Astros o Seu Nome sublimára.

LI.

Mas como póde, ó Ceos, batel pequeno
Navegar confiado em tenues vélas,
(Inda que as sópre Zephyro Sereno)
„ Hum Portentoso Golfão de Acções Bellas? „
Em grosso Lenho lá no Mar Tyrrheno
Soffreo Ulysses rábidas procellas;
E não hei de eu soffrer naufragio horrendo,
Por este immenso Golfão discorrendo?

LII.

A' minha Lyra pois se colha o panno,
Que no mar do Silencio fundeada
Não temerá por certo o fatal dano,
A que ella, navegando, anda arriscada:
Immortal Zargo, Illustre Lusitano,
Tua Gloria ser deve eternizada,
Mas não por mim: hum passarinho implume
Tomba do ninho, se voar presume.

LIII.

Taes palavras Morales entoava
Ao som da acorde Cithara, que pulsa;
E, porque já cantar não costumava,
Suspende a voz hum pouco já convulsa:
Com suave prazer isto escutava
Pasmada no Convez a Gente avulsa;
E apenas se suspende a voz cadente,
Viva Zargo, repete toda a Gente.

LIV.

Toda a noite em harmonicas folias
A Maritima chusma se entreteve,
E consumido o tempo entre alegrias
A noite pareceo espaço breve:
O' Aurora Gentil, tu, quando abrias
A Porta Oriental com mãos de neve,
Que festivos prazeres adejando
Viste em torno do Pinho em denso bando?

LV.

Não viste em roda ao Lenho alli surgido
O bello Coro das Nereidas bellas,
Offerecendo a Zargo Esclarecido
Mimosas prendas cérulas Capellas?
Não ouviste o Maritimo alarido,
E o das equoreas magicas Donzellas,
Que em harmonicos sons o ar fendião,
E em harmonicos sons aos Ceos subião?

LVI.

LVI.

Não viste em torno ao Lenho fundeado
Undivagos Delfins andar saltando,
Luzindo-lhes o dorso prateado
A' luz clara, que vinhas derramando?
Não viste em torno delle o mar coalhado
De escamosos Tritões barafustando?
Sim, tu viste, tu viste, Aurora Amena,
Transportada de gosto a grata Scena.

Fim do Canto Nono.

CANTO DECIMO.

ARGUMENTO.

MAnda Zargo a Rui Paes saber da Terra;
Desembarca; e no Tumulo saudoso,
Que Harfet triste, e Machim no seio encerra,
Rende graças ao TODO-PODEROSO:
Por evitar de Pan a horrivel guerra,
Aos Bosques fogo põe Zargo Animoso;
Volta ao Téjo, onde, apenas he chegado,
He por João Primeiro premiado.

I.

POr entre tenue Nuvem côr de rosa
Mal vinhão (como em languidos desmaios)
Da Gigantêa Tocha fulgorosa
Reluzindo os primeiros frouxos raios;
Quando Zargo com voz respeituosa,
Porque quer ter da Terra mais ensaios,
Manda hum certo Rui Paes, que audacia prova,
Com outros observar a Terra Nova.

II.

II.

Com elle muitos Lusos se partírão
Em demanda da Terra, já sem medo,
E bem perto da praia descobrírão
Novos Montes cobertos de arvoredo:
Para huns grossos calháos, q' a hum lado vírão,
Conduzindo o batel, sobre hum penedo,
Onde quebrava o mar menos violento
Desembarca Rui Paes a salvamento.

III.

Atrás delle tambem desembarcárão
Alguns dos Lusos, que levou comsigo,
E todos animosos se embrenhárão
Por entre arvores mil, sem medo ao p'rigo;
Dentro em poucos instantes encontrárão
O fatal melancólico Jazigo
De Harfet, e de Machim, a cuja vista
De todos hum não ha, que á Dôr resista.

IV.

Eis, lendo as inscripções alli gravadas,
A's duas Almas té na morte unidas
Sobre as cinzas no Tumulo encerradas
Tristes tributão lagrimas sentidas:
Com as faces em pranto inda banhadas,
E vivas expressões de Dôr nascidas
Vão logo recontar o Caso amargo
Ao Grande, ao Forte, mas Piedoso Zargo.

V.

Vendo este Capitão, que o seu Desejo
Tinha chegado á méta, a que aspirava,
Quiz o Dia passar todo em Festejo,
E prompto; para tudo, as ordens dava:
Lanto Banquete de valor subejo
Por mezas differentes se espalhava;
Em Urnas de crystal brilha o rozado
Licor ao Deos de Niza Consagrado.

VI.

Aquellas ricas Mezas singulares,
Que depois (na Grande Insula Divina)
Cobertos de vivificos manjares
Ao Gama preparou meiga Erycina;
Aquellas, em que Amor ergueo altares
A Ephyre na belleza peregrina,
„ Quando as formosas Ninfas co' os Amantes „
Se engolfavão em práticas tocantes;

VII.

Se forão (como dizem) excellentes,
Se forão (como dizem) preciosas,
Mais do que estas não forão innocentes,
Mais do que estas não forão sumptuosas:
Que infinitos manjares differenres!
Que finas iguarias saborosas!
Com que doce prazer, com que alegria,
Se entornava nos vazos a Ambrosia!

VIII.

Assim se foráo consumindo as horas
Do dia, que entáo rapidas voando,
Sobre as azas do Tempo dissonoras,
Se váo do Nada ao Cahos abysmando:
Succedem as da Noite, Precursoras
D'hum Dia sempre Grande, e Memorando,
Claro Dia, em que Zargo Ebriò de Gloria
Seu Nome recommenda á Lusa Historia.

IX.

Já de Titán os raios auri-finos,
Penetrando das Nuvens os enredos,
Douraváo com Luzeiros crystallinos
A Coma dos frondosos Arvoredos;
Quando Zargo, prevendo dos Destinos
Os sagrados recónditos segredos,
Com muitos Lusos mais desembarcava,
E por entre balseiros se embrenhava.

X.

Antes (dizia o Capitáo Piedoso)
Que mais se observe do Terreno inculto,
Mostrai-me o Monumento Luctuoso,
Em que jaz com Harfet Machim sepulto:
Quero alli sacrificio respeitoso
Render aos Ceos com reverente culto,
Sobre as cinzas de Amantes, que contemplo
Ser cada qual de Amor hum raro Exemplo.

XI.

Mas Rui Paes, que sabia da vereda,
Que hia dar de Machim na sepultura,
Na frente por mil arvores se enreda,
E o Monumento Lúgubre procura:
Deste triste Lugar a entrada véda
Huma Sombra de côr morena escura,
Que prohibe o chegar á Campa fria,
Sem que se entre do Susto em Companhia.

XII.

Apenas chegou Zargo ao Monumento,
Que os Amantes encerra no seu seio,
Mil ais roubando ao peito a cento, e cento,
Desfalece de susto, e mágoa cheio:
Longo espaço depois cobrando alento,
E á mortifera Dôr tomando o freio,
Pondo os olhos nos Ceos, geme, suspira,
E estas vozes fataes do peito tira:

XIII.

Benignos Ceos, que humano despiedado
Póde sem mágoa vêr indifferente
O Trágico Theatro desgraçado,
Patibulo do Amor mais innocente?
He preciso, que fosse homem gerado
Entre os Monstros Cruéis da Libya ardente,
E que do leite seu fosse nutrido
Aquelle, que isto visse empedernido.

XIV.

Famінta Morte, a Dôr, que me consome,
Me obriga a não temer p'rigos, e danos;
Não bastão a fartar-te a voraz fome
Aquelles, que são victimas dos annos?
Sem respeitar Virtude, idade, ou nome,
Assim matas misérrimos humanos?
Inda tens, para encher, mais sepulturas,
De innocentes humanas Creaturas?

XV.

Quando de Harfet a vida preciosa
Interessava mais a Machim triste,
Tu, ó Morte cruel, sediciosa
Sobre ella mortal Golpe despediste:
Como a bonina candida mimosa
Em flor cortada sobre a terra a viste,
Desgraçado Machim; e em tempo breve
O mesmo fim tiveste, que ella teve.

XVI.

Qual Caçador de alados passarinhos,
Que, encontrando a Avezinha descuidada,
A faz cahir dos tremulos raminhos
Do veloz chumbo matador cortada;
Tal tu, ó Morte, á sombra destes pinhos,
E cédros, de que a Campa está cercada,
Cahir fizeste Harfet, sem mais respeito,
Da sepultura no funéreo Leito.

XVII.

Não lhe valêrão votos innocentes
Feitos aos Ceos por seu Amante afflito;
Não lhe valêrão súpplicas frequentes
Da mortal Dôr no misero conflito:
Não lhe valêrão lagrimas ardentes
Desprendidas em número infinito;
Tudo baldado foi, pois, sem piedade,
Te ensurdeceste á voz da Humanidade.

XVIII.

Sobre hum golpe outro golpe desfechaste,
Sem que eu possa dizer qual foi mais triste,
Se aquelle, em que a Machim Harfet roubaste,
Se aquelle, em que a Harfet Machim uniste:
Ao centro deste Tumulo arrojaste
Corpos, que Amor ferio, e tu feriste;
Mas (que diff'rença!) Amor lhes dava vida,
E tu lhes deste a morte na ferida.

XIX.

Porém que scena horrivel se apresenta
Aos tristes olhos meus, oh! Ceos sagrados!
Eu vejo, eu vejo a Morte macilenta
Sobre o seu Throno d'ossos esburgados!
Tendo na dextra a fouce truculenta,
Tinta em sangue d'humanos lacerados,
Parece, que preside á sepultura,
Em que os Symbolos jazem da Ternura!

XX.

Parece-me estar vendo em torno della
Vaguearem Fantasmas Pavorosos,
Em quanto triste Amor a hum lado anhela,
Soltando a furto roucos ais saudosos!
Amor as aureas tranças arrepela,
Affoga em pranto os olhos lacrimosos,
E nos braços da pállida saudade
Da vil Morte pragueja a crueldade.

XXI.

Mas ah! que escuto, ó Ceos, que voz divina
Me falla ao coração dentro no peito!
Que voz, que doce voz meiga me ensina
A suffocar a Dôr, que me ha desfeito!
Que Luz brilhante a Mente me illumina!
O' Natureza, a tua voz respeito;
Razão, a tua Luz pura, e sagrada
Mostra, que a vida do Mortal he nada.

XXII.

Quantas vezes do berço se tem visto
Descer á sepultura o tenro Infante,
E quantas o mancebo mais bem quisto
Imberbe desce ao Tumulo constante?
Se vendo estamos tantas vezes isto,
No Theatro do Mundo a cada instante,
Para que he prantear com tanto excesso
(A pezar de inaudito) este successo?

XXIII.

Amigos meus, ao pé deste Cypreste
Levante-se hum Altar a DEOS PROPICIO;
No escuro seio deste sitio Agreste
Vamos fazer solemne Sacrificio:
Rebombem pela Abóbada Celeste
Ecos, que dem de gratidão indicio,
E ao mesmo tempo sirvão de suffragios
Por quem morreo da Dôr entre os naufragios.

XXIV.

Inda não tinha bem Zargo acabado,
Quando ao pé do Cypreste, que assombrava
O frio Mausoléo, Altar Sagrado
Para o Divino Culto se approntava:
Já Casto Sacerdote Immaculado
O Puro Sacrificio começava,
E sobre nuvens candidas de incensos
Hião subindo ao Ceo votos immensos.

XXV.

Já nos ricos thuribulos ardia
O Incenso, que o Lugar aromatiza;
Ao Culto Divinal Zargo assistia
Com tal Religião, que o diviniza:
Os Lusos deste Heróe na companhia,
Que por suas virtudes se abaliza,
Ladeando o funéreo Monumento,
Imitão este Heróe no acatamento.

XXVI.

Sagrados hymnos todos entoárão
Unidos em louvor do OMNIPOTENTE;
As mãos, e os olhos para os Ceos alçárão,
Dando graças a DEOS solemnemente:
Depois saudosos, tristes derramárão
Sobre o Tumulo frio pranto ardente,
Rogando ao Salvador pelas venturas
Das almas das sepultas creaturas.

XXVII.

Findou-se o culto fervoroso, e puro;
E á voz do Grande Zargo os Lusitanos
O centro deixão deste Bosque escuro,
Por vêr montes, e valles Insulanos:
Pizando parte do Terreno duro,
Sem encontrarem Pan, nem seus Sylvanos,
Colhêrão frutos, surprenderão Aves,
Lindas na fórma, no cantar suaves.

XXVIII.

O dia quasi todo consumírão
Em fundos valles, em agrestes montes,
Por onde a cada passo amenas vírão
Nascer fecundas crystallinas fontes:
Para o Lenho ancorado se partírão,
Quando já nos distantes horizontes,
Por vêr as dubias luzes, que restavão,
Da Noite as pardas sombras se assomavão.

XXIX.

Quando inda apenas a manhá rompia,
Já Zargo, muitos Lusos ajuntando
Em dois grandes bateis, ondas fendia,
A verde fertil Ilha costeando:
Pontas, praias, rebeiras descobria,
A que célebres Nomes hia dando;
Dobra alta ponta, dá n'huma enseada
Amena, grata, limpa, e socegada.

XXX.

Descobre Zargo hum valle ameno, e fundo,
Por onde tres ribeiras serpejavão,
D'arvoredos despido, e só fecundo
Em funchos, que alli ferteis abundavão:
Os hálitos fragrantes do jucundo
Funchoso valle os ares perfumavão;
Montes em meio circulo frondosos
Lhe servião de guarda numerosos.

XXXI.

Deo Zargo ao valle do Funchal o Nome,
E n'hum lado d'aquelle Porto amigo,
Porque de noite então descanço tome,
De dois grandes Ilhéos buscou o abrigo:
Alli a noite plácido consome,
Sem desgosto, sem susto, sem perigo,
E quando apenas vinha amanhecendo,
Já novos mares Zargo hia fendendo.

XXXII.

Novas pontas, e praias descobrindo
Cobertas de Arvoredo emmaranhado,
Que das ondas se vê no espelho lindo,
Do seu proprio verdor como encantado;
Depois de discorrer por mar infindo,
Mar ainda até'lli nunca sulcado,
Descobrio huma Praia deleitosa,
A que deo logo o Nome de Formosa.

XXXIII.

Depois entrando plácida Bahia,
Descobre em negro mármore entalhada
Húmida Lapa cavernosa, e fria,
Por mil Marinhos Lobos habitada:
Entretida de alguns na pescaria
Muita parte da tarde foi passada;
E á Lapa, que de Lobos era rica,
De Camara de Lobos nome fica.

XXXIV.

Volta Zargo aos Ilhéos, onde contente
Outra vez pernoitar tem pertendido;
E alli tarde da noite escuta, e sente
Medonho estrondo horrisono ruido:
Era o Caprino Deos, que insanamente
Contra os Lusos armado, e enfurecido
Posto na frente do Tartareo Enxame
Dispunha o cego barbaro certame.

XXXV.

Em quanto as negras Furias vozeavão,
As monstruosas Górgonas fremião,
As Harpias aligeras grasnavão,
E os Centauros indómitos rugião:
As Scyllas, quaes Serpentes, sibilavão,
Quaes Javalís os Sátyros grunhião,
E era tão dissonante a horrenda grita,
Quanto a Gloria de Zargo era infinita.

XXXVI.

Lembrando-se então Zargo do que ouvíra
A' da Grande Ilha Sacra Divindade,
Pondo os olhos na Nuvem, que inda gira
Na Etherea Região com magestade,
Taes palavras do centro d'alma tira:
O' tu, por mim Incognita Deidade,
Protege os Lusos: ah! não fique inulta
A forte Gente, que o vil Pan insulta.

XXXVII.

Isto dizendo, espera, que amanheça,
E junto á praia do Funchal chegando,
Mais que animoso á Terra se arremessa,
Com outros Lusos mais desembarcando:
Do Bosque mais visinho a toda a pressa
A's matas vivas chammas applicando,
Começão-se a atear chammas ferinas,
Talando Montes, Valles, e Campinas.

XXXVIII.

D'improviso ateada a labareda
Com sanha incrivel, com furor insano,
Do bosque o Luso Heróe se desenreda,
Temendo o fogo mais que o Deos Sylvano:
Da praia do Funchal eis que se arreda,
Rasgando as salsas ondas do Oceano,
Entre nuvens de fumo vê brilhantes
Semeadas as chammas estalantes.

XXXIX.

Já se unem os bateis ao Lenho cavo,
Já salta no convéz a Lusa Gente,
E o forte Capitão de animo bravo
Parece mais que nunca estar contente:
Entretanto o Caprino Deos ignavo,
Que incendiados os seus bosques sente,
Estulto de furor, de raiva brame
Por entre as filas do Cocytio Enxame.

XL.

Bem como quando rábida Tormenta,
Horrisona troando, abafa os ares,
Das entranhas de nuvem corpulenta
Tombando sobre a Terra, e sobre os mares:
Retrôa a vozeria truculenta
Dos indómitos Monstros, que a milhares,
Subindo aos cumes dos agrestes serros,
Do peito arrancão dissonantes berros.

XLI.

Do Lilybeo o Cyclope sanhudo,
A quem o Grego Undivago cegára,
Cravando-lhe na fronte hum páo agudo,
Que o redondo Luzeiro lhe eclipsara;
Quando arrancou pinheiros, montes, tudo,
Com violento furor, com força rara,
Para cego arrojar ás Náos de Ulysses,
Que lhe escapavão pelo mar felices;

XLII.

Tantos troncos, rochedos, e montanhas
A's ondas não lançou do mar Tyrrheno,
Quantos alli com forças mais que estranhas
Arroja o Córneo Deos ao Mar sereno:
Chammas de raiva sólta das entranhas,
E, exhalando pestifero veneno,
Para a parte, em que o fogo se ateava,
Atrás de montes montes atirava.

XLIII.

Achando mais materia, o fogo activo
Cada vez mais voraz se ensoberbece;
Assanha-se tão rápido, tão vivo,
Que querer abrazar o Ceo parece:
Por algum tempo então Pan pensativo
Ser castigo de Jove reconhece,
E mais timido alli, que furibundo,
Falla aos monstros do Báratro profundo.

XLIV.

Claro está (disse Pan) que o Grande Jove
A Baccho favorece, e aos Lusitanos,
A Dextra, que fez tudo, e tudo move,
He que semêa sobre nós os danos:
Para que em fim mais danos se náo prove,
Ao Tártaro baxai: com meus Sylvanos
Vou-me encerrar da gruta no recinto,
Até que o forte incendio seja extinto.

XLV.

Isto dizia, quando a Noite escura
No seu Carro de sombras carregado
Tocava da Grande Ilha a terra dura
Do Thyrsigero Numen por mandado:
Do negro Tártaro á morada impura
Desce o Carro veloz, então tirado
Pelas rabidas Furias, conduzindo
Dos Monstros Avernáes o bando infindo.

XLVI.

Já sem remedio o Bosque todo ardia,
E a muitos mais as chammas emprestava,
Lascada pelo fogo a penedia,
Saltando pelos ares, estalava:
Pan, que timido alli tudo isto via,
Com que cada vez mais se horrorisava,
A' Gruta corre com seus Faunos destro
Furioso praguejando o Fado Sestro.

XLVII.

XLVII.

Em quanto isto acontece, o Grande Zargo
Pertendia ao romper da Madrugada
O Lenho dar ás ondas do Mar largo
Demandando Ulyssea Celebrada:
Já Morales, que então tinha a seu cargo
Os aprestos da Quilha fundeada,
Em ordem pondo o Lenho, e pondo tudo;
Manda levar o ferro dentagudo.

XLVIII.

Vinha de Venus a fulgente Estrella
Mensageira Gentil da branca Aurora
Mostrando no Oriente a face bella,
A face luminosa, e brilhadora:
Quando Morales, desprendendo a véla
Aos sôpros d'huma aragem tentadora,
A' Frondosa Madeira a pôpa dando,
Hia serenamente ondas cortando.

XLIX.

Corria pelo mar a undante Quilha,
Deixando atrás assignalada a esteira;
Entre Nuvens se esconde a fertil Ilha,
A sempre fertil Ilha da Madeira:
Já Zargo as ondas plácidas retrilha,
Que a Terra lavão, que lhe está fronteira;
Já tambem deixa atrás o Porto Santo,
Dos Habitantes seus com raro espanto.

L.

Era alta noite, quando os Nautas vírão
Hum confuso Clarão, que o Ceo dourava,
Ser do Incendio fatal se persuadírão,
Pois que então pela pôpa lhes ficava:
Quanto mais delle os Lusos se retírão,
Mais crescia o Clarão, mais se ateava;
Parecia a flammigera Madeira
Do Mongibello a Imagem verdadeira.

LI.

Assim forão cortando o mar sereno
Os Lusos immortaes Descobridores,
„ Até que houvêrão vista do Terreno, „
Onde muitos dos quaes tinhão amores:
„ Entrárão pela foz do Téjo ameno „
Com assombro dos seus Habitadores;
Que já de longe o Lenho conhecendo,
A's praias vinhão com prazer correndo.

LII.

Com mão de rosas, e jasmins formada
Doze vezes a Estrella refulgente,
Precursora fiel da Madrugada
Havia aberto as portas do Oriente:
Quando a nadante quilha embandeirada
Do Téjo abria a plácida corrente,
E Ulyssea mais leda, que saudosa,
Abria a Zargo os braços carinhosa.

LIII.

Agora, Filho meu, (diz Ulyssea)
Terás o galardão, e Gloria certa;
A Quilha undante de bandeiras chea
Me annuncia a Famosa Descoberta:
Se exposto ás Furias da Tormenta fea
Navegaste atéqui por via incerta,
Vens hoje descançar no Collo amigo
Da Mãi saudosa, que te offerta abrigo.

LIV.

O Primeiro João, Esse Monarca,
Cujo Nome Immortal será levado
Além das metas, que o Oceano marca,
E até d'hum Polo a outro congelado;
João Primeiro, cuja Gloria abarca
A immensa Mole d'hum feliz Reinado,
Ancioso te espera, para dar-te
O premio desta Acção, para illustrar-te.

LV.

Os Ceos, os Justos Ceos jámais deixárão
As heroicas Acções sem recompensa,
E por isso talvez lhe destinárão
Mais esta, que vem dar-lhe gloria immensa:
Com esta Descoberta premiárão,
Ainda mais, do que talvez se pensa,
As Decantadas Célebres Proezas
Por Elle obradas em milhões de Emprezas.

LVI.

Tem Segurado o Throno Lusitano,
De Louros coroando a Regia Frente;
Fez de susto tremer o bravo Hespano
Mostrando-lhe da Guerra o raio ardente:
Do seu Insigne Esforço mais que Humano
He Testemunha ainda a Lusa Gente:
Ninguem mais falle, Aljubarrota diga
Os estragos, que fez á Gente Imiga.

LVII.

O Grande Henrique, o Infante Virtuoso,
Que se tem feito em tudo Memorando,
Tambem te espera ha tempos Ancioso,
Premiar teus Serviços projectando:
Ah! vem ó Filho meu, vem Glorioso
A's Honras dar-te, que em risonho bando
Colhem da Gloria nos Jardins floridos,
Para ti, Louros, que te são devidos.

LVIII.

Disse: e apenas ancorava o Pinho,
Se vírão pelo Téjo Aves Nadantes
Aos Zephyros soltando azas de linho
Adornadas de flammulas tremantes:
Bebem os Nautas rubicundo vinho;
Resoão vivas mil altissonantes,
E em breve espaço o Lenho fundeado
De festivos bateis se vê cercado.

LIX.

Dos Lusos confusissimo ruido
Se escuta alli com estranheza rara:
Hum quer vêr o seu filho, que perdido
Tantas vezes frenético chorára:
Quer outro vêr o Pai, o Pai querido,
Cuja perda mil vezes pranteára:
Qual, vendo o Amigo seu, fica contente;
Qual se enche de prazer, vendo o parente.

LX.

Com applauso do Povo Tagitano
Chegando Zargo de Ulyssea á praia,
Entre os braços do Infante Lusitano
Ebrio de Gloria, e de Prazer desmaia:
Para fallar depois ao Soberano,
Tornando então a si, o Heróe se ensaia,
E já de Henrique ao lado a pleno passo
Piza as Salas Reaes do Regio Paço.

LXI.

Mal chega ao Pé do Throno, ao Rei declara
Faustos successos da feliz viagem,
E como a fertil Ilha amena achára,
Que lhe offerta por mãos da vassallagem:
Diz-lhe mais que Madeira lhe chamára
Por ter tantos pinhaes, tanta ramagem
De Cédros, Louros, Tís, que apinhoada
Parecia ser de arvores formada.

LXII.

LXII.

Finalmente lhe diz, que elle accendêra
O fogo, que os seus Bosques devorava,
Por castigar de Pan a sanha féra,
Que insidias infernaes lhe maquinava:
O Rei, que tudo então Sábio pondera,
A Zargo entre seus braços apertava,
E á Soberana Voz largando o freio,
Desta sorte fallou de Prazer cheio:

LXIII.

Henrique, Filho Meu, nesse teu rosto
Lendo estou teu Desejo assás bem justo:
Tu queres ter a Gloria, ter o Gosto
De premiar a Zargo a todo o custo:
Em fim por breve instante seja posto
Nas Tuas Mãos o meu Poder Augusto;
Elege o Premio, que dar devo a Zargo;
Eu tudo approvarei d'Animo Largo.

LXIV.

A Ti (que hum tão feliz Descobrimento
Despertaste, contando co' a victoria,
E que trabalhas tanto pelo augmento
Do meu Reino, e da Fé) compete a Gloria
De premiar o Seu Merecimento:
Perpetúas assim Nossa Memoria;
Nas Mercês, que por ti lhe forem dadas,
Deixas Nossas Acções perpetuadas.

LXV.

A taes vozes o Infante Agradecido
A Dextra beija ao Pai por tanto indulto,
E voltando-se a Zargo Esclarecido,
Assim lhe falla com sereno vulto:
O teu Procedimento, que tem sido
Digno de inveja, de respeito, e culto,
Vai ter o Galardão Sublime, e Regio,
Que he bem devido a teu Valor Egregio.

LXVI.

Isto dizendo; deo-lhe o verdadeiro
Preexcelso Esplendor da Fidalguia;
Deo-lhe o Claro Brazão d'Armas, Primeiro,
Que de Camera o Titulo trazia;
Deo-lhe em fim, por mostrar-se Justiceiro,
Do Funchal a Feliz Donataria;
Premios estes, que o Pai Benigno approva,
Mandando-o povoar a Terra Nova.

LXVII.

Eis aqui, Patria minha, Decantado
O Teu Feliz Descobridor Preclaro,
Cujo Nome roubei não infestado
Do Lethes Infernal ao bojo avaro:
Eis aqui o Heroismo premiado;
Eis aqui para o Mundo Exemplo Claro,
De que não perde o Premio o Bom Vassallo,
Que em servir hum Bom Rei faz seu regalo.

LXVIII.

Os Principes, que os méritos premêão,
Suas Acções, e Nomes eternizão;
Dos Povos seus Adorações grangeão,
E a pezar de Mortaes se divinizão:
Seus Vassallos de os vêr se lisongeão;
E com provas fiéis caracterizão
A sua Vassallagem, não manchada
Pela vil nódoa da Traição damnada.

LXIX.

Não mais, Diva, não mais, pois felizmente
Cheguei á méta da arriscada Empreza:
A Tuba se deponha, que sómente
Soprou a doce voz da Natureza:
Deixa que a Idade me encaneça a frente,
E que o meu Estro alcance mór firmeza;
He então, he então, Deosa, que espero,
Embocar o clarim do Grande Homero.

LXX.

Sim, ó Principe Luso, Que a ventura
De mil Povos Fazeis em toda a parte,
Do Paternal Amor... (e còm ternura)
Arvorando o Pacifico Estandarte,
Então Vossa Virtude Augusta, e Pura,
,, Se a tanto me ajudar o Engenho, e Arte; ,,
Do Esmirneo Vate no Clarim Facundo
Cantando, espalharei por todo o Mundo.

Fim do Decimo, e ultimo Canto.